

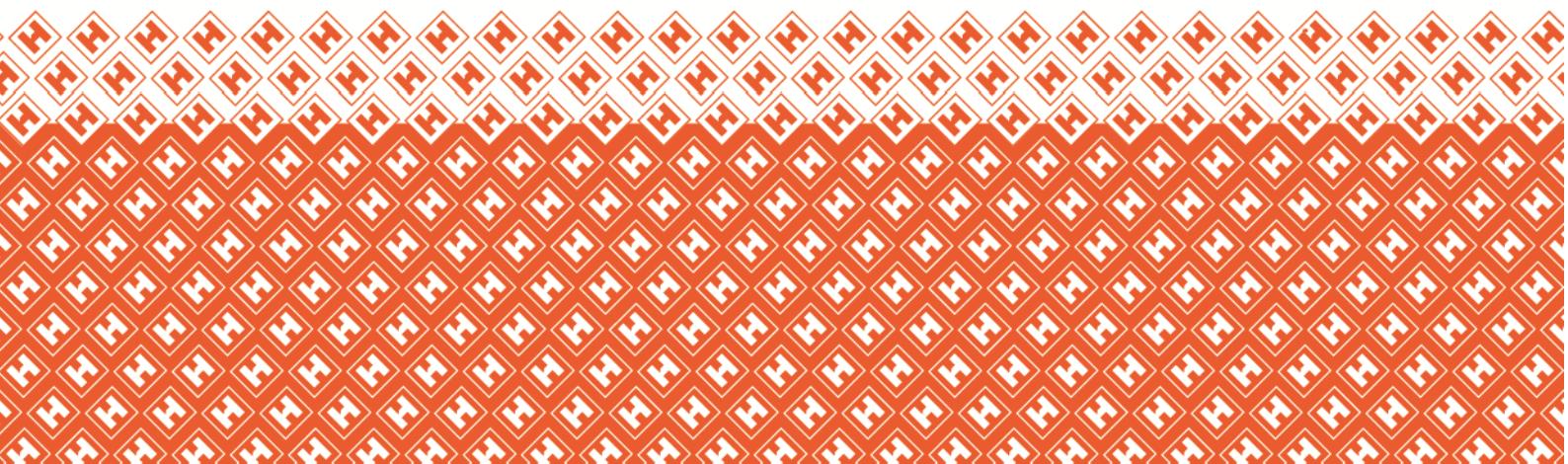


---

GOLBERY GREGÓRIO DA SILVA LIMA

O ENSINO DE HISTÓRIA E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES EM BURITI  
DOS LOPES-PI ENTRE 1978 A 2024: UMA OFICINA DE FORMAÇÃO DOCENTE EM  
GÊNERO E HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**  
**FEVEREIRO/2025**



GOLBERY GREGÓRIO DA SILVA LIMA

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES EM  
BURITI DOS LOPES-PI ENTRE 1978 A 2024: UMA OFICINA DE FORMAÇÃO  
DOCENTE EM GÊNERO E HISTÓRIA**

Dissertação apresentada à banca de qualificação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, *Campus Alexandre Alves de Oliveira*, como requisito para obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho

**PARNAÍBA – PI**

**2025**

L732e Lima, Golbery Gregorio da Silva.

O ensino de história e a representatividade das mulheres em Buriti dos Lopes-PI entre 1978 a 2024: uma oficina de formação docente em gênero e história / Golbery Gregorio da Silva Lima. 2025.

146f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), 2025.

"Orientador: Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho".

1. Ensino de História. 2. História das Mulheres. 3. Gênero.

4.

Formação Docente. 5. Buriti dos Lopes-PI. I. Marinho, Joseanne Zingleara Soares . II. Título.

CDD 981.22

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI

GRASIELLY MUNIZ OLIVEIRA (Bibliotecário) CRB-3<sup>a</sup>/1067

GOLBERY GREGÓRIO DA SILVA LIMA

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES EM  
BURITI DOS LOPES-PI ENTRE 1978 A 2024: UMA OFICINA DE FORMAÇÃO  
DOCENTE EM GÊNERO E HISTÓRIA**

Dissertação apresentada à banca de qualificação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, *Campus* Alexandre Alves de Oliveira, como requisito para obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho

**Aprovada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho (Orientadora)  
UESPI/CAMPUS POETA TORQUATO NETO/ProfHistória

---

Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho (Examinador Interno)  
UESPI/CAMPUS CLÓVIS MOURA/ProfHistória

---

Prof. Dr. Francisco Assis Sousa Nascimento (Examinador Externo)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)

Dedico à minha esposa Indira de Carvalho, pela força e paciência no percorrer desta jornada, à minha mãe fonte de inspiração, força e grande inspiração na minha vida acadêmica e aos meus filhos Luiz Henrique e Maria Cândido.

## AGRADECIMENTOS

Completar esta qualificação é a realização de uma jornada significativa, especialmente para um professor da rede pública, que acredita no poder transformador da educação. Ao longo deste percurso, ficou claro para mim que discutir questões de gênero na sala de aula não é apenas uma necessidade, mas uma responsabilidade. Cada etapa superada reafirmou meu compromisso com a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de promover mudanças positivas na sociedade. A educação pública de qualidade, que inclui uma abordagem sensível e informada sobre gênero, é fundamental para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Minha profunda gratidão vai à minha orientadora, Joseanne Zingleara, cuja orientação foi essencial para a realização deste trabalho. Sua sabedoria e dedicação não apenas me guiaram academicamente, mas também fortaleceram minha compreensão sobre a importância de discutir gênero no ambiente escolar.

Aos meus familiares, agradeço imensamente por estarem sempre ao meu lado. O apoio incondicional, foi crucial para que eu pudesse me dedicar a este estudo. Agradeço também a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegassem até aqui, mesmo que indiretamente. Cada palavra de incentivo e cada gesto de apoio foram fundamentais para que eu superasse os desafios e continuasse a acreditar no poder da educação para promover a igualdade e a justiça social.

Agradeço ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) pela oportunidade de crescimento acadêmico e profissional, que proporcionou os conhecimentos e ferramentas indispensáveis para a realização deste trabalho. Minha gratidão estende-se ao corpo docente do programa, por compartilhar suas valiosas contribuições teóricas e metodológicas, e à coordenação, pela organização e pelo apoio constantes ao longo do percurso.

Meus Agradecimentos aos membros da banca de defesa, Prof. Dr. Francisco Assis Sousa Nascimento e Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho, pelas contribuições realizadas para os encaminhamentos da conclusão da dissertação.

Finalmente, agradeço a Fabrício Lima Moura, que realizou a revisão ortográfica e de ABNT do texto final.

*“O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos.” (Adichie, 2015, p. 20).*

## RESUMO

Nesta dissertação, é realizada uma análise e também apresentada uma proposta de intervenção educativa para o ensino de História, com foco nas questões de gênero e representatividade feminina na cidade piauiense de Buriti dos Lopes, através do recorte temporal de 1978 a 2024. O objetivo é capacitar professores e professoras da rede municipal de ensino a incorporar a história das mulheres e as questões de gênero em suas práticas pedagógicas, através de uma oficina para a formação docente. Esta estratégia foi escolhida como metodologia por permitir a construção do conhecimento, em que a reflexão e a prática se desenvolvem coletivamente, proporcionando para os professores as ferramentas de abordagem das questões de gênero de maneira crítica e reflexiva em suas aulas. As intervenções propostas neste trabalho abordam a história das mulheres no contexto local, com o intuito de capacitar os professores a reconhecer e valorizar as contribuições femininas na história de Buriti dos Lopes. A pesquisa baseou-se em pressupostos teóricos e metodológicos, utilizando uma abordagem bibliográfica, documental e de campo, de forma qualitativa. Utilizamos nessa pesquisa como referência autores como Del Priore (2004), Crenshaw (1989), Butler (1990), Leal (2015) e Lima (2019). A escolha da abordagem visa proporcionar um espaço colaborativo, onde os educadores podem desenvolver estratégias para incorporar as questões de gênero, promovendo um currículo mais inclusivo e contribuindo para uma educação pública mais equitativa e consciente das dinâmicas de poder que moldam a sociedade.

**Palavras-chave:** Ensino de História; História das mulheres; Gênero; Formação Docente; Buriti dos Lopes-PI.

## ABSTRACT

This dissertation presents an analysis and a proposal for educational intervention for the teaching of History, focusing on gender issues and female representation in the city of Buriti dos Lopes-PI, in Piauí, Brazil, covering the period from 1978 to 2024. The objective is to train teachers in the municipal education network to incorporate women's history and gender issues into their pedagogical practices, through a workshop for teacher training, which was chosen as a methodology because it allows the construction of knowledge, where reflection and practice develop collectively, providing teachers with the tools to address gender issues in a critical and reflective manner in their classes. The interventions proposed in this work address the history of women in the local context, with the aim of enabling teachers to recognize and value female contributions in the history of Buriti dos Lopes. The research was based on theoretical and methodological assumptions, using a bibliographic, documentary and field approach, in a qualitative way. We used as reference authors in this research such as Del Priore (2004), Crenshaw (1989), Butler (1990), Leal (2015), Lima (2019). The choice of approach aims to provide a collaborative space, where educators can develop strategies to incorporate gender issues, promoting a more inclusive curriculum and contributing to a more equitable public education that is aware of the power dynamics that shape society.

**Keywords:** Teaching History; Women's History; Gender; Teacher Training; Buriti dos Lopes-PI.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Mapa da Cidade de Buriti dos Lopes – Piauí – Brasil .....	52
<b>Figura 2</b> - Zezita Cruz Sampaio.....	60
<b>Figura 3:</b> - Eulina Escórcio Alexandrino .....	62
<b>Figura 4:</b> Associação de Desenvolvimento Comunitário dos produtores da comunidade de Lagoa do Buriti.....	65
<b>Figura 5:</b> Autor ministrando oficina: Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula em 09.12.2024.....	107
<b>Figura 6:</b> Participantes da Oficina .....	108
<b>Figura 7:</b> Autor ministrando oficina: Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula em 09.12.2024.....	109
<b>Figura 8:</b> Artesanato local confeccionados por mulheres para a utilização de material didático nas oficinas. ....	110
<b>Figura 9:</b> Materiais de artesanato local confeccionados por mulheres para a utilização de material didático nas oficinas. ....	111
<b>Quadro 1:</b> Análise das percepções dos professores participantes da oficina "Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula .....	111

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
LOE – Lei Orgânica Estadual  
SEMED – Secretaria Municipal de Educação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I - GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA EM BURITI DOS LOPES.</b>	<b>22</b>
<b>2.1</b>	<b>Os Sujeitos da história: as representações femininas e as relações de gênero .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>Por um Ensino Dialógico: a emergência das questões de gênero e a questão do currículo no ensino de história .....</b>	<b>32</b>
<b>2.3</b>	<b>Desafios e Possibilidades: por uma inclusão do gênero no ensino de história.....</b>	<b>45</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II - O ENSINO DE HISTÓRIA Á LUZ DE QUESTÕES DE GÊNERO EM BURITI DOS LOPES – PIAUÍ .....</b>	<b>56</b>
<b>3.1</b>	<b>Buriti dos Lopes: um objeto de estudo .....</b>	<b>57</b>
<b>3.2</b>	<b>Trabalho Feminino no Campo em Buriti dos Lopes - PI: Invisibilidade, Registros Sindicais e Articulações Locais.....</b>	<b>62</b>
<b>3.3</b>	<b>O Ensino em Buriti dos Lopes: repensando e propondo questões de gênero.....</b>	<b>71</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III - GÊNERO E HISTÓRIA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E PROMOVENDO A IGUALDADE NA SALA DE AULA .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1</b>	<b>Aspectos Metodológicos da Oficina Escolar: primeiras notas.....</b>	<b>93</b>
<b>4.2</b>	<b>Construindo uma Oficina Escolar: recursos e etapas.....</b>	<b>102</b>
4.2.1	Análise da trajetória das mulheres de Buriti dos Lopes entre 1978 e 2024. .....	105
<b>4.3</b>	<b>Resultados: oficina sobre gênero no âmbito escolar .....</b>	<b>107</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>115</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>128</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Mediante as dificuldades de se trabalhar e compreender as perspectivas historicistas, pude me deparar com várias barreiras e percalços ao longo dos meus quase 17 anos de sala de aula como professor da disciplina História no Ensino Básico. Desde a falta de estrutura predial, com escolas mal cuidadas fisicamente, passando pela falta de gestão adequada e despreparo por parte dos dirigentes da educação até a escassez de materiais didáticos para aplicação pedagógica, além da falta de incentivos e investimento em qualificação profissional, barreiras estas que atrapalham o desenvolvimento da educação, mas não impedem de estarmos sempre em busca de alternativas para melhorias, tanto do ensino em sala de aula quanto do próprio conteúdo a ser ministrado.

Dessa maneira, praticando o diálogo e discutindo a educação, baseado em conversas com alunos e professores de história de Buriti dos Lopes, observei que havia uma carência nos assuntos de história referentes à própria cidade, e, sobretudo, a história relativa às mulheres, o que me causou uma inquietação. Isso ficou nítido principalmente no último concurso público (2022) para professores de história em Buriti dos Lopes, a partir do qual foi revelado um grande desconhecimento sobre a história local, uma vez que os conteúdos cobrados pela banca responsável não contemplavam assuntos que remetessem à rica história da cidade com a participação das mulheres, como as cafezeiras buritienses e benfeitoras das festas do arroz e do bagaço, tradicionais manifestações populares com intensa participação feminina, que movimentam o cotidiano e a vida cultural da cidade.

Buscando entender as necessidades mais emergentes do Ensino de História na cidade de Buriti dos Lopes-PI, onde resido e leciono, me deparei com uma realidade que não é exclusiva de região, mas que precisa ser tratada com mais atenção e com o devido cuidado por parte de quem está na linha de frente da educação. Trata-se de uma maior exploração do Ensino de História, tendo em vista o englobamento espacial do lugar onde estão inseridos o aluno e as suas representatividades, ou seja, explorar o Ensino da História local.

Partindo desse princípio, propomos nessa dissertação, realizar uma pesquisa a respeito da história local, voltada, sobretudo, para um campo que também vem crescendo como alternativa para o ensino de História, <sup>1</sup>(2004, p. 6), “[...] não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua

---

<sup>1</sup> DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2004.

sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos”.

É importante ressaltar que ao longo da história houve períodos em que a figura feminina foi amplamente subjugada e tratada como objeto de posse. As mulheres, eram mais do que hoje, sujeitas a regras impostas pela sociedade, que as colocavam em uma posição de subordinação em relação aos homens. Essa dinâmica patriarcal<sup>2</sup> limitava a liberdade e autonomia das mulheres, restringindo-as de forma autoritária e tratando-as como propriedades dos homens.

Essa visão histórica está respaldada em inúmeras fontes e estudos que abordam a opressão e a desigualdade de gênero ao longo dos tempos. Por exemplo, a historiadora Joan Scott<sup>3</sup> (2011, p. 21) observa que: "A subordinação das mulheres aos homens tem sido uma característica duradoura das sociedades ocidentais". Nesse mesmo sentido, a filósofa Simone de Beauvoir<sup>4</sup> afirma em seu livro *O Segundo Sexo* que: "A mulher é definida e diferenciada em relação ao homem, não em si mesma; ele é o sujeito, ele é o absoluto - ela é o outro" (1949, p. 29). As citações, corroboram a compreensão de que, ao longo da história, as mulheres foram relegadas a papéis subalternizados e subjugadas ao poder masculino, tendo suas vidas e escolhas controladas de acordo com normas do patriarcado. No entanto, é importante reconhecer que as lutas feministas ao longo do tempo têm desafiado essas estruturas de opressão e buscado promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres.

Ao longo da história, as mulheres têm travado uma luta contínua em busca de igualdade e reconhecimento de suas necessidades e direitos. Os primeiros grupos feministas surgiram como espaços informais de reflexão, nos quais as mulheres se reuniam para discutir suas experiências e reivindicar seus direitos (Pinto, 2003)<sup>5</sup>. Esses grupos, inicialmente de caráter privado, foram fundamentais para que a questão dos direitos das mulheres começasse a ser percebida com maior clareza pela sociedade em geral. Refletiam sobre seus direitos e enfrentavam censura e oposição. No entanto, aos poucos, elas conseguiram conquistar avanços significativos: educação escolar, voto e elegibilidade, trabalho público etc.

---

<sup>2</sup> O termo "patriarcal" descreve um sistema social e cultural em que a autoridade e o poder são predominantemente exercidos pelos homens, com os papéis de liderança e decisão sendo dominados por eles. De acordo com o historiador brasileiro João José Reis (2003), o patriarcado é um sistema que molda as relações de poder e os papéis de gênero em uma sociedade, influenciando a organização social e familiar.

<sup>3</sup> SCOTT, Joan W. **História das Mulheres: Estudos sobre Gênero e História Social**. Tradução de Bárbara Duarte Soares e Eugênio Rezende de Carvalho. Revisão técnica de Tânia Maria Tavares Bessone; Nota introdutória de Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>4</sup> BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira. 1949.

<sup>5</sup> PINTO, Célio Regina Jardim. **Os Privilégios Masculinos**. 2<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: Editora Universidade, 2003.

A história das mulheres representa um campo de estudo profundamente enriquecedor, que oferece uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento social, político e cultural das sociedades. Ao examinar as experiências e lutas das mulheres ao longo da história, podemos revelar aspectos fundamentais das dinâmicas de poder, desigualdade e resistência que têm moldado o mundo em que vivemos. A trajetória das mulheres é marcada por inúmeras batalhas por direitos, desde a busca pelo reconhecimento como cidadãs plenas até a conquista de direitos específicos, como o direito ao voto, à educação, ao trabalho e à proteção contra a violência.

Essas conquistas não ocorreram de forma isolada, mas foram o resultado de movimentos coletivos e individuais que desafiam estruturas profundamente enraizadas de opressão e discriminação. O estudo dessas lutas não apenas enriquece nosso entendimento histórico, mas também ilumina o caminho para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao incorporar a história das mulheres no currículo de Ensino de História, os educadores não só reconhecem a importância dessas narrativas, mas também garantem que os alunos compreendam a amplitude das contribuições femininas para a sociedade.

Explorar essa temática no ensino é, portanto, essencial para promover uma compreensão mais holística e inclusiva da história. Além de destacar as vitórias e os progressos alcançados, essa abordagem também permite que os estudantes reflitam sobre as desigualdades persistentes e as lutas que ainda precisam ser travadas. Ao ensinar a história das mulheres contribuímos para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos, preparados para questionar e transformar as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero. Em suma, a história das mulheres não é apenas uma área de estudo válida, é uma dimensão vital da compreensão histórica que reflete a diversidade e a complexidade da experiência humana.

A participação das mulheres no espaço público tornou-se mais visível no mundo ocidental a partir do século XIX, impulsionada pelo crescimento da indústria e pela necessidade de mão de obra. Nesse contexto, as mulheres começaram a ocupar funções fora do ambiente doméstico, ainda que enfrentassem fortes barreiras sociais e culturais. Mesmo com sua inserção no mercado de trabalho, persistiam (e ainda persistem) preconceitos que limitavam seu acesso a cargos de liderança, especialmente na iniciativa privada, e resultavam em desigualdades salariais em comparação aos homens, mesmo desempenhando funções idênticas. Durante as grandes guerras mundiais (Primeira e Segunda Guerras), a presença feminina no trabalho se intensificou, pois, com muitos homens convocados para o front, as mulheres acumularam responsabilidades: além de cuidar da casa e dos filhos, também precisaram garantir o sustento da família. Esse período evidenciou a competência e a capacidade de organização e gestão das

mulheres, cujos reflexos se fazem presentes até hoje, no expressivo protagonismo que conquistaram no mercado de trabalho. (Querino, 2013)<sup>6</sup>.

Como forma de aprofundar teoricamente esta dissertação, percebeu-se a necessidade de buscar estudos que possuíssem uma apresentação da temática de maneira concreta, ou seja, que trouxessem, com propriedade, o foco dessa pesquisa. Nesse sentido, as principais fontes abordadas neste estudo serão: Ribeiro e Silva Santos (2021)<sup>7</sup>, Joan Scott<sup>8</sup> (1995) e Roseane Terra e Quelen Aquino (2012)<sup>9</sup>, dentre outras.

As questões de gênero trazem consigo muitas lutas pela busca de direitos e representatividade. Vários foram os preconceitos sofridos pelas mulheres, porém as conquistas foram muitas, como o seu lugar no mercado de trabalho e o direito à educação. Diante dessas questões, pensou-se na apresentação e qualificação docentes através de oficinas, a partir das quais se abordará um debate sistemático diante das questões de gênero, que permita ampliar repertórios profissionais e romper estigmas sociais através do ensino básico.

Seguindo essa linha de estudos, a ideia central dessa dissertação é abordar através de ações formativas (oficinas), como o professor de História pode desenvolver as questões de gênero em seu cotidiano escolar e método didático. Nesse sentido, deve-se buscar uma correlação com as ondas feministas que revolucionaram a sociedade ao questionar os padrões normatizados, como a própria definição do “ser mulher”, quando começou a discutir o conceito de gênero e como as relações sociais contribuíram para um enquadramento dessa categoria num diferencial de sexo e, consequentemente, em um divisor de funções na sociedade, como explica Joan Scott (2019, p. 54)<sup>10</sup>:

No seu uso mais recente, “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. “Gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de

<sup>6</sup> QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosangela C. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós**, v. 2, n. 2, p. 1-32, 2013.

<sup>7</sup> RIBEIRO Renilson Rosa; SANTOS Amauri Junior da Silva. Historiografia escolar e historiografia acadêmica: relações possíveis na produção do conhecimento sobre ensinar e aprender História. In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. Ed. São Leopoldo: Oikos, 2021.

<sup>8</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v.20, nº2, 1995.

<sup>9</sup> TERRA, Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcellos; AQUINO, Quelen Brondani de. Desigualdade de Gênero, Políticas Públicas Relacionadas à Educação e Participação Social. In: **Seminário Nacional de Ciência Política**, Porto Alegre, 2012.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. **Fantacias do milênio**: o futuro do gênero no século XXI. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 12, n. 39, 2019.

que a produção dos estudos femininos se centrava nas mulheres de forma muito estreita e isolada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo essa opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão poderia existir por meio de um estudo inteiramente separado.

Dessa maneira, essas inspirações do desenvolvimento de estudos sobre as mulheres e os termos pelas quais uma pesquisa nesse sentido engloba. A abordagem a ser utilizada nessa dissertação parte do princípio de que a disciplina de História é um dos campos científicos mais dinâmicos do meio acadêmico, no qual suas diversas vertentes permitem uma vasta discussão e, por consequência, a construção do conhecimento acerca das sociedades e da “caminhada” do ser humano no decorrer do tempo. Sua amplitude enquanto área de pesquisa e ensino também é descrita segundo Ribeiro e Da Silva (2021, p. 27)<sup>11</sup> como:

[...] marcada por uma multiplicidade de referenciais teóricos, metodológicos e ideológicos. As diversas concepções de História constituem diferentes maneiras de selecionar os conteúdos, definir os conceitos e procedimentos, privilegiar e analisar determinados tipos de fontes e, consequentemente, construir sua narrativa. E as aulas de História não fogem a essa regra. Em outras palavras, o lugar social e escolha do docente evidenciarão a forma de trabalhar historicamente os temas definidos para aquele ano ou turma. Dessa forma, o ensino de História na educação básica assume o compromisso com o refinamento do pensamento. A pesquisa na sala de aula, atividade investigativa e criativa que envolve alunos e professor.

Bem como descrito, o Ensino de História assume o papel de refinar o pensamento do educando, com base nos conceitos e seleção de conteúdos, a partir de atividades criativas, por meio da interação aluno-professor. Essa interação deve ocorrer através das atividades aplicadas e do estímulo do diálogo, instigando a curiosidade dos alunos, bem como a busca por aproximar o conteúdo da linguagem a qual o público está habituado. A variedade dos materiais didáticos e a linguagem a ser trabalhada são de fundamental importância para a aceitação e o envolvimento da turma aos conteúdos que se pretende aplicar.

Assim, baseado na possibilidade de explorar as vertentes do campo historiográfico enfatizadas acima, é que o enfoque aqui proposto foi a história local e da história das mulheres, através de um aprofundamento em conceitos como o de gênero, que se constituiu como parte fundamental nesse trabalho. Ele foi atribuído por Scott<sup>12</sup> (1995, p. 76) como “um elemento

<sup>11</sup> RIBEIRO Renilson Rosa; SANTOS Amauri Junior da Silva. Historiografia escolar e historiografia acadêmica: relações possíveis na produção do conhecimento sobre ensinar e aprender História. In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa.** 2. Ed. São Leopoldo: Oikos, 2021.

<sup>12</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20, nº 2, 1995.

constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. O que nos leva a discutir o gênero não como se habitua, ao associá-lo a uma distinção sexual de caráter biológico, mas como uma categoria associada a construções sociais.

Além da análise dos movimentos feministas e a sua correlação com a participação das mulheres nos eventos históricos na cidade de Buriti dos Lopes, a construção da história das mulheres da cidade passa pela interpretação das chamadas ondas feministas e seus desdobramentos. Essas ondas que, enquanto metáforas, segundo Ilze Zirbel<sup>13</sup> (2021, p 28), “consolidou-se como forma de nomear momentos de grande mobilização feminista”. Assim, trata sobre como esses movimentos se desenvolveram e se espalharam ao redor do mundo, de forma a contribuir com mudanças sociais significativas para as mulheres em diversos âmbitos na sociedade. Dessa forma, trazer essa discussão ajudará a compreender como aconteceu esse processo em âmbito local.

Determinado o campo de estudo, a dissertação está voltada para o ensino de História, com o intuito de entender a participação feminina que continua frequentemente sendo negligenciada em relação ao protagonismo masculino na história. A partir da compreensão do envolvimento das mulheres nessa instituição e seus desdobramentos, a intenção é criar um meio de ligação entre o fruto dessa revisão histórica e os educandos da rede de ensino básico, para pretendamente contribuir com uma maior inserção desse movimento que trata da contribuição das mulheres para a história local, como uma forma de preencher possíveis lacunas deixadas por se reproduzir uma história por vezes marcada por vertentes menos inclusivas, a qual se observa uma relegação a segundo plano da participação feminina nos diversos setores da sociedade.

Ao longo da história, a participação feminina tem variado significativamente conforme a classe social e o período histórico em questão. Durante séculos, o trabalho feminino foi limitado, especialmente para as mulheres das classes médias e elites. Para as mulheres das classes populares, a inserção no mercado de trabalho sempre existiu, embora de forma precária e muitas vezes informal. Essas mulheres trabalhavam como domésticas, lavadeiras, operárias em fábricas, ou em pequenas atividades comerciais informais, desempenhando papéis essenciais, mas pouco valorizados. No meio rural, elas contribuíam significativamente para a produção agrícola, muitas vezes ao lado de seus maridos ou como pequenas produtoras, mas raramente recebiam reconhecimento ou remuneração justa por seu trabalho.

---

<sup>13</sup> ZIRBEL, Ilze. **Ondas do feminismo**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

Para as mulheres de setores médios, o ingresso no mercado de trabalho era ainda mais restrito. Durante o século XIX e início do século XX, elas eram predominantemente educadas para serem esposas e mães, e a ideia de trabalho remunerado era vista como algo que poderia comprometer seu status social. No entanto, à medida que a educação feminina se expandiu e surgiram novas oportunidades de emprego em áreas como ensino, enfermagem e secretariado, mais mulheres de classe média começaram a ingressar no mercado de trabalho. Apesar disso, a participação continuava a ser vista como secundária em relação ao papel de dona de casa.

Por outro lado, as mulheres das elites raramente participavam do mercado de trabalho remunerado. Quando o faziam, era geralmente em atividades filantrópicas ou artísticas, consideradas extensões aceitáveis de seus papéis sociais tradicionais. Nessas classes, o trabalho era muitas vezes desnecessário, já que as condições financeiras lhes permitiam viver sem a necessidade de emprego formal (Sardenberg, 2004)<sup>14</sup>.

Segundo Rosangela Pereira (2005)<sup>15</sup> estudar sobre a inserção das mulheres nos espaços públicos é de suma importância por causar impacto nas relações sociais, pois traz uma mudança no paradigma familiar e cultural, já que as regras sociais tradicionais observadas no início do século XX prescreviam aos maridos o papel de provedor do lar, ou seja, os direitos não eram iguais para ambos os lados. Entretanto, a partir dos anos 70 do século XX, após a realização de alguns movimentos sociais mundiais, as mulheres começaram a conquistar o seu espaço no mercado de trabalho, como também investir mais na educação (Pereira, 2005)<sup>16</sup>.

Ao entender a necessidade de trazer o estudo da história em sala de aula baseado na referência a agentes antes negligenciados, como as mulheres, podemos citar que isso é uma tendência crescente como é dito por Joan Scott (1995, p. 64)<sup>17</sup>:

O acúmulo de monografias e artigos, o surgimento de controvérsias internas e o avanço de diálogos interpretativos, e ainda, a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram os indicadores familiares de um novo campo de estudo, legitimado em parte, ao que parecia, por sua grande distância da luta política. Finalmente, o desvio para o gênero na década de 80 foi um rompimento definitivo com a política e propiciou a este Campo conseguir o seu próprio espaço, pois gênero é um termo aparentemente neutro, desprovido de propósito ideológico imediato.

<sup>14</sup> SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Estudos feministas: esboço crítico**. 2004.

<sup>15</sup> PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. **A mulher no mercado de trabalho**. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. São Luís Maranhão, 2005.

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v.20, n°2, 1995.

Dessa maneira, compreendendo a crescente desse campo de estudo e observando a necessidade de contribuir em âmbito local para os estudos com enfoque no gênero e trazer esse esforço de ampliação de conhecimentos para a sala de aula, faz-se necessário o estímulo aos alunos da educação básica a se apropriarem desses conhecimentos, com o intuito de reparar, pelo menos dentro da rede de ensino da cidade de Buriti dos Lopes, a ausência ou o pouco conteúdo relacionado à participação feminina no contexto histórico e cultural da própria cidade.

As mulheres buscam igualdade de direitos entre os sexos, a garantia da liberdade feminina, livres de qualquer violência e que não sejam vistas como objeto. A Lei Maria Penha é uma das reações às práticas do patriarcado que chegam a avançar de forma violenta contra o corpo das mulheres, chegando a matá-las só por serem mulheres. A lei foi criada com o objetivo de prevenir, punir e coibir a violência contra a mulher, que é alvo principal da violência de gênero “praticada com pessoa do sexo feminino e pela sua condição de mulher” (Teles, 2012, p. 17)<sup>18</sup>. Trabalhando essa perspectiva das desigualdades que vitimizam as mulheres, Maria De Almeida Teles (Teles, 2012, p. 14)<sup>19</sup> observa a preocupação de intelectuais de diferentes campos do conhecimento:

[...] sociologia, a antropologia e outras ciências humanas lançaram mão da categoria gênero para demonstrar e sistematizar as desigualdades socioculturais existentes entre homens e mulheres, que repercutem na esfera da vida pública e privada de ambos os sexos, impondo a eles papéis sociais diferenciados que foram construídos historicamente, e criaram polos de dominação e submissão. Impõe-se o poder masculino em detrimento dos direitos das mulheres, subordinando-as às necessidades pessoais e políticas dos homens, tornando-as dependentes.

Com isso é perceptível as questões de discriminação e opressão vividas por mulheres que fazem escolhas que fogem às modelações impostas a elas, e é por esse motivo que lutam por seus direitos, buscando liberdade de fazer suas próprias escolhas. É por isso que são importantes as políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher, sendo necessário criar um cenário onde qualquer ser humano seja detentor de direitos, que elas sejam inseridas na sociedade, merecedoras de respeito e que passam ter autonomia em suas decisões.

Foi por causa das condições impostas por históricos discursos e práticas que inferiorizaram a mulher na sociedade, e por não terem seus direitos básicos reconhecidos, que elas iniciaram lutas em várias frentes com demandas diferentes, em diferentes temporalidades.

<sup>18</sup> DE ALMEIDA TELES, Maria Amélia. **O protagonismo de mulheres na luta contra a ditadura militar.** Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, v. 2, n. 1, p. 9-18, 2014.

<sup>19</sup> *Id.*, 2012, p. 14.

A partir disso, surgiram os movimentos feministas identificados por diversas ondas. É preciso considerar que o feminismo não significa nada contra a figura masculina, foi somente uma forma que as mulheres encontraram para lutar por seus direitos. No Brasil, a luta das mulheres, identificada como movimento feminista, iniciou-se no século XIX reivindicando direitos como educação, o voto e o trabalho.

Essa luta feminista, traduzida em movimentos e discursos que a princípio visavam direitos, até então vedados às mulheres, é fruto da leitura naturalizada e tratamento dado às mulheres como objeto de uso do homem, que agiam como se fossem seus donos. Posteriormente, o objetivo era a igualdade de direitos, independente do gênero, percebendo-se que era a sociedade e não a natureza quem estabelecia as diferenças que eram reproduzidas em várias esferas. Nesse sentido, Roseane Terra e Quelen Aquino (2012, p. 175)<sup>20</sup> afirmam que:

Diante dessas relações de gênero assimétricas, pode-se extrair que da instituição familiar resulta uma série de diferenças entre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade [...] não apenas no ambiente doméstico, mas evidentemente das esferas públicas da sociedade.

Para o desenvolvimento desta dissertação, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da temática em foco, como forma de embasar teoricamente o estudo. Segundo Chiara<sup>21</sup> (2008):

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades.

Portanto, a pesquisa bibliográfica contribui para dar embasamento teórico, historiográfico e relativo ao ensino de história, pois traz a visão de autores distintos acerca do tema em foco, contribuindo para que se atinja de forma mais adequada os objetivos propostos no trabalho.

---

<sup>20</sup> TERRA, Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcellos; AQUINO, Quelen Brondani de. Desigualdade de Gênero, Políticas Públicas Relacionadas à Educação e Participação Social. In: **Seminário Nacional de Ciência Política**, 2012, Porto Alegre.

<sup>21</sup> CHIARA, Ivone Guerreiro Di *et al.* **Normas de Documentação Aplicadas à Área de Saúde**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

As abordagens utilizadas para a pesquisa foram a quantitativa e a qualitativa, pois segundo Fantinato (2015)<sup>22</sup>, uma pesquisa fundada nessas abordagens não se preocupa meramente com a quantificação dos resultados, mas principalmente com o aprofundamento das ideias adquiridas dentro de um grupo social, de uma organização, dentre outros. Dessa forma, os dados analisados não serão apenas numéricos, sendo sua análise realizada de forma objetiva e subjetiva.

A presente dissertação estrutura-se em três capítulos que se complementam na análise das questões de gênero no ensino de História, especialmente no contexto da cidade de Buriti dos Lopes, Piauí. O primeiro capítulo discute o papel e a importância do Ensino de História na definição de conceitos e na seleção de conteúdos relevantes para a aprendizagem discente, com destaque para o conceito de gênero. Este conceito é abordado sob a ótica das relações de poder e das construções sociais presentes na história local, enfatizando a interação professor-aluno como elemento essencial para a formação crítica dos estudantes. A história das mulheres em Buriti dos Lopes também é apresentada, com foco na valorização de suas contribuições ao longo do tempo. No segundo capítulo, oferece-se uma visão panorâmica sobre as questões de gênero no município, abordando seus aspectos sociais, culturais, políticos e geográficos, bem como a relação desses elementos com a formação histórica e cultural local. O capítulo analisa leis, regulamentos e materiais pedagógicos, avaliando como as questões de gênero são incorporadas – ou negligenciadas – no ensino e propondo alternativas educacionais para o município. Figuras femininas marcantes, como Zezita Cruz Sampaio e Eulina Escórcio Alexandrino, são destacadas por suas contribuições à identidade cultural e social de Buriti dos Lopes, reforçando a relevância da história local para a compreensão das relações de gênero. O terceiro capítulo foca na integração das questões de gênero no ensino de História por meio de práticas pedagógicas transformadoras. Discute-se a escola como espaço privilegiado para desconstruir preconceitos e promover o pensamento crítico, alinhado a uma educação para a justiça social. Neste capítulo, a capacitação docente é apresentada como estratégia central para efetivar mudanças significativas na prática pedagógica. Através de uma oficina voltada aos professores, são oferecidas ferramentas teóricas e práticas que integram a perspectiva de gênero ao ensino, fomentando a valorização das diversidades e a inclusão de narrativas plurais na história ensinada.

---

<sup>22</sup> FANTINATO, Marcelo. **Métodos de Pesquisa**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/sarajane/wp-content/uploads/2015/09/M%C3%A9todos-de-Pesquisa.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

## 2 CAPÍTULO I - GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA EM BURITI DOS LOPES

No primeiro capítulo foi abordado o papel e a importância do Ensino de História na definição de conceitos presentes nesta área, bem como na seleção dos conteúdos que são pertinentes, tratando exclusivamente daquilo que é importante para a aprendizagem do discente e que contribui para a interação professor-aluno. Assim, ressalta o conceito de gênero, mais precisamente ao que concerne às relações de poder associadas às construções sociais presentes na história da cidade de Buriti dos Lopes, localizada no estado do Piauí. Nesse sentido, a proposta será enfatizar a história local, bem como da história das mulheres na cidade em questão.

O presente capítulo aborda ainda a complexa e multifacetada questão dos sujeitos da história, explorando como diferentes atores sociais contribuem para o desenvolvimento dos eventos históricos. Historicamente, as narrativas tradicionais têm privilegiado grandes líderes e acontecimentos marcantes, mas este estudo enfatiza a importância de incluir uma diversidade de vozes, especialmente aquelas frequentemente marginalizadas, como mulheres, pobres e negros. Ao longo do final do século XX, debates intensos levaram à ampliação dos conceitos de cultura e fontes históricas, promovendo uma mudança significativa na historiografia. Essa mudança reconhece a necessidade de considerar as múltiplas perspectivas e as relações de poder que moldam a história. Neste contexto, o papel do historiador é reavaliado, destacando sua responsabilidade não apenas como narrador do passado, mas como guardião da memória, comprometido em evitar a criação de uma "história única" e em construir narrativas que sejam mais inclusivas e representativas da diversidade humana.

Ainda examinaremos a integração das questões de gênero no currículo de História, destacando sua importância como um movimento para uma educação mais inclusiva e crítica. Analisamos as abordagens teóricas, curriculares e pedagógicas necessárias para essa inclusão, enfatizando a necessidade de desenvolvimento de materiais didáticos inclusivos, formação continuada de professores, incentivo à pesquisa acadêmica e engajamento comunitário. Ao abordar os desafios e avanços na implementação dessas práticas, discutimos como a inclusão de gênero no ensino de História contribui para uma compreensão mais completa e diversificada do passado, promovendo uma educação que valoriza a diversidade e a equidade.

Por fim, destacaremos que a inclusão de questões de gênero no ensino de História apresenta tanto desafios quanto possibilidades que podem transformar significativamente o ambiente educacional. Este capítulo explora as abordagens pedagógicas necessárias para

integrar as questões de gênero de forma eficaz no currículo, considerando as metodologias e as estratégias de formação continuada para professores.

## 2.1 Os Sujeitos da história: as representações femininas e as relações de gênero

Segundo estudos de Costa (2019)<sup>23</sup>, não somos considerados bons contadores de histórias. Essa incapacidade se dá pelo fato de não conseguirmos relatar eventos com detalhes e precisão, muitas vezes devido à perda de informações ao longo do tempo. Ademais, Costa destaca que, embora tenhamos uma memória criativa, assim como os personagens de fábulas, ainda não dominamos a arte de contar histórias. Em contrapartida, as chamadas "metanarrativas" ganharam destaque como uma forma mais abrangente de narrar histórias. De acordo com o filósofo Jean-François Lyotard (1998)<sup>24</sup>, metanarrativas são grandes estruturas ou conjuntos de narrativas que pretendem oferecer uma explicação totalizante sobre a experiência humana ou a história. Elas abrangem conceitos amplos e universais, buscando criar uma coerência em torno de múltiplos acontecimentos e culturas. No contexto do ofício dos historiadores, as metanarrativas permitem uma visão mais ampla e integrada, elevando o papel do historiador como um mestre do passado e da memória. Um exemplo disso é “A Arte de Contar Histórias” ou o “Encontro Nordestino de Contadores de Histórias”, que trouxe uma abordagem inovadora para narrar fatos curiosos, reforçando a importância de entender quem são os sujeitos da história na atualidade. Como ressalta Tourinho (2008, p. 58)<sup>25</sup>:

Refletir sobre os sujeitos da história na contemporaneidade é também refletir sobre o cotidiano, pois reflexões sobre a vida cotidiana sempre remetem às pessoas que a vivenciam e que, a depender das concepções historiográficas, são pelos historiadores considerados (ou não) sujeitos significativos no movimento da história.

Portanto, verifica-se que, ao vivenciar algo, o sujeito da história possui maior conhecimento para a construção do relato histórico. Todavia, não é imprescindível que o historiador seja um agente participante direto do evento narrado. O que se torna essencial é que ele adquira propriedade sobre o que irá utilizar como fonte histórica, ouvindo e considerando todas as vozes envolvidas no processo. Isso é fundamental para evitar a armadilha de uma

<sup>23</sup> COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

<sup>24</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

<sup>25</sup> TOURINHO, Maria Antonieta Campos. **Os sujeitos históricos e o ensino de história:** os heróis precisam ser banidos? *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, p. 191-210, 2008.

"história única", uma narrativa que privilegia uma única perspectiva em detrimento das demais. Esse processo revela que a história é frequentemente moldada por aqueles que detêm o poder de contar e registrar os eventos, o que pode resultar em uma visão distorcida ou parcial dos acontecimentos. Ao escutar múltiplas vozes e perspectivas, o historiador pode construir uma narrativa mais inclusiva e representativa da complexidade dos eventos.

No final do século XX, a história se institucionalizou enquanto disciplina e forma de construir o passado. Sendo assim, percebeu-se a necessidade da retomada dos chamados "homens-memória", com o intuito de preservar a memória/história a partir do modelo institucionalizado pela historiografia. Essa prática foi observada principalmente nas chamadas sociedades ágrafas ou até mesmo antes. Assim, observa-se a importância do papel desses indivíduos em preservar a história, principalmente aquilo que não foi guardado, para que não se perca no tempo (Costa, 2019)<sup>26</sup>.

Nas últimas décadas do século XX, ocorreram debates intensos sobre a relação entre memória e história. Esses debates geraram uma vasta produção de textos em diversas áreas, os quais contribuíram para a criação de novos espaços e lugares dedicados à preservação da memória, conhecidos como "lugares de memória".

O conceito de "lugares de memória" foi amplamente desenvolvido pelo historiador francês Pierre Nora. Segundo Nora (1993)<sup>27</sup>, esses lugares são espaços — físicos ou simbólicos — onde a memória coletiva se cristaliza e se preserva. Eles podem incluir monumentos, museus, arquivos, comemorações e até mesmo práticas culturais. Esses "lugares de memória" surgem em contextos em que a memória espontânea e vivida começa a desaparecer, sendo substituída por uma memória organizada e institucionalizada, refletindo a necessidade de preservar o passado em face das mudanças rápidas e das ameaças ao esquecimento. Os "lugares de memória" desempenham um papel crucial na construção da identidade coletiva e na transmissão do patrimônio cultural e histórico. Eles funcionam como pontos de referência para a sociedade, ajudando a construir narrativas que conectam o passado ao presente. Contudo, é importante reconhecer que esses lugares também podem ser contestados e reavaliados à medida que novas interpretações e necessidades emergem, mostrando que a memória é um campo dinâmico e em constante transformação.

---

<sup>26</sup> COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

<sup>27</sup> NORA, Pierre *et al.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

Dentro desses acontecimentos, observa-se que alguns fatos produzidos nas décadas de 60 e 70 do século XX, alteraram as produções históricas, sendo essas observadas a partir da década de 1980. Dentre os principais acontecimentos, Costa (2019, p. 29)<sup>28</sup> destaca alguns:

[...] o surgimento de novas bases teóricas a ancorar a pesquisa histórica, e aqui faço referência, primeiramente, à chamada *nouvelle histoire* francesa e, em consequência, o deslocamento da chamada História Social para a História Cultural; a própria ampliação do conceito de cultura, iniciado com os processos de descolonização pós-guerra e que suscitaram a necessidade de reescrita das histórias desses povos não mais numa perspectiva centrada no eurocentrismo, levando isso à ampliação, principalmente, do conceito de fonte histórica e da definição de novas temporalidades, o que colocou em xeque a concepção de verdade absoluta e do privilégio, anteriormente garantido ao documento escrito; como consequência disso e em consonância com isso, a utilização e apropriação dos métodos da etnometodologia [...].

O autor nos traz uma percepção relevante sobre perspectiva teórica na pesquisa histórica, destacando a transição da História Social para a História Cultural, impulsionada pela "nouvelle histoire" francesa. Essa mudança refletiu uma ampliação do conceito de cultura e uma reavaliação das fontes históricas, especialmente após os processos de descolonização, que desafiaram a visão eurocêntrica tradicional. Com a incorporação de novas temporalidades e a rejeição da ideia de uma verdade histórica absoluta, a historiografia passou a valorizar uma maior diversidade de fontes, incluindo as não escritas.

Mediante o pensamento supracitado, verifica-se que dentre os acontecimentos, ocorreu o aparecimento de novos pensamentos teóricos, como também a mudança de uma preponderância de uma História social para História Cultural; ampliação do conceito de cultura, necessitando de maior ampliação do conceito de fonte histórica, garantindo o documento escrito e a utilização dos métodos da etnometodologia, para dar mais embasamento aos estudos históricos. Por meio de todos esses acontecimentos, perceberam-se mudanças na maneira de produzir e escrever a história, com redefinição de espaços e de fronteiras, além da contribuição dessa área para outras disciplinas, surgindo assim a interdisciplinaridade.

Camila Magalhães Goés (2013, p. 18)<sup>29</sup>, ressalta que os sujeitos da história são configurados através das relações “complexas, duradouras e contraditórias” da identidade social e pessoal, ou seja, o sujeito da história necessita entender a visão dos agentes sociais, como

---

<sup>28</sup> COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

<sup>29</sup> GÓES, Camila Magalhães. **O ensino de história e o sujeito histórico:** narrando histórias, tecendo sentidos / Camila Magalhães Góes. 2013.

também o olhar individual e coletivo de todos os que fazem parte do processo histórico, para se chegar a uma história bem definida, pois as vozes participantes em cada fato histórico são muitas.

Todavia, a fim de delinearmos nosso pensamento, podemos adotar o conceito de sujeito histórico como aqueles que, através de suas ações e experiências, contribuem para o desenvolvimento dos eventos históricos. Eles podem ser indivíduos ou grupos sociais. Estes sujeitos da História enquanto atores sociais desempenham determinados papéis que os definem no processo de socialização ou relações sociais das quais fazem parte, sendo de fundamental importância para a construção da narrativa a qual se configurará em História, buscando compreender a subjetividade imbricada nesse processo. Para entender de maneira mais complexa o significado de sujeitos da história, Camila Magalhães Goés (2013, p. 19)<sup>30</sup> destaca que:

A expressão do sujeito histórico em seu sentido absoluto, nos conduz ao estudo do ensino de História e da historiografia durante o Império, a República e a Ditadura Civil Militar Brasileira, quando torna-se expressivo seja na percepção das ideias de ordem e progresso, enquanto orientadoras da ação humana ou na personificação de heróis, grandes vultos da História, tendo por objetivo legitimar a História enquanto ciência e valorizar seu cunho pedagógico e regulador.

Nesse sentido, percebeu-se que nos períodos históricos descritos na citação acima, ocorreram grandes vultos da história que contribuíram para legitimar a História enquanto ciência, bem como adquirir uma visão desta em seu lado pedagógico e regulador. Nesse sentido, foi necessário analisar de forma mais profunda o ensino de História, bem como seus sujeitos. Dentro dessa visão, o papel dos sujeitos da história, o historiador, ganhou destaque, ao passar a ser considerado o responsável pelo contar da história. Nesse ínterim, Costa (2019, p. 29)<sup>31</sup> destaca seu papel:

O historiador, anteriormente em papel de destaque e ungido pela sociedade como o responsável pelo contar da história, viu esse seu mundo ser tomado de assalto por outros profissionais das ciências humanas e sociais, como também o multiplicar das necessidades do falar, do lembrar, do contar, numa pluralização das memórias contidas, caladas, silenciadas, reprimidas, esquecidas. Viu, ainda, a necessidade de mudanças em suas práticas, de abrir-se a essas novas possibilidades e refazer a sua forma de produzir história.

<sup>30</sup> GÓES, Camila Magalhães. **O ensino de história e o sujeito histórico:** narrando histórias, tecendo sentidos / Camila Magalhães Góes. 2013

<sup>31</sup> COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

Portanto, o papel do historiador é “contar as histórias através das memórias”, retomando-as e trazendo a possibilidade de discutir novas temporalidades, relacionando o passado com o presente, em busca de uma formação do futuro, além da construção de novos sujeitos históricos e de novas visões do mundo, buscando sempre fontes seguras como meio de dar prosseguimento ao registro de acontecimentos que podem se perder com o tempo, e que são importantes para o entendimento da sociedade. Sendo assim, seu papel é considerado de suma importância para a humanidade.

São vários os desafios enfrentados pelos historiadores acerca da construção de suas narrativas, bem como do seu olhar sobre a escrita da história, pois torna-se necessário entender as vozes e falas que surgem em suas pesquisas, confirmado ou não aquilo que está escrito na história oficial, sempre com a intenção de entender todas essas falas na construção da história. Nesse sentido, percebe-se o quanto complexo e importante é o papel dos sujeitos históricos (Costa, 2019)<sup>32</sup>. Para Margareth Rago (1998, p. 01)<sup>33</sup>:

Nos anos oitenta, Michelle Perrot se perguntava se era possível uma história das mulheres, num trabalho que se tornou bastante conhecido, no qual expunha os inúmeros problemas decorrentes do privilegiamento de um outro sujeito universal: a mulher argumentava que muito se perdia nessa historiografia que, afinal, não dava conta de pensar dinamicamente as relações sexuais e sociais, já que as mulheres não vivem isoladas em ilhas, mas interagem continuamente com os homens, quer os consideremos na figura de maridos, pais ou irmãos, quer enquanto profissionais com os quais convivemos no cotidiano, como os colegas de trabalho, os médicos, dentistas, padeiros ou carteiros. Concluía pela necessidade de uma forma de produção acadêmica que problematizasse as relações entre os sexos, mais do que produzisse análises a partir do privilegiamento do sujeito.

É fundamental reconhecer que a história não é construída apenas pelos grandes líderes ou eventos marcantes, mas sim por uma diversidade de sujeitos que, através de suas experiências e ações, contribuem para o desenvolvimento dos acontecimentos históricos. Entre esses sujeitos, destacam-se aqueles frequentemente marginalizados nas narrativas tradicionais, como as mulheres, os pobres, os negros, e outros grupos subalternos. É imperativo que a história inclua essas vozes, para evitar a perpetuação de uma "história única" que privilegia apenas uma perspectiva dominante. Introduzir as mulheres na narrativa histórica é essencial, pois elas

---

<sup>32</sup> COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

<sup>33</sup> RAGO, Margareth. **Oreste Ristori:** Uma aventura anarquista. 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

desempenharam papéis significativos em diversas esferas, muitas vezes em contextos de resistência e luta por direitos. No entanto, essa inclusão deve ir além de meras menções, exigindo uma análise crítica que compreenda as complexas relações de gênero e poder ao longo do tempo.

A inclusão das questões de gênero na historiografia representa uma transformação fundamental na maneira como entendemos o passado, produzimos e narramos a história. Essa transformação não ocorreu de forma linear ou sem resistências, pelo contrário, foi resultado de décadas de debates teóricos, avanços acadêmicos e lutas políticas. Este texto acadêmico abordará questões de gênero, tensionando e desconstruindo narrativas positivistas sobre as mulheres e suas conquistas sociais, além de destacar os desafios enfrentados no processo de integração dessa perspectiva na disciplina histórica.

A historiografia feminista emergiu nos anos 1960 e 1970 como uma reação à invisibilidade das mulheres nas narrativas históricas tradicionais. Michelle Perrot (1998)<sup>34</sup>, uma das principais historiadoras do movimento de história das mulheres, discute a invisibilidade feminina na história como resultado de uma longa tradição historiográfica que privilegiou as figuras masculinas, especialmente aquelas envolvidas em eventos políticos e militares. Perrot (1998)<sup>35</sup>, argumenta que essa marginalização das mulheres nas narrativas históricas foi reforçada por contextos sociais e acadêmicos marcados pelo patriarcado, em que a vida privada e as contribuições das mulheres eram vistas como irrelevantes para a "grande história". A academia, dominada por homens até meados do século XX, contribuiu para essa exclusão ao considerar temas como a família, o trabalho doméstico e a esfera privada como inferiores ou secundários. A ausência das mulheres na historiografia tradicional reflete não apenas um viés de gênero, mas também uma estrutura social que relegava as mulheres a papéis subalternos, negando-lhes voz e agência nas narrativas históricas (Perrot, 1998)<sup>36</sup>.

Essa primeira onda de historiadoras feministas estava preocupada em recuperar e documentar as experiências das mulheres, que haviam sido sistematicamente ignoradas ou sub-representadas pela historiografia dominante. Obras pioneiras como "The Feminine Mystique" de Betty Friedan<sup>37</sup> e "A Room of One's Own" de Virginia Woolf<sup>38</sup> desafiaram as percepções

---

<sup>34</sup> PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> *Ibid.*

<sup>37</sup> FRIEDAN, Betty. **The feminine mystique**: 50 years. WW Norton & Company, 2013.

<sup>38</sup> WOOLF, Virginia. A Room of One's Own:(1929). In: **The people, place, and space reader**. Routledge, 2014. p. 304-308.

tradicionais sobre o papel das mulheres na sociedade e abriram caminho para uma análise mais profunda de suas contribuições históricas (Moran, 1988 *apud* Friedan, 1963; Woolf, 1929)<sup>39</sup>.

No campo acadêmico, autoras como Gerda Lerner, Sheila Rowbotham e Joan Kelly foram fundamentais para estabelecer a história das mulheres como um campo legítimo de estudo. Lerner, em sua obra "The Creation of Patriarchy" (1986)<sup>40</sup>, argumentou que o patriarcado não é apenas um sistema social, mas uma construção histórica que pode ser rastreada e analisada através dos tempos. Rowbotham, por sua vez, em "Hidden from History" (1973)<sup>41</sup>, destacou a importância de reconhecer as contribuições das mulheres na história da classe trabalhadora e dos movimentos sociais.

A partir dos anos 1980, a "nova história" começou a ganhar notoriedade, propondo uma abordagem mais inclusiva e abrangente da história. Essa corrente historiográfica enfatizou a importância de considerar as experiências de grupos marginalizados, incluindo mulheres, minorias raciais e trabalhadores. A "nova história" questionou a ênfase excessiva na história política e militar, propondo uma análise mais ampla das estruturas sociais, econômicas e culturais (Burke, 1992)<sup>42</sup>.

Nesse contexto, a perspectiva de gênero começou a se consolidar como uma categoria de análise essencial. Foi Joan Scott, em seu influente artigo "Gender: A Useful Category of Historical Analysis" (1986)<sup>43</sup>, que argumentou que o gênero deve ser entendido como um conjunto de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, a partir disso, como uma maneira primária de significar relações de poder (Scott, 1986)<sup>44</sup>. Scott propôs que o gênero não deve ser apenas uma adição à análise histórica, mas uma lente através da qual todas as formas de relações sociais e de poder podem ser entendidas.

Embora a história das mulheres tenha sido crucial para visibilizar as contribuições femininas, a história de gênero propõe uma análise mais abrangente das relações sociais. Enquanto a história das mulheres foca-se também nas experiências e nas contribuições das mulheres, a história de gênero investiga como as diversas identidades de gênero são construídas

---

<sup>39</sup> MORAN, Patricia. "The Flaw in the Centre": Writing as Hymenal Rupture in Virginia Woolf's Work. **Tulsa Studies in Women's Literature**, v. 17, n. 1, p. 101-121, 1998.

<sup>40</sup> LERNER, Gerda. **The Creation of Patriarchy**. New York: Oxford University Press, 1986.

<sup>41</sup> ROWBOTHAM, Sheila. **Hidden from History: 300 Years of Women's Oppression and the Fight Against It**. London: Pluto Press, 1973.

<sup>42</sup> BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

<sup>43</sup> SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica - Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. The American Historical Review, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

<sup>44</sup> *Ibid.*

e mantidas, e como essas construções afetam as relações de poder em diferentes contextos históricos.

A história de gênero questiona as normas e expectativas sociais impostas a ambos os sexos e analisa como essas normas variam ao longo do tempo e entre diferentes culturas. Judith Butler, em "Gender Trouble"<sup>45</sup> (1990), argumenta que o gênero é performativo, ou seja, ele é produzido através de repetidas performances de comportamento que são socialmente sancionadas (Butler, 1990)<sup>46</sup>. Essa perspectiva desafia a ideia de que o gênero é uma característica fixa e natural, sugerindo que ele é constantemente negociado e reconstruído.

Michel Foucault<sup>47</sup>, em sua obra "A História da Sexualidade" (1976), oferece uma análise crucial das relações de poder e da construção social do sexo e da sexualidade. Ele argumenta que a sexualidade não é apenas uma característica natural, mas um campo de saber e poder profundamente enraizado nas práticas sociais e discursivas. Ele descreve como, ao longo da história, a sexualidade foi regulada e normalizada através de discursos médicos, jurídicos e religiosos, que serviram para controlar os corpos e os comportamentos das pessoas (Foucault, 1976)<sup>48</sup>.

Foucault introduziu o conceito de biopoder, referindo-se às práticas através das quais os Estados regulam a vida das populações. Esse conceito é fundamental para entender como as construções de gênero e sexualidade são utilizadas para exercer controle social. Sua análise das práticas discursivas e do poder disciplinar oferecem uma importante lente para a análise histórica das relações de gênero, mostrando como essas relações são formadas e transformadas através de diferentes contextos históricos.

Pierre Bourdieu<sup>49</sup>, em sua obra "A Dominação Masculina" (1998), contribuiu significativamente para a compreensão das dinâmicas de gênero através do conceito de *habitus*. Bourdieu argumenta que a dominação masculina é uma estrutura social profundamente enraizada nas práticas cotidianas e nas percepções do mundo, que são internalizadas pelos indivíduos através da normalização. Este *habitus* é um conjunto de disposições duráveis que orientam as práticas e percepções dos indivíduos, reproduzindo as relações de poder existentes (Bourdieu, 1998)<sup>50</sup>.

---

<sup>45</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e a Subversão da Identidade. New York: Routledge, 1990.

<sup>46</sup> *Ibid.*

<sup>47</sup> FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade:** A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

<sup>48</sup> *Ibid.*

<sup>49</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 1998.

<sup>50</sup> *Ibid.*

Pierre Bourdieu (1998)<sup>51</sup>, enfatiza que a dominação masculina é uma forma de violência simbólica, em que as relações de poder são naturalizadas e percebidas como legítimas tanto pelos dominadores quanto pelos dominados. Sua análise ilumina como as estruturas de gênero são reproduzidas de maneira inconsciente e como essas estruturas podem ser desafiadas através da conscientização e da ação social. A perspectiva de Bourdieu é valiosa para a historiografia de gênero, pois oferece um *framework* teórico, ou seja, um conjunto estruturado de conceitos e abordagens que servem como base para analisar e compreender fenômenos complexos. No contexto da história, um *framework* teórico funciona como uma lente através da qual os historiadores podem interpretar e organizar informações, identificando padrões e explicando a persistência das desigualdades de gênero ao longo do tempo. Ao utilizar o *framework* teórico de Bourdieu, os historiadores podem explorar como as normas e práticas sociais perpetuam a dominação masculina, oferecendo assim uma compreensão mais profunda das dinâmicas históricas de poder e desigualdade.

O conceito de interseccionalidade, introduzido por Kimberlé Crenshaw<sup>52</sup> em 1989, trouxe uma nova dimensão à análise histórica do uso da categoria gênero, ao considerar como diferentes formas de opressão se sobrepõem e interagem. A interseccionalidade permite uma compreensão mais complexa das experiências históricas, reconhecendo que as identidades e as opressões não podem ser entendidas isoladamente (Crenshaw, 1989)<sup>53</sup>. Por exemplo, a experiência de uma mulher negra no século XIX não pode ser completamente compreendida apenas através da lente de gênero ou raça, mas através da interação dessas duas identidades.

A interseccionalidade tem sido particularmente útil para analisar como as políticas coloniais e imperiais impactaram diferentes grupos de mulheres de maneiras diversas. Estudos como os de Ann Laura Stoler<sup>54</sup> em "Carnal Knowledge and Imperial Power" (2002), examinam como as relações de gênero e sexualidade foram fundamentais para a manutenção do poder colonial, mostrando que a dominação imperial não pode ser separada das dinâmicas de gênero (Stoler, 2002)<sup>55</sup>.

---

<sup>51</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 1998.

<sup>52</sup> CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. In: **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

<sup>53</sup> *Ibid.*

<sup>54</sup> STOLER, Ann Laura. **Carnal knowledge and imperial power**. na, 2010.

<sup>55</sup> *Ibid.*

## 2.2 Por um Ensino Dialógico: a emergência das questões de gênero e a questão do currículo no ensino de história

Segundo Louro (2000)<sup>56</sup>, a inclusão das questões de gênero na historiografia não se limita apenas à teoria, mas também envolve o desenvolvimento de novas metodologias e abordagens pedagógicas. A utilização de fontes primárias, como diários, cartas e registros pessoais, tem sido fundamental para recuperar as vozes das mulheres e outros grupos marginalizados. Além disso, a análise crítica de textos históricos, literatura e artefatos culturais permite uma compreensão mais profunda de como as identidades de gênero foram construídas e representadas.

No ensino de história, a incorporação de questões de gênero pode ser realizada por meio de diversas abordagens pedagógicas. Segundo Louro (2000)<sup>57</sup>, uma das maneiras eficazes é a análise de narrativas biográficas, que permite aos estudantes explorar as vidas e experiências de indivíduos específicos, compreendendo como as dinâmicas de gênero influenciaram suas trajetórias. Além disso, Louro também sugere a análise comparativa como outra abordagem relevante, mediante a qual diferentes culturas e épocas são examinadas para entender como construíram e representaram o gênero, promovendo uma compreensão mais ampla e histórica das questões de gênero.

A integração das questões de gênero na historiografia e no ensino de história tem vários impactos positivos. Primeiro, ela enriquece a disciplina ao incluir uma gama mais ampla de experiências e perspectivas, proporcionando uma visão mais completa e complexa do passado. O segundo impacto positivo dá-se pela promoção de uma compreensão crítica das dinâmicas sociais contemporâneas, ajudando os estudantes a reconhecer e desafiar as desigualdades de gênero em suas próprias vidas e sociedades.

No entanto, a inclusão das questões de gênero no ensino de História enfrenta vários desafios significativos, que vão desde a resistência institucional e cultural até a falta de formação adequada para professores. A resistência institucional é evidente em muitos currículos escolares, ainda dominados por narrativas históricas tradicionais. Estas narrativas frequentemente marginalizam ou ignoram as questões de gênero, perpetuando uma visão da história centrada em figuras masculinas e em eventos políticos e militares. Como observa Scott

---

<sup>56</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>57</sup> *Ibid.*

(1999)<sup>58</sup>, a história tradicional tende a "naturalizar" as diferenças de gênero, tratando-as como aspectos secundários ou irrelevantes no estudo histórico, o que reflete uma estrutura patriarcal que tem sido difícil de desconstruir.

Além disso, há um desafio significativo relacionado à formação dos professores. Muitos educadores não se sentem adequadamente preparados para abordar questões de gênero em sala de aula. Tardif (2002, p.08)<sup>59</sup> destaca que a formação docente muitas vezes carece de uma abordagem crítica que inclua a discussão sobre gênero, resultando em professores que não possuem as ferramentas teóricas e práticas necessárias para incorporar essas questões em suas aulas. A falta de formação específica não só limita a capacidade dos professores de tratar o gênero de maneira eficaz, como também reforça a perpetuação de uma educação que invisibiliza as experiências e contribuições das mulheres e de outros grupos historicamente marginalizados. Portanto, para superar esses desafios, é essencial uma revisão dos currículos escolares e uma reformulação dos programas de formação docente, para que se incluam discussões mais profundas sobre as questões de gênero e suas implicações na história.

Apesar dos desafios, as perspectivas futuras para a inclusão das questões de gênero na historiografia e no ensino de História são promissoras. A crescente conscientização sobre a importância da diversidade e da inclusão na educação está levando a uma maior aceitação e integração das questões de gênero nos currículos escolares. Além disso, o desenvolvimento contínuo de pesquisas acadêmicas e de recursos pedagógicos está proporcionando aos educadores as ferramentas necessárias para abordar essas questões de maneira eficaz.

Uma área promissora de desenvolvimento é a utilização de tecnologias digitais e recursos multimídia no ensino de história de gênero. Ferramentas digitais podem proporcionar acesso a uma vasta gama de fontes primárias e secundárias, bem como facilitar a análise e a apresentação de dados históricos de maneiras inovadoras. Plataformas como o Google Arts & Culture, que disponibiliza exposições e arquivos de museus do mundo todo, e o Historypin, que permite o compartilhamento de fotos e histórias geolocalizadas, oferecem recursos valiosos para o ensino. Além disso, ambientes como o Clio e o Europeana promovem a colaboração entre educadores, pesquisadores e estudantes, facilitando o acesso a materiais históricos diversificados e o intercâmbio de conhecimentos em escala global.

As inovações historiográficas das questões de gênero refletem um esforço contínuo para tornar a disciplina histórica mais inclusiva e representativa das diversas experiências humanas.

<sup>58</sup> SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica - Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

<sup>59</sup> TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, p. 08. 2002.

Desde as primeiras contribuições da historiografia feminista até as abordagens interseccionais contemporâneas, a análise de gênero tem enriquecido nossa compreensão do passado e desafiado narrativas simplistas e androcêntricas.

A historiografia é um campo dinâmico, constantemente moldado por novas abordagens teóricas e metodológicas. Entre essas, a incorporação das questões de gênero representa uma transformação significativa, refletindo tanto avanços na teoria feminista quanto uma necessidade crescente de diversificar e enriquecer as narrativas históricas. Este tópico explora questões de gênero, destacando as principais contribuições, desafios e mudanças que ocorreram ao longo das últimas décadas.

O movimento feminista dos anos 1960 e 1970 levantou pautas fundamentais como a igualdade de direitos, o combate à violência de gênero, e a autonomia sobre o corpo e a sexualidade das mulheres. No Brasil, o movimento ganhou força no contexto da ditadura militar, quando as mulheres começaram a se organizar contra a opressão não só de gênero, mas também política. As reivindicações incluíam a luta por melhores condições de trabalho, acesso à educação, e a legalização do aborto. Essas pautas foram essenciais para questionar a ausência e a marginalização das mulheres na historiografia tradicional.

O movimento feminista brasileiro influenciou a produção acadêmica, destacando a necessidade de incluir as experiências e perspectivas das mulheres na construção da história, algo que Simone de Beauvoir já apontava em sua obra "O Segundo Sexo" (1949)<sup>60</sup>. Beauvoir argumenta que a mulher é construída como o "Outro" em relação ao homem, o que justifica e perpetua sua marginalização (Beauvoir, 1949)<sup>61</sup>.

Neste contexto, historiadoras como Gerda Lerner começaram a investigar as experiências e contribuições das mulheres ao longo da história. Lerner, em "A criação do Patriarcado" (1986), argumenta que a exclusão das mulheres das narrativas históricas não é apenas um erro de omissão, mas um reflexo das estruturas patriarcais que moldaram a produção do conhecimento histórico (Lerner, 1986). Este período marcou o início da "história das mulheres", um campo dedicado a recuperar e documentar as vidas, experiências e realizações das mulheres que haviam sido negligenciadas pela historiografia tradicional.

A partir dos anos 1980, a "nova história" começou a ganhar proeminência, defendendo uma abordagem mais ampla e inclusiva da história. Influenciada por movimentos intelectuais como a história social, a micro-história e os estudos culturais, a nova história propôs uma

---

<sup>60</sup> BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira. 1949.

<sup>61</sup> *Ibid.*

revisão das metodologias historiográficas para incluir temas e sujeitos anteriormente marginalizados (Burke, 1992)<sup>62</sup>.

Joan Wallach Scott foi uma das principais teóricas a defender a importância do gênero como categoria de análise histórica. Em seu influente artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1986)<sup>63</sup>, Scott argumenta que o gênero deve ser utilizado para examinar as relações de poder e as construções sociais que moldam as identidades masculinas e femininas ao longo do tempo. Scott propôs que a análise de gênero pode revelar as dinâmicas de poder implícitas nas narrativas históricas e, assim, proporcionar uma compreensão mais profunda das estruturas sociais e culturais (Scott, 1986)<sup>64</sup>.

A transição da história das mulheres para a história de gênero marca uma mudança significativa no campo da historiografia. A história das mulheres, surgida no contexto dos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970, teve como objetivo central recuperar e valorizar as experiências femininas, muitas vezes negligenciadas ou omitidas pela historiografia tradicional. Essa abordagem buscava dar visibilidade às mulheres como agentes históricos, destacando suas contribuições em diversas esferas, como o trabalho, a política, e a cultura.

Entretanto, a partir dos anos 1980, essa perspectiva começou a se expandir com a introdução do conceito de gênero como uma categoria de análise. Joan W. Scott, em seu influente artigo *"Gender: A Useful Category of Historical Analysis"* (1986)<sup>65</sup>, argumenta que o gênero não se refere apenas às mulheres ou à feminilidade, mas a uma construção social que organiza as relações de poder entre os sexos. Assim, a história de gênero não se limita a recuperar as experiências femininas, mas analisa como as masculinidades e feminilidades são construídas e como essas construções influenciam e são influenciadas por contextos sociais, políticos e culturais. Essa abordagem teórica e metodológica permite uma compreensão mais ampla e complexa das relações de poder, ao investigar como as normas de gênero se entrelaçam com outras categorias, como classe, raça e sexualidade. A história de gênero, portanto, questiona não apenas a invisibilidade das mulheres na história, mas também as formas como as identidades e relações de gênero moldam as estruturas de poder e o desenvolvimento histórico.

A abordagem da história a partir da perspectiva de gênero não só ilumina as construções sociais de masculinidades e feminilidades, mas também reconhece que essas identidades são

<sup>62</sup> BURKE, Peter. **A Escrita da História:** Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992

<sup>63</sup> SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. Educação & realidade. Porto Alegre. p. 71-99, 1986.

<sup>64</sup> *Ibid.*

<sup>65</sup> *Ibid.*

profundamente interligadas com outras formas de opressão e privilégio, como raça, classe e sexualidade. Essa análise interseccional, introduzida por Kimberlé Crenshaw (1989)<sup>66</sup>, permite uma compreensão mais complexa das experiências históricas, revelando como as diferentes camadas de identidade e poder se entrelaçam para moldar as vidas e as lutas das pessoas ao longo do tempo. No contexto dos sindicatos de trabalhadores rurais e agrícolas em Buriti dos Lopes, essa perspectiva interseccional se torna crucial para compreender as dinâmicas de poder e resistência que influenciam a participação feminina, reconhecendo que a opressão de gênero não pode ser dissociada de outras formas de subordinação. Crenshaw (1989)<sup>67</sup> nos ajuda a entender que essas múltiplas identidades e experiências criam um espectro complexo de desafios e oportunidades para as mulheres no ambiente sindical, oferecendo uma visão mais rica e inclusiva da história social e política.

A inclusão das questões de gênero no currículo de história representa um desafio significativo, mas também uma oportunidade para enriquecer o ensino e promover uma compreensão mais crítica e inclusiva do passado. Tradicionalmente, os currículos de história têm privilegiado narrativas centradas em figuras masculinas e eventos políticos e militares, frequentemente negligenciando as contribuições e experiências das mulheres e outros grupos marginalizados.

Desde os anos 90, documentos curriculares como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no Brasil, têm incentivado a inclusão de temas de gênero e diversidade no ensino de História, embora ainda incorra a muita divergência na aceitação por parte da população, atiçada pelos resultados do movimento Escola sem partido.

Os PCNs destacam a importância de abordar as desigualdades de gênero e promover uma educação que valorize a diversidade e os direitos humanos (Brasil, 1998)<sup>68</sup>. No entanto, a implementação dessas diretrizes enfrenta resistências e desafios, tanto a nível institucional quanto individual.

Nos últimos anos, tem havido um esforço crescente para integrar a perspectiva de gênero nos currículos de história em diversos países. Estudos de caso em escolas e sistemas

---

<sup>66</sup> CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *In: University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

<sup>67</sup> CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *In: University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

<sup>68</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

educacionais que implementaram mudanças curriculares significativas fornecem *insights* valiosos sobre as melhores práticas e os desafios enfrentados.

Por exemplo, em alguns estados dos Estados Unidos, iniciativas como a "*National Women's History Project*" promovem a inclusão das contribuições das mulheres na história americana por meio de materiais didáticos, treinamentos para professores e campanhas de conscientização (*National Women's History Alliance*, 2020). Esses esforços demonstram que a inclusão de questões de gênero pode enriquecer a compreensão dos estudantes sobre o passado e promover uma visão mais inclusiva e equitativa da História.

Apesar dos avanços, a inclusão de questões de gênero no ensino de História ainda enfrenta resistências significativas. A resistência pode vir de várias fontes, incluindo a falta de formação adequada para professores, preconceitos culturais e sociais e a persistência de narrativas históricas tradicionais que privilegiam figuras e eventos masculinos, assim como as narrativas misóginas partindo de influenciadores sociais e políticos. Essas barreiras são frequentemente reforçadas por estruturas institucionais que se mostram relutantes em adotar uma abordagem mais inclusiva e diversificada da história. A resistência também se manifesta na perpetuação de currículos que minimizam ou ignoram as contribuições e experiências das mulheres e de outras minorias, perpetuando um modelo de ensino que invisibiliza as desigualdades de gênero. Além disso, a influência de discursos misóginos promovidos por figuras públicas e movimentos reacionários exacerba esse cenário, legitimando a marginalização das questões de gênero e dificultando a implementação de práticas pedagógicas mais equitativas e justas. Para superar essas resistências, é crucial investir em programas de formação continuada para educadores que enfatizem a importância de uma abordagem interseccional e crítica da história, bem como a promoção de políticas educacionais que desafiem as narrativas dominantes e proporcionem a inclusão de todas as vozes históricas.

A formação continuada de professores é essencial para capacitá-los a abordar questões de gênero de maneira eficaz e sensível. Programas de formação devem incluir não apenas conteúdos específicos sobre história de gênero, mas também metodologias pedagógicas que promovam a análise crítica e a inclusão (Blomberg, 2008)<sup>69</sup>.

A integração das questões de gênero no ensino de História é um processo contínuo e multifacetado que requer esforços concentrados ao nível teórico, curricular e pedagógico.

---

<sup>69</sup> BLOMBERG, A. et al. Diesel exhaust inhalation increases thrombus formation in man. *European heart journal*, v. 29, n. 24, p. 3043-3051, 2008.

Acreditamos que as perspectivas futuras para este campo podem ser desenvolvidas de forma mais eficaz a partir dos seguintes pontos:

- 1. Desenvolvimento de Materiais Didáticos Inclusivos:** Criar e disseminar materiais didáticos que abordem as contribuições e experiências das mulheres e outros grupos marginalizados, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada da história.
- 2. Formação de Professores:** Implementar programas de formação continuada para professores, focados em história de gênero e metodologias pedagógicas inclusivas.
- 3. Pesquisa Acadêmica:** Incentivar a pesquisa acadêmica em ensino médio e ensino superior, para docentes e discentes, sobre história de gênero, destacando novas perspectivas e abordagens que possam enriquecer a historiografia e o ensino de História.
- 4. Engajamento Comunitário:** Promover o engajamento com comunidades locais e organizações de defesa dos direitos das mulheres e outros grupos marginalizados, para desenvolver currículos e práticas pedagógicas que reflitam melhor a diversidade da experiência humana, atenuando a distância entre universidade e comunidade.

A historiografia das questões de gênero no ensino de História representa um avanço significativo na busca por uma narrativa histórica mais inclusiva e diversificada. Desde as primeiras contribuições das historiadoras feministas até as abordagens contemporâneas que incorporam a teoria de gênero e a interseccionalidade, este campo tem desafiado e enriquecido a compreensão do passado.

A inclusão das questões de gênero no currículo de história não apenas corrige omissões históricas, mas também promove uma educação que valoriza a diversidade e a equidade. Embora ainda haja desafios e resistências, os esforços contínuos para integrar a perspectiva de gênero no ensino de história prometem contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

A integração das questões de gênero no currículo de História representa um movimento importante em direção a uma educação mais inclusiva e crítica. Este movimento tem em vista corrigir a tradicional marginalização das mulheres e outros grupos, promovendo uma visão mais holística e abrangente do passado. Este texto analisa como os currículos de História abordam as questões de gênero, as mudanças recentes, e os desafios e impactos dessa integração.

Historicamente, os currículos de História foram desenvolvidos em uma perspectiva androcêntrica, que privilegia as experiências e contribuições dos homens, especialmente daqueles envolvidos em eventos políticos e militares. Essa abordagem tradicionalmente negligenciou ou minimizou as experiências das mulheres e de outros grupos marginalizados.

Como resultado, as narrativas históricas frequentemente apresentavam uma visão parcial e limitada do passado.

A análise curricular revela que, embora alguns avanços tenham sido feitos, a inclusão de questões de gênero ainda enfrenta desafios significativos. Em muitos países, os currículos nacionais e estaduais começam a reconhecer a importância de incluir as contribuições das mulheres e abordar as desigualdades de gênero. No entanto, a implementação prática dessas diretrizes varia consideravelmente.

Nos últimos anos, diversas iniciativas têm buscado promover a inclusão das questões de gênero no currículo de História. Essas iniciativas variam desde a elaboração de novos materiais didáticos até a implementação de programas de formação continuada para professores.

Uma dessas iniciativas é o "Projeto de História das Mulheres e de Gênero", que visa desenvolver recursos didáticos e programas de formação para educadores. Este projeto busca não apenas incluir a história das mulheres, mas também explorar como as construções de gênero influenciam as relações de poder e as dinâmicas sociais ao longo do tempo (Schmidt, 2014)<sup>70</sup>.

Outra abordagem significativa tem sido a revisão dos livros didáticos. Em alguns países, como os Estados Unidos, a "*National Women's History Alliance*" (A aliança da história das mulheres – tradução nossa) tem trabalhado para incluir as contribuições das mulheres na história americana, revisando e criando materiais que refletem uma narrativa mais inclusiva (*National Women's History Alliance*, 2020).

No Brasil, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) tem desempenhado um papel importante ao incentivar a inclusão de questões de gênero nos livros didáticos. Essa iniciativa representa um avanço significativo na tentativa de promover uma educação mais inclusiva e crítica, que reflete a diversidade de experiências e identidades presentes na sociedade brasileira. No entanto, a implementação efetiva dessa política enfrenta desafios consideráveis. Um dos principais obstáculos é a resistência de determinados setores da sociedade, que veem a inclusão de questões de gênero como uma ameaça aos valores tradicionais. Essa resistência é alimentada por discursos conservadores que influenciam tanto a opinião pública quanto a tomada de decisões políticas, resultando em tentativas de censura ou exclusão de conteúdos que abordam gênero, sexualidade e diversidade nos materiais didáticos.

Além disso, mesmo quando os livros didáticos incluem questões de gênero, a forma como esses conteúdos são apresentados pode ser problemática. Muitas vezes, as discussões sobre gênero são superficiais ou estereotipadas, não explorando de maneira crítica as relações

---

<sup>70</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História & Ensino de História:** relações entre saber histórico e didática. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

de poder e as desigualdades estruturais que moldam as experiências de homens e mulheres. A falta de formação adequada para os professores também é um fator que limita a eficácia do PNLD nesse sentido. Sem o preparo necessário para abordar temas de gênero de maneira sensível e informada, os educadores podem reproduzir preconceitos ou evitar completamente essas discussões em sala de aula (Brasil, 2017)<sup>71</sup>.

Estudos de caso em diferentes contextos educacionais demonstram tanto os avanços quanto os desafios da inclusão das questões de gênero no currículo de História. Em São Paulo, por exemplo, uma pesquisa realizada por Schmidt (2014)<sup>72</sup> analisou a implementação de um programa de formação continuada para professores de História, focado na inclusão de questões de gênero. O estudo revelou que, embora os professores estivessem interessados em incorporar essas questões, enfrentavam dificuldades práticas, como a falta de recursos adequados e o desafio de abordar temas sensíveis em sala de aula, muitas vezes por represália dos pais e cuidadores, ou até mesmo da própria instituição.

Outro estudo de caso relevante é o da Espanha, onde a Lei Orgânica 2/2006 de Educação (LOE)<sup>73</sup> incluiu a igualdade de gênero como um dos princípios fundamentais da educação. A implementação dessa lei levou à criação de programas e materiais didáticos que abordam a história das mulheres e as questões de gênero. A LOE estabeleceu diretrizes para a inclusão de questões de gênero nos currículos escolares e incentivou a criação de programas e materiais didáticos que abordam a história das mulheres e questões de gênero. Esse marco legal teve implicações diretas na reformulação dos conteúdos pedagógicos, visando garantir que os livros e recursos educacionais refletissem a diversidade das experiências de gênero e abordassem as contribuições das mulheres de maneira mais equitativa. A implementação da LOE levou à produção de materiais didáticos que incorporam a perspectiva de gênero, permitindo que estudantes se engajassem com uma visão mais completa e inclusiva da história. Esses materiais abordam a participação das mulheres em diversos contextos históricos e sociais, contribuindo para uma compreensão mais rica e crítica das relações de gênero e das lutas pelas desigualdades. No entanto, pesquisas indicam que a aplicação dessas diretrizes ainda é desigual, com algumas escolas adotando práticas mais inclusivas do que outras (García-Navarro; Ferrer, 2010)<sup>74</sup>.

<sup>71</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

<sup>72</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História & Ensino de História**: relações entre saber histórico e didática. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

<sup>73</sup> ESPANHA. Lei Orgânica 2/2006, de 3 de maio, de Educação. **Boletín Oficial del Estado**, n.º 106, 4 maio 2006.

<sup>74</sup> GARCÍA-NAVARRO, Alicia; FERRER, Victoria. **Gender and Education in Spain: Changes and Challenges**. Educational Studies, v. 36, n. 2, p. 171-184, 2010.

Para que a inclusão das questões de gênero no currículo de História seja eficaz, é fundamental que os educadores adotem abordagens pedagógicas que promovam uma análise crítica e reflexiva. Diferentes metodologias podem ser utilizadas para esse fim, cada uma com suas próprias vantagens e desafios.

O uso de fontes primárias configura-se como uma metodologia extremamente eficaz para o ensino de história sob uma perspectiva de gênero. Fontes primárias — como diários pessoais, cartas, documentos oficiais, fotografias e registros orais — oferecem um contato direto com as vozes e experiências de mulheres e de outros grupos historicamente marginalizados. Ao trabalhar diretamente com esses materiais, os estudantes não apenas acessam relatos autênticos e específicos de diferentes contextos sociais, mas também são desafiados a desenvolver habilidades críticas essenciais, como a análise contextualizada, a identificação de silêncios e lacunas nas narrativas tradicionais e a interpretação das intenções e limites de cada documento. Essa metodologia estimula uma compreensão mais complexa e humanizada do passado, permitindo que os alunos percebam como as relações de poder de gênero moldaram (e ainda moldam) as experiências individuais e coletivas ao longo da história. Além disso, incentiva a formação de uma postura investigativa e reflexiva diante das fontes históricas, indispensável para a construção de uma cidadania crítica. (Zamboni, 2018)<sup>75</sup>.

Outra abordagem eficaz é a utilização de narrativas biográficas. Biografias de mulheres que tiveram papéis significativos na história, como líderes políticas, ativistas, cientistas e artistas, podem ser utilizadas para ilustrar como as construções de gênero influenciaram suas vidas e contribuições. Esta metodologia ajuda os estudantes a humanizar e contextualizar as figuras históricas, tornando a história mais acessível e relevante (Louro, 2000)<sup>76</sup>, assim como propomos nesta dissertação, ao analisar a integração e participação de mulheres nos sindicatos de trabalhadores agrícolas e rurais na cidade de Buriti dos Lopes.

A análise crítica de textos históricos e literários também pode ser uma ferramenta poderosa para ensinar história com uma perspectiva de gênero. Esta abordagem envolve a leitura e discussão de textos que abordam questões de gênero, permitindo que os estudantes questionem e desafiem as narrativas históricas tradicionais. Além disso, promove a compreensão de como as construções de gênero são refletidas e reforçadas através da linguagem e da literatura (Butler, 1990)<sup>77</sup>.

---

<sup>75</sup> ZAMBONI, Yves; LITSCHIG, Stephan. **Audit risk and rent extraction:** Evidence from a randomized evaluation in Brazil. *Journal of Development Economics*, v. 134, p. 133-149, 2018.

<sup>76</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma Perspectiva Pós-Estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2000

<sup>77</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e a Subversão da Identidade. New York: Routledge, 1990.

A disponibilidade e o uso de recursos didáticos que abordem as questões de gênero são cruciais para a eficácia dessa abordagem no ensino de História. Livros, filmes, documentários e outros materiais educativos podem fornecer aos professores as ferramentas necessárias para integrar essas questões em suas aulas.

Os livros didáticos são ferramentas fundamentais no ensino de História, pois moldam a forma como os alunos compreendem e se relacionam com o passado. Tradicionalmente, esses materiais têm sido criticados por sua representação limitada ou distorcida das contribuições das mulheres e das questões de gênero. Muitos livros didáticos continuam a priorizar narrativas históricas centradas em figuras masculinas e eventos que perpetuam uma visão unidimensional da história, frequentemente marginalizando ou ignorando as experiências e contribuições das mulheres. A revisão crítica e a criação de livros didáticos que abordem a desigualdade de gênero e incluam a perspectiva feminina são passos cruciais para uma educação mais equilibrada e inclusiva (Brasil, 2017)<sup>78</sup>.

Ainda segundo Brasil (2017)<sup>79</sup>, a implementação efetiva dessas mudanças enfrenta diversos obstáculos. A resistência institucional e cultural, bem como a falta de formação adequada para professores, são desafios significativos. Algumas instituições podem ser relutantes em adotar novos materiais ou em modificar currículos estabelecidos, e a resistência pode ser reforçada por preconceitos arraigados e por uma falta de compreensão sobre a importância de uma abordagem de gênero mais abrangente. Além disso, a formação insuficiente dos educadores pode limitar sua capacidade de utilizar novos materiais de forma eficaz e de integrar questões de gênero de maneira significativa nas aulas (Brasil, 2017)<sup>80</sup>.

Para superar essas limitações, é fundamental considerar outras fontes históricas e suas diversas linguagens como alternativas complementares. A inclusão de fontes históricas variadas, como documentos de época, memórias, arte, literatura e registros orais, oferece uma rica gama de perspectivas que podem enriquecer a compreensão do passado e proporcionar uma visão mais completa das experiências de diferentes grupos sociais, incluindo mulheres e minorias. Essas fontes podem revelar aspectos da história que muitas vezes são negligenciados nos livros didáticos tradicionais e permitem uma abordagem mais crítica e multifacetada da história (Brasil, 2017)<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

<sup>79</sup> *Ibid.*

<sup>80</sup> *Ibid.*

<sup>81</sup> *Ibid.*

Por exemplo, as análises de documentos pessoais, como diários e cartas, podem fornecer *insights* sobre a vida cotidiana das mulheres e suas contribuições para a sociedade. A interpretação de arte e literatura pode revelar como as representações de gênero evoluíram ao longo do tempo e como esses textos refletem e influenciam as normas de gênero. Além disso, as entrevistas e relatos orais de pessoas que viveram eventos históricos oferecem perspectivas diretas e muitas vezes não documentadas nos registros oficiais. Integrar essas diversas fontes históricas e linguagens no currículo pode ajudar a compensar as deficiências dos livros didáticos e promover uma compreensão mais rica e diversificada da história. Ao fazê-lo, os educadores podem fornecer aos alunos uma visão mais completa e inclusiva do passado, destacando as contribuições e experiências de todos os grupos sociais e oferecendo uma base sólida para a discussão crítica das questões de gênero e de outras formas de opressão e privilégio.

Projetos e atividades interativas também são metodologias eficazes para integrar as questões de gênero no ensino de História. Atividades como debates, dramatizações e projetos de pesquisa podem envolver os estudantes de maneira ativa e promover uma compreensão mais profunda e crítica das questões de gênero. Essas atividades incentivam a participação ativa dos estudantes e permitem que eles explorem as complexidades das construções de gênero ao longo do tempo (Zamboni, 2018)<sup>82</sup>.

A formação continuada de professores é essencial para capacitá-los a abordar questões de gênero de maneira eficaz e sensível. Programas de formação devem incluir não apenas conteúdos específicos sobre história de gênero, mas também metodologias pedagógicas que promovam a análise crítica e a inclusão. Programas de formação continuada, como *workshops*, cursos e seminários, podem fornecer aos professores o conhecimento e as habilidades necessárias para integrar questões de gênero em suas aulas. Esses programas devem abordar tanto os aspectos teóricos quanto práticos da história de gênero, oferecendo estratégias pedagógicas concretas para o ensino (Schmidt, 2014)<sup>83</sup>.

Para garantir que os professores estejam atualizados com as últimas pesquisas e práticas pedagógicas, o desenvolvimento profissional contínuo deve partir de várias iniciativas. A participação em conferências, a leitura de publicações acadêmicas e a colaboração com colegas e especialistas são componentes essenciais desse processo. É igualmente importante que os professores tenham acesso a recursos e suporte contínuo para implementar mudanças em suas

---

<sup>82</sup> ZAMBONI, Yves; LITSCHIG, Stephan. **Audit risk and rent extraction:** Evidence from a randomized evaluation in Brazil. *Journal of Development Economics*, v. 134, p. 133-149, 2018.

<sup>83</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História & Ensino de História:** relações entre saber histórico e didática. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

práticas de ensino. Esse acesso deve ser providenciado por instituições educacionais e órgãos responsáveis pela formação e desenvolvimento profissional dos educadores (Louro, 2000)<sup>84</sup>.

A inclusão das questões de gênero no currículo de História pode ter impactos significativos na aprendizagem dos estudantes. Uma abordagem inclusiva e crítica da história pode promover uma compreensão mais profunda e rica do passado, além de incentivar o pensamento crítico e a empatia.

Ao explorar as experiências e contribuições das mulheres e de outros grupos marginalizados, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais completa e complexa da história.

Para garantir que os professores estejam atualizados com as últimas pesquisas e práticas pedagógicas, é fundamental implementar um desenvolvimento profissional contínuo de forma estruturada e prática. Esse processo pode começar com a participação em conferências e *workshops* especializados, que oferecem oportunidades para que os educadores se familiarizem com novas abordagens e técnicas de ensino. Além disso, a leitura de publicações acadêmicas, como artigos e livros recentes, permite que os professores acompanhem as evoluções teóricas e metodológicas em suas áreas de atuação. A colaboração com colegas e especialistas é outra forma crucial de desenvolvimento profissional, permitindo a troca de experiências e a discussão de práticas pedagógicas inovadoras. Essa colaboração pode ocorrer por meio de grupos de estudo, redes de professores e fóruns acadêmicos, promovendo um ambiente de aprendizado contínuo e compartilhamento de conhecimentos (Louro, 2000)<sup>85</sup>.

Além disso, é essencial que os professores recebam acesso a recursos e apoio contínuo para implementar mudanças em suas práticas de ensino. Isso inclui a disponibilização de materiais didáticos atualizados, ferramentas pedagógicas adequadas e suporte técnico e administrativo. Instituições educacionais e órgãos responsáveis pela formação de professores devem garantir que esses recursos estejam disponíveis e acessíveis, proporcionando um ambiente propício para a aplicação das novas abordagens e práticas aprendidas. Essas medidas são necessárias porque, ao se atualizar constantemente e aprimorar suas práticas pedagógicas, os professores podem oferecer aos alunos uma educação mais rica e diversificada, refletindo as mais recentes descobertas e debates acadêmicos (Louro, 2000)<sup>86</sup>.

---

<sup>84</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>85</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>86</sup> *Ibid.*

A análise crítica das construções de gênero e das relações de poder pode promover o desenvolvimento do pensamento crítico nos estudantes. Ao questionar as narrativas tradicionais e explorar diferentes perspectivas, os estudantes aprendem a analisar e interpretar informações de maneira mais crítica e reflexiva. Isso é fundamental não apenas para o estudo da história, mas também para a formação de cidadãos conscientes e informados (Butler, 1990)<sup>87</sup>.

A inclusão das questões de gênero no currículo de história também pode promover a empatia e a inclusão entre os estudantes. Ao aprender sobre as experiências e lutas de diferentes grupos, os estudantes podem desenvolver uma maior compreensão e respeito pelas diversidades e diferenças. Isso pode contribuir para a criação de ambientes escolares mais inclusivos e respeitosos, onde todos os estudantes se sintam valorizados e representados (García-Navarro; Ferrer, 2010)<sup>88</sup>.

A integração das questões de gênero no currículo de História representa um avanço significativo na busca por uma educação mais inclusiva e crítica. Embora ainda haja desafios a serem superados, os esforços contínuos para promover a inclusão de gênero no ensino de História têm o potencial de enriquecer a compreensão dos estudantes sobre o passado e preparar futuros cidadãos para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo.

Para alcançar esses objetivos, é essencial que os educadores adotem abordagens pedagógicas que incentivem a análise crítica e a reflexão sobre questões de gênero. Isso pode ser realizado através de métodos de ensino que promovam a discussão e a avaliação das dinâmicas de poder e das desigualdades históricas. Para apoiar a implementação dessas práticas, os educadores devem receber formação contínua, que inclua *workshops*, seminários e cursos especializados que abordem a integração de questões de gênero no currículo. Além disso, é necessário desenvolver e disseminar recursos didáticos que tratem as questões de gênero de maneira abrangente e inclusiva. Isso implica na criação e atualização de materiais didáticos que apresentem uma visão equilibrada e diversificada da história, incluindo as contribuições e experiências de mulheres e outros grupos marginalizados. Tais recursos devem ser amplamente disponibilizados e acessíveis para garantir que os educadores possam integrá-los efetivamente em suas práticas de ensino.

### 2.3 Desafios e Possibilidades: por uma inclusão do gênero no ensino de história

---

<sup>87</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e a Subversão da Identidade. New York: Routledge, 1990.

<sup>88</sup> GARCÍA-NAVARRO, Alicia; FERRER, Victoria. Gender and Education in Spain: Changes and Challenges. *Educational Studies*, v. 36, n. 2, p. 171-184, 2010.

A integração das questões de gênero no ensino de História representa um desafio significativo, mas também uma oportunidade valiosa para enriquecer a educação e promover uma compreensão mais crítica e inclusiva do passado. Para alcançar esses objetivos, é essencial adotar metodologias de ensino eficazes e fornecer uma formação continuada adequada para os professores. Este texto explora as abordagens pedagógicas e as estratégias de formação continuada que podem facilitar a inclusão das questões de gênero no ensino de História, analisando as melhores práticas, desafios e perspectivas futuras.

A escolha das metodologias de ensino é crucial para garantir que as questões de gênero sejam abordadas de maneira eficaz e significativa no currículo de História. Diferentes abordagens pedagógicas podem ser utilizadas para promover uma análise crítica das construções de gênero e das relações de poder ao longo do tempo.

Segundo Zamboni (2018)<sup>89</sup>, a análise de fontes primárias pode ajudar os estudantes a compreenderem como as construções de gênero influenciaram as experiências e contribuições das mulheres ao longo do tempo. Por exemplo, ao analisar diários de mulheres durante a Segunda Guerra Mundial, os estudantes podem explorar como as responsabilidades e expectativas de gênero mudaram em tempos de conflito e como essas mudanças afetaram a vida cotidiana das mulheres.

A utilização de narrativas biográficas para ensinar História, com uma perspectiva de gênero, oferece uma abordagem teórico-metodológica robusta, fundamentada na ideia de que histórias individuais revelam aspectos amplos das dinâmicas de poder e construção social. Segundo Louro (2000)<sup>90</sup>, as narrativas biográficas têm o potencial de desconstruir estereótipos de gênero e desafiar as narrativas históricas tradicionais, proporcionando uma visão mais complexa e humanizada dos eventos históricos. Essa metodologia se baseia na teoria da história de gênero, que se concentra em como as construções sociais de masculinidades e feminilidades moldam e são moldadas pelos contextos históricos.

O uso de biografias de mulheres notáveis, como Marie Curie, Frida Kahlo ou Malala Yousafzai, permite aos estudantes explorarem como as questões de gênero influenciaram as vidas e as contribuições dessas figuras. A abordagem possibilita uma compreensão mais profunda das interseções entre gênero, classe, raça e outras formas de opressão e privilégio. Ao humanizar essas figuras históricas, os estudantes não apenas se conectam melhor com o

---

<sup>89</sup> ZAMBONI, Yves; LITSCHIG, Stephan. **Audit risk and rent extraction:** Evidence from a randomized evaluation in Brazil. *Journal of Development Economics*, v. 134, p. 133-149, 2018.

<sup>90</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma Perspectiva Pós-Estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2000.

conteúdo, mas também desenvolvem uma percepção mais crítica sobre como a história é construída e narrada.

No entanto, a implementação desta abordagem enfrenta desafios significativos. A seleção de biografias e a interpretação de suas histórias devem ser feitas com cuidado para evitar a perpetuação de novos estereótipos ou a simplificação excessiva das experiências individuais. Além disso, é crucial que os educadores recebam formação adequada para utilizar essas narrativas de forma crítica e consciente, evitando que as histórias se tornem meramente ilustrativas sem uma análise profunda das dinâmicas de poder e gênero envolvidas.

A análise crítica de textos históricos e literários também pode ser uma ferramenta poderosa para ensinar história com uma perspectiva de gênero. Essa abordagem envolve a leitura e discussão de textos que abordam questões de gênero, permitindo que os estudantes questionem e desafiem as narrativas históricas tradicionais. Além disso, promove a compreensão de como as construções de gênero são refletidas e reforçadas através da linguagem e da literatura.

Butler (1990)<sup>91</sup> destaca que a análise crítica de textos pode revelar as dinâmicas de poder implícitas nas narrativas históricas e literárias, proporcionando uma compreensão mais profunda das estruturas sociais e culturais. Por exemplo, a análise de obras literárias como "Orgulho e Preconceito" de Jane Austen ou "The Bell Jar" de Sylvia Plath pode ajudar os estudantes a explorarem as representações de gênero e a desafiar as normas sociais que moldaram as vidas das mulheres.

Projetos e atividades interativas oferecem metodologias eficazes para integrar questões de gênero no ensino de História, pois promovem uma abordagem ativa e envolvente que vai além da mera exposição de conteúdos. Essas atividades podem incluir debates, dramatizações e projetos de pesquisa, cada uma contribuindo de maneira distinta para a compreensão crítica das questões de gênero.

Debates estruturados sobre temas históricos relacionados ao gênero, como o papel das mulheres em movimentos sociais ou a evolução das leis de igualdade, incentivam os estudantes a analisar e articular diferentes perspectivas. Segundo Banks (2008)<sup>92</sup>, debates em sala de aula são uma maneira eficaz de fomentar o pensamento crítico, permitindo que os alunos confrontem suas próprias ideias e preconceitos sobre questões de gênero. Esse método permite uma análise

---

<sup>91</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e a Subversão da Identidade. New York: Routledge, 1990.

<sup>92</sup> BANKS, J. A. **Diversity and Citizenship Education:** Global Perspectives. San Francisco: Jossey-Bass, 2008.

mais profunda das fontes históricas e das implicações das narrativas históricas tradicionais e alternativas.

Dramatizações, como encenações de eventos históricos ou recriações de discursos importantes, ajudam os alunos a se conectar emocionalmente com o material. Segundo Egan (2005)<sup>93</sup>, essas atividades proporcionam uma forma de aprendizagem experiencial que pode tornar os conceitos de gênero mais tangíveis e compreensíveis. Quando os alunos representam personagens históricos e exploram suas vidas e contextos, eles ganham uma nova perspectiva sobre como as normas e expectativas de gênero moldaram e foram moldadas pelos eventos históricos.

Projetos de pesquisa, por outro lado, incentivam os alunos a investigar e apresentar temas relacionados ao gênero de forma independente. Este tipo de atividade permite que os alunos desenvolvam habilidades de pesquisa e análise, explorando fontes primárias e secundárias que abordam as questões de gênero. De acordo com Lee (2004)<sup>94</sup>, projetos de pesquisa promovem a autonomia dos alunos e incentivam uma abordagem mais crítica e reflexiva da história, permitindo uma exploração mais aprofundada das interseções entre gênero, poder e outras formas de identidade.

Essas atividades interativas não só promovem uma compreensão mais rica e complexa das questões de gênero, mas também ajudam a desenvolver habilidades importantes para a análise crítica, como a capacidade de argumentar, pesquisar e refletir sobre múltiplas perspectivas históricas. No entanto, para que essas metodologias sejam eficazes, é essencial que os educadores estejam bem-preparados e apoiados na implementação dessas práticas, e que os materiais e recursos sejam adequados e inclusivos.

Zamboni (2018)<sup>95</sup> sugere que projetos interdisciplinares podem ser particularmente eficazes para abordar questões de gênero. Por exemplo, um projeto de pesquisa sobre a história das sufragistas pode envolver não apenas a análise de fontes históricas, mas também a criação de apresentações, dramatizações e discussões em grupo. Essas atividades promovem a colaboração e o pensamento crítico, além de permitir que os estudantes explorem diferentes perspectivas e experiências.

O uso de tecnologias educacionais pode ser uma abordagem inovadora e eficaz para ensinar História com uma perspectiva de gênero. Ferramentas como plataformas de

---

<sup>93</sup> EGAN, K. **The Future of Education:** Reimagining Our Schools from the Ground Up. New Haven: Yale University Press, 2005.

<sup>94</sup> LEE, Kwan Min. **Presence, Explicated.** *Communication Theory*, v. 14, n. 1, p. 27-50, 2004.

<sup>95</sup> ZAMBONI, Yves; LITSCHIG, Stephan. **Audit risk and rent extraction:** Evidence from a randomized evaluation in Brazil. *Journal of Development Economics*, v. 134, p. 133-149, 2018.

aprendizagem online, realidade aumentada e aplicativos educacionais podem fornecer aos estudantes acesso a uma ampla gama de recursos e materiais didáticos. Essas tecnologias podem facilitar a análise crítica de fontes primárias, a exploração de narrativas biográficas e a realização de projetos interativos.

Garavaglia (2016)<sup>96</sup> argumenta que as tecnologias educacionais podem enriquecer a aprendizagem e promover a inclusão, oferecendo aos estudantes oportunidades de explorar diferentes perspectivas e experiências de maneira envolvente e acessível. Por exemplo, aplicativos educacionais que permitem a visualização de exposições virtuais sobre a história das mulheres podem proporcionar uma experiência de aprendizagem imersiva e interativa.

Segundo Imbernón (2011)<sup>97</sup>, a formação continuada de professores é essencial para capacitá-los a abordar questões de gênero de maneira eficaz e sensível. Programas de formação devem incluir não apenas conteúdos específicos sobre história de gênero, mas também metodologias pedagógicas que promovam a análise crítica e a inclusão. A seguir, exploramos algumas das abordagens e estratégias de formação continuada que podem facilitar a integração das questões de gênero no ensino de história.

Programas de formação continuada, como workshops, cursos e seminários, podem fornecer aos professores o conhecimento e as habilidades necessárias para integrar questões de gênero em suas aulas. Esses programas devem abordar tanto os aspectos teóricos quanto práticos da história de gênero, oferecendo estratégias pedagógicas concretas para o ensino.

Schmidt (2014)<sup>98</sup> destaca a importância de programas de formação continuada que incluam discussões sobre as construções de gênero e as relações de poder, bem como a análise de materiais didáticos e a elaboração de planos de aula. Esses programas devem ser oferecidos de maneira regular e acessível, garantindo que todos os professores tenham a oportunidade de participar e se beneficiar dessas iniciativas.

O desenvolvimento profissional contínuo é crucial para garantir que os professores estejam atualizados com as últimas pesquisas e práticas pedagógicas. Isso pode incluir a participação em conferências, a leitura de publicações acadêmicas e a colaboração com colegas e especialistas na área. Além disso, é importante que os professores tenham acesso a recursos e apoio contínuo para implementar mudanças em suas práticas de ensino.

---

<sup>96</sup> GARAVAGLIA, Márcia. **Filmes e Documentários:** Ferramentas Didáticas no Ensino de História. São Paulo: Educ, 2016.

<sup>97</sup> IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar – se para a mudança e a incerteza. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>98</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História & Ensino de História:** relações entre saber histórico e didática. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

Louro (2000)<sup>99</sup> argumenta que o desenvolvimento profissional contínuo deve ser incentivado e apoiado por instituições educacionais e autoridades governamentais. Programas de mentoria e redes de colaboração entre professores podem facilitar o intercâmbio de ideias e práticas, promovendo uma abordagem mais integrada e eficaz para a inclusão das questões de gênero no ensino de História.

A disponibilidade e o uso de recursos didáticos que abordem as questões de gênero são cruciais para a eficácia dessa abordagem no ensino de História. Livros, filmes, documentários e outros materiais educativos podem fornecer aos professores as ferramentas necessárias para integrar essas questões em suas aulas.

Segundo Butler (1990)<sup>100</sup>, a criação e a disseminação de materiais didáticos que incluam as contribuições das mulheres e abordem as desigualdades de gênero são passos importantes para promover uma educação mais inclusiva. No entanto, a adoção desses materiais ainda enfrenta desafios, como a resistência de algumas instituições e a falta de formação adequada para os professores.

Filmes e documentários podem ser utilizados como recursos didáticos para abordar questões de gênero de maneira envolvente e acessível. Produções como "The Suffragettes" (2015), que retrata a luta das mulheres pelo direito ao voto no Reino Unido, ou "He Named Me Malala" (2015), que conta a história de Malala Yousafzai e sua luta pelo direito à educação, são exemplos de como esses recursos podem enriquecer o ensino de História (Garavaglia, 2016)<sup>101</sup>.

A avaliação e o *feedback* são componentes essenciais da formação continuada de professores. Avaliações regulares dos programas de formação e das práticas pedagógicas podem fornecer *insights* valiosos sobre a eficácia das abordagens adotadas e identificar áreas que necessitam de melhorias. O *feedback* dos professores participantes é crucial para ajustar e aprimorar os programas de formação, garantindo que eles atendam às necessidades e expectativas dos educadores.

Schmidt (2014)<sup>102</sup> sugere que a implementação de sistemas de avaliação contínua pode ajudar a monitorar o progresso e o impacto das iniciativas de formação continuada. Isso pode

---

<sup>99</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>100</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade**. New York: Routledge, 1990.

<sup>101</sup> GARAVAGLIA, Márcia. **Filmes e Documentários: Ferramentas Didáticas no Ensino de História**. São Paulo: Educ, 2016.

<sup>102</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História & Ensino de História: relações entre saber histórico e didática**. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

incluir a realização de pesquisas com professores, a observação de aulas e a análise de materiais didáticos produzidos durante os programas de formação.

O apoio institucional e as políticas educacionais desempenham um papel crucial na promoção da formação continuada de professores e na integração das questões de gênero no ensino de História. Autoridades governamentais e instituições educacionais devem implementar políticas que incentivem e apoiem a formação continuada, fornecendo recursos e financiamento adequados para programas de desenvolvimento profissional.

Louro (2000)<sup>103</sup> argumenta que políticas educacionais que promovam a igualdade de gênero e a inclusão são essenciais para garantir a eficácia das iniciativas de formação continuada. Essas políticas devem incluir diretrizes claras sobre a inclusão das questões de gênero no currículo de História e fornecer suporte financeiro e logístico para a implementação de programas de formação continuada.

A integração das questões de gênero no ensino de História e a formação continuada de professores enfrentam diversos desafios, mas também apresentam oportunidades significativas para promover uma educação mais inclusiva e crítica.

Outro desafio é a falta de recursos e apoio para a implementação de programas de formação continuada. Muitas vezes, professores enfrentam dificuldades para acessar programas de formação devido às limitações financeiras, logísticas ou de tempo. Políticas educacionais que incentivem e apoiem a formação continuada são essenciais para superar esses desafios e garantir que todos os professores tenham a oportunidade de participar dessas iniciativas.

Apesar dos desafios, as perspectivas futuras são promissoras, com um aumento nas iniciativas de formação continuada e na criação de materiais didáticos inclusivos. O apoio institucional e as políticas educacionais desempenham um papel crucial na promoção dessas iniciativas, garantindo que todos os professores tenham a oportunidade de participar e se beneficiar da formação continuada. Ao promover a integração das questões de gênero no ensino de História, podemos contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e inclusivos, preparados para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo.

A participação das mulheres na história de Buriti dos Lopes, cidade localizada no estado do Piauí, é marcada por uma trajetória de lutas, conquistas e contribuições significativas para o desenvolvimento da comunidade local. Este capítulo aspira a analisar a representatividade

---

<sup>103</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

feminina na cidade, por meio de um histórico que enfatiza sua participação no processo histórico, no mercado de trabalho, nas relações sociais e em movimentos políticos.

Segundo o IBGE (2023)<sup>104</sup>, Buriti dos Lopes é uma cidade localizada no estado do Piauí, na região Nordeste do Brasil. Situada a aproximadamente 380 quilômetros ao norte da capital Teresina, Buriti dos Lopes é parte da mesorregião do Norte Piauiense e da microrregião de Parnaíba. A cidade desempenha um papel significativo na cultura local e na economia regional, sendo conhecida por suas tradições culturais e atividades econômicas predominantemente voltadas para a agricultura e pecuária. Sua posição geográfica a torna um ponto de interseção importante para a análise das dinâmicas regionais e locais dentro do contexto piauiense e nordestino.

**Figura 1:** Mapa da Cidade de Buriti dos Lopes – Piauí – Brasil



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu (2006).

A história de Buriti dos Lopes é permeada por eventos históricos nos quais as mulheres desempenharam papéis fundamentais. Desde os tempos coloniais, as mulheres piauienses estiveram envolvidas em diversas atividades que contribuíram para a formação e a consolidação da cidade. Entre essas figuras históricas, sobressaem-se algumas mulheres que se destacaram pela sua coragem e determinação, como Maria Firmina dos Reis, escritora e abolicionista que, mesmo não sendo natural da região, teve grande influência na luta contra a escravidão no Brasil.

<sup>104</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro, IBGE, 2023.

Além disso, é importante mencionar mulheres como Ana das Carrancas, figura histórica da região do Piauí, conhecida por sua participação na resistência ao domínio colonial português. Seu papel como líder indígena e defensora dos direitos de seu povo tornou-se um símbolo de resistência e força feminina na história do estado. Ana das Carrancas é frequentemente lembrada por sua habilidade em articular e liderar ações de resistência contra as opressões impostas pelos colonizadores, mostrando a importância da mulher indígena na luta pela preservação de sua cultura e direitos.

A participação das mulheres no mercado de trabalho em Buriti dos Lopes reflete as transformações sociais e econômicas pelas quais a cidade passou ao longo dos tempos. Inicialmente, as mulheres desempenhavam principalmente atividades ligadas à agricultura e ao artesanato, contribuindo para a subsistência das famílias e para o desenvolvimento da economia local. A agricultura familiar era uma das principais fontes de sustento, e as mulheres estavam envolvidas em todas as etapas desse processo, desde o plantio até a colheita e comercialização dos produtos.

Com o passar dos anos, houve uma diversificação nas ocupações femininas, com mulheres assumindo papéis em diversos setores da economia, como comércio, serviços e educação. Mulheres como a professora Telma Maria da Conceição<sup>105</sup>, poetisa e educadora, são exemplos de mulheres que se destacaram no mercado de trabalho em Buriti dos Lopes. Telma Maria da Conceição é conhecida não apenas por seu trabalho como educadora, mas também por suas contribuições à literatura local, utilizando a poesia como uma ferramenta para expressar as vivências e desafios das mulheres na sociedade piauiense.

As relações sociais em Buriti dos Lopes foram profundamente influenciadas pela participação ativa das mulheres ao longo dos tempos. Desde os tempos coloniais, as mulheres desempenharam papéis importantes na organização da vida comunitária, seja na esfera doméstica, religiosa, social ou cultural. As mulheres eram as principais responsáveis pela manutenção das tradições culturais e religiosas, organizando festas e celebrações que fortaleciam os laços comunitários e preservavam a identidade local.

Nas festas populares e religiosas da cidade, as mulheres sempre tiveram um papel de destaque, organizando eventos, preparando alimentos e preservando as tradições locais. Além disso, nas relações familiares, as mulheres desempenhavam um papel central, sendo responsáveis pela educação dos filhos e pela manutenção do lar. A figura da matriarca era

---

<sup>105</sup>Poetiza buritiense ganha prêmio - [Portal Buritiense - Telma Maria da Conceição Premiada Poetiza de Buriti dos Lopes. - Portal Buritiense](#)

comum nas famílias piauienses, onde a mulher exercia autoridade e cuidado sobre o núcleo familiar, garantindo a transmissão de valores e tradições de geração em geração.

No campo dos movimentos sociais e políticos, as mulheres de Buriti dos Lopes também se destacaram ao longo da história. Desde as primeiras manifestações em prol dos direitos das mulheres até os movimentos mais recentes por igualdade de gênero, as mulheres sempre estiveram na linha de frente das lutas por justiça social e igualdade de direitos. Nomes como o de Francisca Trindade, líder comunitária e defensora dos direitos das mulheres, são exemplos de personalidades que lutaram incansavelmente pelos direitos das mulheres em Buriti dos Lopes. Francisca Trindade, com sua atuação firme e dedicada, tornou-se uma voz importante na luta contra a desigualdade de gênero, inspirando outras mulheres a se engajarem na defesa de seus direitos.

Além das figuras históricas já mencionadas, é fundamental destacar a contribuição feminina em diversas outras áreas. Na política, por exemplo, várias mulheres assumiram cargos importantes e contribuíram para a criação de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade de gênero e a melhoria das condições de vida da população. A participação feminina na política de Buriti dos Lopes tem sido essencial para a implementação de programas e projetos que visam o empoderamento das mulheres e a garantia de seus direitos.

No campo da saúde, as mulheres também desempenharam papéis essenciais como enfermeiras, parteiras e agentes comunitárias de saúde. A atuação dessas profissionais foi crucial para a melhoria das condições de saúde da população local, especialmente em áreas rurais e de difícil acesso. As parteiras, em particular, foram figuras importantes na assistência ao parto e no cuidado com a saúde materna e infantil, contribuindo para a redução da mortalidade e para a promoção de práticas de saúde mais humanizadas.

A educação sempre foi um campo de atuação importante para as mulheres em Buriti dos Lopes. Desde as primeiras professoras que lecionavam em escolas rurais até as educadoras que hoje atuam em instituições de ensino superior, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental na formação das novas gerações, porém, não nos cabe aqui afirmar que a educação esteja em patamar de educação de qualidade superior, por conta de falta de verbas, administração pública e outros fatores. A dedicação dessas educadoras não se limita ao ensino das matérias tradicionais; elas também se envolvem em projetos de extensão e pesquisa que buscam abordar questões sociais relevantes, como a violência de gênero, a discriminação e a promoção da igualdade.

No campo das artes, as mulheres de Buriti dos Lopes também têm se destacado. Além da já mencionada Telma Maria da Conceição, muitas outras mulheres têm contribuído para a

cultura local por meio da música, da dança, do teatro e das artes plásticas. Essas artistas utilizam suas criações para expressar suas experiências e desafios, ao mesmo tempo em que promovem a cultura piauiense e fortalecem a identidade local.

Em relação às questões de gênero, a luta pela igualdade de direitos tem sido uma constante na história das mulheres de Buriti dos Lopes. A criação de associações e grupos de mulheres tem sido uma estratégia eficaz para a mobilização e a defesa de direitos. Esses grupos têm trabalhado para conscientizar a população sobre a importância da igualdade de gênero e para combater práticas discriminatórias que ainda persistem na sociedade.

A violência de gênero é uma questão que tem sido enfrentada com coragem e determinação pelas mulheres de Buriti dos Lopes. Campanhas de conscientização, programas de apoio às vítimas e a criação de redes de solidariedade são algumas das iniciativas que têm sido implementadas para enfrentar esse problema. A atuação das mulheres nessa área tem sido fundamental para a criação de um ambiente mais seguro e acolhedor para todas.

Além das iniciativas locais, as mulheres de Buriti dos Lopes também têm se engajado em movimentos nacionais e internacionais que lutam pelos direitos das mulheres. A participação em conferências, seminários e encontros tem sido uma oportunidade para trocar experiências, aprender novas estratégias de mobilização e fortalecer a rede de apoio mútuo entre mulheres de diferentes regiões e países.

Em suma, a representatividade feminina em Buriti dos Lopes ao longo dos tempos é um reflexo da força, coragem e determinação das mulheres piauienses. Sua participação ativa em eventos históricos, no mercado de trabalho, nas relações sociais e nos movimentos sociais e políticos demonstra a importância de suas contribuições para o desenvolvimento da cidade e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar o papel das mulheres na história de Buriti dos Lopes e garantir que suas vozes continuem sendo ouvidas e respeitadas em todos os aspectos da vida comunitária.

A trajetória das mulheres em Buriti dos Lopes é um testemunho de sua resiliência e capacidade de transformação. Suas histórias de luta e conquistas são uma fonte de inspiração para as futuras gerações, mostrando que é possível superar desafios e alcançar a igualdade de direitos. A representatividade feminina na cidade é um exemplo de como a participação ativa das mulheres pode contribuir para o desenvolvimento de uma comunidade mais forte e coesa.

### **3 CAPÍTULO II - O ENSINO DE HISTÓRIA Á LUZ DE QUESTÕES DE GÊNERO EM BURITI DOS LOPES – PIAUÍ**

Este capítulo está circunscrito ao objetivo de explicitar uma visão panorâmica das questões de gênero no município, como forma de desenvolver uma abordagem pontual de modo a corroborar a compreensão prévia da perspectiva que norteia essa pesquisa. Apresentar nosso objeto central de estudo e seus desdobramentos, a saber, a cidade de Buriti dos Lopes, no estado do Piauí, além de apresentar seus aspectos sociais e culturais, estrutura política e condição geográfica de modo a se constituir uma visão do município. Bem como analisar leis, regulamentos, livros didáticos e como todo este arcabouço conceitual e pedagógico aborda as questões de gênero em sua realização. Ao mesmo passo que entender-se-á esses pontos, a pesquisa não se furtará de apresentar as propostas educacionais para o município.

Ainda apresentaremos os aspectos históricos e culturais que contribuem para a compreensão da formação e evolução do município. A análise inclui a exploração de figuras femininas na história local, como Zezita Cruz Sampaio e Eulina Escórcio Alexandrino, cujas contribuições em áreas como política, educação, e artes moldaram a identidade cultural e social de Buriti dos Lopes. A narrativa deste capítulo contextualiza o município dentro de sua trajetória histórica e cultural, preparando o terreno para discussões mais aprofundadas sobre as questões de gênero e sua integração no currículo educacional local, que serão exploradas nos capítulos subsequentes.

O capítulo também aborda a recente proposta de implantação da Educação em Tempo Integral em Buriti dos Lopes, conforme as diretrizes da BNCC, visando a formação integral dos alunos através da ampliação da jornada escolar e da matriz curricular. A proposta inclui a utilização de espaços comunitários para atividades educacionais e a introdução de novas disciplinas, embora se observe a ausência de conteúdos voltados para questões de gênero, o que pode limitar a promoção da equidade e da inclusão. Além disso, será examinado como a implementação dessa proposta pode impactar a prática educacional, destacando a importância de uma abordagem integrada que considere a diversidade e a equidade de gênero como elementos essenciais para a formação completa dos alunos. A análise crítica desse cenário permitirá identificar lacunas e oportunidades para fortalecer a abordagem de gênero na educação, promovendo uma escola mais inclusiva e equitativa.

### 3.1 Buriti dos Lopes: um objeto de estudo

Buriti dos Lopes é um município localizado no estado do Piauí. Situa-se na planície litorânea, em torno de 300 km da capital do estado, Teresina. A cidade possui uma população próxima de 20 mil habitantes, conforme o último censo de 2022<sup>106</sup>. Tem como municípios limite: ao Norte, Parnaíba, a Leste, Bom Princípio do Piauí e ao Sul, Caxingó. O principal aspecto econômico de Buriti dos Lopes é, sobretudo, a agricultura, com destaque para a produção de arroz. Além disso, a cidade possui uma certa atividade de pecuária e, especialmente pesca, devido à proximidade com os rios Parnaíba, Longá e Pirangi, além de uma variedade de lagoas, das quais é importante mencionar a Lagoa Grande de Buriti dos Lopes<sup>107</sup>. Em conformidade com o historiador Odilon Nunes<sup>108</sup>, os primeiros habitantes do solo que viria a ser buritiense, foram os nativos da tribo Tremembé<sup>109</sup> que habitaram todo o norte do estado do Piauí. Ao explorar a literatura se encontrou vestígios de sua vivência as margens da Lagoa Grande de Buriti (situada nas margens do rio Parnaíba, local onde há grandes plantios de arroz) bem como inscrições gravadas em grutas e cavernas existentes em sua região, ricas em pinturas rupestres das quais se pode mencionar a Pedra do Letreiro e o Porão do Japão. Seu povoamento data do Brasil colonial, nos seguintes termos:

O povoamento de Buriti dos Lopes vai acontecer quando a Coroa Portuguesa decide conceder as primeiras Sesmarias nessa região. A povoação do território buritiense ocorreu no início do século XVIII. Atraído por nosso clima, vasta vegetação, riquíssima fauna e exuberantes mananciais, o sertanista português Francisco Lopes aqui chegou e fixou morada às margens do Riacho Buriti que banhava a imensa área brejada onde brotavam os nativos buritizais (Silva, 2021, p. 55)<sup>110</sup>.

A concessão de Sesmarias pela Coroa Portuguesa refere-se à prática colonial mediante a qual terras eram concedidas a particulares para seu cultivo e desenvolvimento. Essa medida foi uma forma de incentivar a colonização e a ocupação de terras no Brasil durante o período colonial. No início do século XVIII, a área que viria a se tornar Buriti dos Lopes foi povoada, com a chegada do sertanista português Francisco Lopes. Ele estabeleceu-se na região atraído

<sup>106</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro, IBGE, 2023.

<sup>107</sup> CEPRO- Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí. **Diagnóstico Socioeconômico de Buriti dos Lopes**. Disponível em: <http://www.cepro.pi.gov.br/download/.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

<sup>108</sup> NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Vol.2. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

<sup>109</sup> Os tremembés são um povo étnico indígena que habita atualmente a área indígena Tremembé de Almofala (Itarema) e as terras indígenas São José e Buriti (Itapipoca), Córrego do João Pereira (Itarema e Acaraú) e Tremembéde Queimadas (Acaraú), no litoral do estado do Ceará, no Brasil.

<sup>110</sup> SILVA, Gildazio; NUNES, Francisco. **Buriti dos Lopes: pré-história, história e memória**. Parnaíba: Sieart, 2021.

por suas características naturais, como o clima, a vegetação rica, a fauna diversificada e os recursos hídricos abundantes. O Riacho Buriti, mencionado na citação, é um corpo d'água local importante que banha a região e contribui para a sua rica biodiversidade. Os "nativos buritizais" referem-se provavelmente às plantas nativas da região, especificamente as palmeiras buriti, que são comuns em áreas brejeiras e servem como uma característica distintiva da paisagem local. Este contexto é fundamental para compreender a formação inicial de Buriti dos Lopes e os fatores que contribuíram para seu desenvolvimento ao longo dos séculos, refletindo o papel da exploração e da colonização portuguesa na ocupação do interior brasileiro.

Do topônimo, nome dado por conta de geografia ou região, das margens do batizado Riacho Buriti, por conta da vastidão de buritizais, que nasce o nome da vila de Buriti. Todo o desenrolar da história buritiense tem esse evento em especial como mote disparador de todos os desdobramentos que se seguem. O município tem uma cultura local, com festas tradicionais e eventos religiosos que são bastante frequentados pela comunidade. Encontra-se uma fonte de pesquisas sobre o município no livro de dois historiadores buritienses cujo título é *Buriti dos Lopes: Pré-história, História e Memória*. Nessa mesma obra, seus autores apresentam a criação do município nos seguintes termos:

O dia 02 do mês de agosto é de fato a data correta do aniversário do município de Buriti dos Lopes. A Resolução estadual de nº15, de 02 de agosto de 1890, do então Governador da província, Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, deu ao povoado de Buriti dos Lopes a condição de município e consequentemente autonomia político-administrativa, nesse mesmo ano passamos a ter nosso primeiro intendente, que equivale atualmente ao cargo de prefeito, o senhor Epaminondas Demétrio Castelo Branco (1893 – 1931), depois deste vieram outros dez pleitos (1893-1931) nos quais sete gestores alternaram-se na administração (Silva, 2021, p. 19)<sup>111</sup>.

Nesse sentido, a História do município remete ao século XVIII e mesmo ao Brasil colonial, fato este que por si só expõe a sua imersão em conflitos como a Balaíada, suas festas tradicionais como a Festa do Arroz que possui mais de cinquenta edições, seus cortejos de fé, como os tradicionais festejos de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira do município, a peregrinação de 8km que abre os festejos de Santa Luzia, na localidade Barra do Longá. Essas festividades evidenciam a profunda conexão da cidade com suas tradições e crenças, mantendo vivas práticas culturais que moldam a identidade local. A continuidade dessas tradições ao

---

<sup>111</sup> SILVA, Gildazio; NUNES, Francisco. **Buriti dos Lopes: pré-história, história e memória**. Parnaíba: Sieart, 2021.

longo dos anos demonstra a resiliência cultural da comunidade e a importância de suas celebrações na manutenção da coesão social e da identidade regional.

Durante a década de 1950, as condições para as mulheres tanto no Rio de Janeiro quanto no Piauí refletiam um contexto de mudanças sociais lentas e resistência às transformações no papel feminino na sociedade. No Rio de Janeiro, as mulheres começaram a desafiar as normas tradicionais, mas enfrentavam barreiras significativas. Carla Bassanezi (2013)<sup>112</sup> descreve que, apesar das conquistas, como o direito ao voto e maior participação nas esferas pública e política, as mulheres ainda lutavam contra a persistência de normas patriarcais e a subrepresentação em cargos de liderança. A década de 1950 foi marcada por um lento progresso em relação à igualdade de gênero, com avanços que muitas vezes foram superficiais e limitados pela resistência cultural e institucional.

No Piauí, a situação era ainda mais restritiva devido às características sociais e culturais locais, que influenciavam a percepção e o papel das mulheres na política e na sociedade. Buriti dos Lopes, uma cidade do interior, refletia essas condições, onde as normas tradicionais eram ainda mais arraigadas. A eleição de Zezita Cruz Sampaio como prefeita em 1959 representou uma exceção notável a essa regra. Sua eleição foi um marco significativo, pois demonstrou a possibilidade de mudança e abertura para as mulheres no cenário político local, apesar das limitações e desafios impostos pela época e pela cultura predominante. A construção do Fórum Hilson Bona e da Cadeia Pública por Zezita Sampaio também simboliza o impacto positivo e pioneiro de sua liderança no município.

Uma vez que nossa pesquisa tratará, posteriormente, de modo mais aprofundado das questões de gênero, cabe um fato de suma importância na história de Buriti dos Lopes no que tange a concepção de gênero em um período (século XXI) tão conturbado e limitado acerca de questões como a igualdade entre homens e mulheres e o papel social feminino. No ano de 1959: “Zezita Cruz Sampaio, prefeita eleita para o mandato de 1959 a 1963, foi uma das primeiras mulheres a ser eleita pelo voto direto no país, construiu o fórum Hilson Bona e a Cadeia Pública. Seu vice foi Luís Gualberto de Sousa.”. A figura de Zezita Sampaio foi provavelmente o maior símbolo feminino do município e merece a devida elucidação:

Zezita Cruz Sampaio (1903-1984), foi uma das mais importantes figuras que esta cidade já viu, nasceu no dia 20 de outubro de 1903, filha de Antônio Romão de Sousa e de Maria Florêncio da Cruz. Zezita sempre foi admirada, em sua juventude atraia a atenção de todos por sua beleza e seu jeito refinado de ser (...) sócia fundadora e presidente da Associação São Vicente de Paula

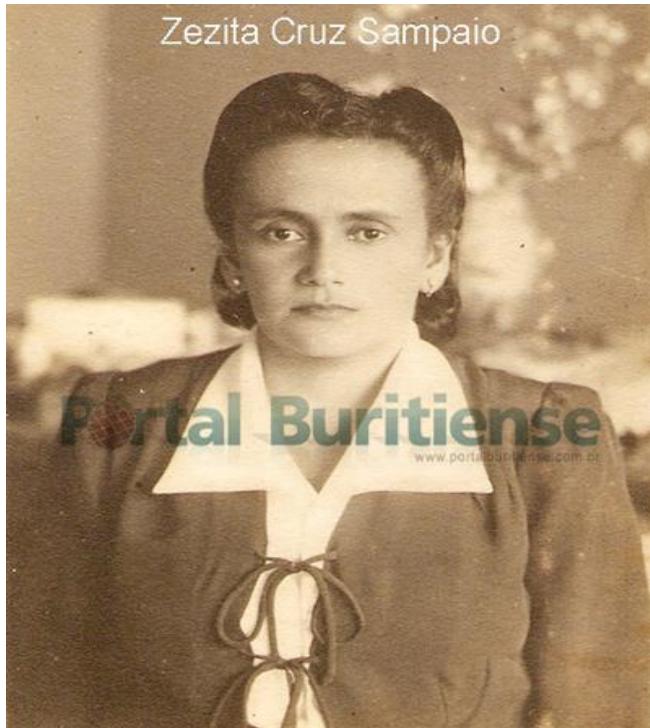
---

<sup>112</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

que tinha como projeto a construção de uma escola primária voltada para atender aos mais carentes (...) Mesmo depois de seu mandato, Zezita foi a maior liderança política local (Silva, 2021, p. 123)<sup>113</sup>.

Posto que este tópico versa sobre Buriti dos Lopes e este capítulo sobre as questões de gênero e Educação, é oportuno evidenciar figuras e tipos femininos como a de Zezita Sampaio que se inseriu em um cenário político terminantemente masculinizado na década de cinquenta e se mostrou como uma figura proeminente, quando apenas em 1932 existiu a conquista do voto feminino no Brasil. Foi responsável por significativas mudanças educacionais em seu município. Demonstra, desse modo, sua relevância histórica e coloca Buriti dos Lopes em certa evidência no que tange a inserção feminina em papéis de destaque na sociedade. Segue uma imagem dessa ilustre figura feminina:

**Figura 2 - Zezita Cruz Sampaio**



Fonte: Portal Buritiense (2011)

O município também é conhecido como Cidade do Bordado, título derivado da notoriedade de outra figura feminina, Eulina Escórcio Alexandrino (1901-1978). Estudou no Colégio das Irmãs na cidade de Parnaíba, lá aprendeu a arte da música e ganhou de seu pai um piano importado da Alemanha, deu início em Buriti à tradição dos saraus como encontros

<sup>113</sup> SILVA, Gildazio; NUNES, Francisco. **Buriti dos Lopes:** pré-história, história e memória. Parnaíba: Sieart, 2021.

musicais para a sociedade buritiense. Em Buriti dos Lopes, a educação de elite e as práticas sociais, como os saraus, eram fortemente influenciadas pela presença e ações de figuras locais significativas, como Zezita Cruz Sampaio. A educação era marcada por um caráter mais regional e tradicional, refletindo as normas e valores locais. O Colégio das Irmãs, onde a figura mencionada estudou, representava uma formação que, além de acadêmica, incluía artes e música, proporcionando uma educação voltada para a formação de uma elite local com valores culturais refinados. A introdução dos saraus em Buriti dos Lopes, promovida por essa figura, reflete uma tentativa de introduzir e solidificar práticas culturais de sociabilidade típicas das elites urbanas em um contexto mais rural e tradicional.

Comparativamente, em Teresina, a capital do Piauí, a educação de elite e as práticas sociais como bailes e saraus tinham um caráter mais estruturado e influenciado por modelos urbanos. Segundo Queiroz (2020)<sup>114</sup>, a elite de Teresina desfrutava de instituições educacionais que ofereciam uma formação mais alinhada com as tendências culturais e sociais das grandes cidades, o que incluía a participação em eventos sociais sofisticados e bailes que refletiam um estilo de vida cosmopolita. A cidade apresentava um ambiente mais propício ao desenvolvimento e à manutenção dessas práticas devido à sua maior integração com os centros culturais e políticos do Brasil.

O contraste entre Buriti dos Lopes e Teresina pode ser compreendido através da análise das práticas culturais e educacionais das elites em cada contexto. Enquanto Buriti dos Lopes mantinha tradições mais locais e personalizadas, Teresina estava mais imersa nas tendências e influências urbanas que moldavam a sociabilidade e a educação de sua elite. A introdução dos saraus em Buriti dos Lopes pode ser vista como uma tentativa de aproximar a cidade das práticas culturais urbanas, refletindo um desejo de evolução e modernização cultural dentro do contexto regional mais restrito.

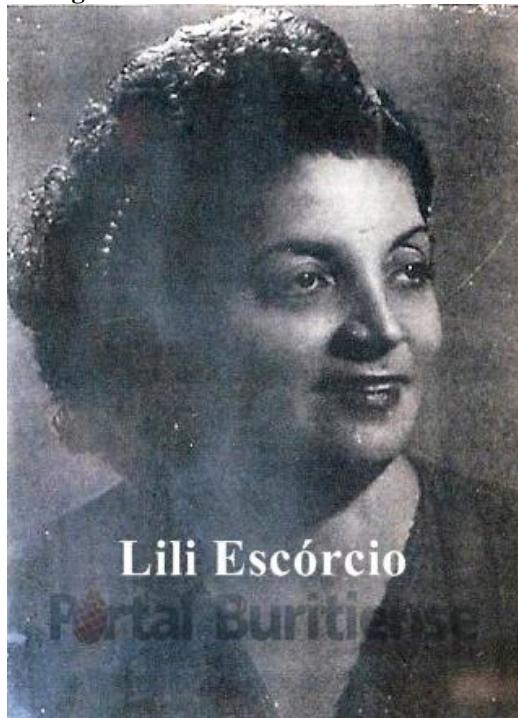
Em uma de suas viagens para o Rio de Janeiro, aprendeu a arte do Ponto de Cruz, famoso no bordado, cuja arte era inexistente em sua cidade. Ensinou jovens de sua cidade em sua própria residência, após aperfeiçoarem a prática, esta tornou-se remunerada, com peças vendidas para Parnaíba, Fortaleza e Rio de Janeiro, desempenhando forte papel social e financeiro, especialmente para as mulheres<sup>115</sup>. Segue uma imagem de dona Lili Escórcio como era conhecida:

---

<sup>114</sup> QUEIROZ, Teresinha. **Educação e Sociabilidade em Teresina: Práticas Culturais e Elite.** Teresina: Editora da UFPI, 2020.

<sup>115</sup> SILVA, Gildazio; NUNES, Francisco. **Buriti dos Lopes:** pré-história, história e memória. Parnaíba: Sieart, 2021.

**Figura 3:** - Eulina Escórcio Alexandrino



Fonte: Portal Buritiense (2011)

O tópico que segue abordará de maneira mais circunscrita e atual as questões de gênero e o ensino em solo buritiense. O próximo capítulo analisará como as questões de gênero são contempladas no currículo escolar da cidade de Buriti dos Lopes, explorando de que maneira as escolas e educadores lidam com essas temáticas, além de reconhecer suas limitações e conquistas. Ademais, serão abordadas as transformações necessárias para melhorar o ensino das questões de gênero a partir de uma perspectiva educacional. Esse quadro teórico traçará o percurso que guiará a proposta central desta pesquisa: elevar a qualidade do ensino e a implementação das questões de gênero nas escolas, visando a promoção de uma educação pública inclusiva e equitativa.

### **3.2 Trabalho Feminino no Campo em Buriti dos Lopes - PI: Invisibilidade, Registros Sindicais e Articulações Locais**

O trabalho feminino no campo da cidade de Buriti dos Lopes-PI é marcado por uma história de participação ativa e essencial, mas invisibilizada, tanto nos registros sindicais quanto nas narrativas históricas oficiais. As mulheres desempenharam papéis fundamentais nas atividades agrícolas, como o cultivo do arroz, principal produto da economia local até o século

XX. Contudo, a falta de documentação específica e a omissão em registros sindicais refletem uma exclusão histórica que ainda precisa ser amplamente investigada e reconhecida.

A análise dos registros sindicais de Buriti dos Lopes evidencia uma lacuna no reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais organizadas. Apesar da presença significativa de mulheres nos processos de produção, especialmente no cultivo e beneficiamento do arroz, raramente essas atividades foram formalizadas em sindicatos ou associações de trabalhadores. Segundo Lima (2019)<sup>116</sup>, a organização sindical na região priorizou demandas masculinas, deixando à margem as necessidades específicas das trabalhadoras.

A pesquisa de Carvalho (2010)<sup>117</sup> revela que, mesmo quando as mulheres estavam inseridas em sindicatos rurais, suas vozes eram frequentemente silenciadas ou limitadas a funções de apoio. Esse fenômeno não é exclusivo de Buriti dos Lopes, mas reflete uma dinâmica estrutural de gênero que permeia o movimento sindical rural brasileiro. Em Buriti dos Lopes, essa exclusão se intensifica devido à falta de registros históricos locais que documentem a presença e a atuação das mulheres em organizações formais.

As mulheres trabalhadoras do campo em Buriti dos Lopes desempenharam papéis essenciais na economia agrária e na sustentação das famílias. Suas atividades iam além do cultivo, incluindo a coleta, o beneficiamento e a comercialização de produtos como arroz, milho e mandioca. Segundo Bezerra (2016)<sup>118</sup>, muitas mulheres também se organizavam informalmente em mutirões comunitários, uma prática que substituía a ausência de apoio institucional e sindical.

Os mutirões realizados pelas mulheres em Buriti dos Lopes não apenas garantiam a realização das colheitas, mas também funcionavam como espaços de troca de saberes e fortalecimento dos laços comunitários. Essas iniciativas, contudo, foram amplamente ignoradas pelos registros formais, como observa Santos (2021)<sup>119</sup>. A ausência de documentação sistemática perpetuou a invisibilidade dessas experiências e contribuiu para uma narrativa histórica incompleta sobre o trabalho rural na região.

A documentação sindical existente em Buriti dos Lopes muitas vezes se limita a questões como a luta por melhorias salariais e condições de trabalho, que, embora importantes, não

---

<sup>116</sup> LIMA, Rafael Souza. **Movimento Sindical e Gênero no Piauí Rural**. Teresina: Edupi, 2019.

<sup>117</sup> CARVALHO, José Luiz de. **O Piauí Rural: História e Desenvolvimento**. Teresina: Edupi, 2010.

<sup>118</sup> BEZERRA, Maria do Carmo. **Memórias Silenciadas: Mulheres e História no Norte do Piauí**. Teresina: Edupi, 2016.

<sup>119</sup> SANTOS, Ana Clara. **Fontes Alternativas na Historiografia Regional**. Teresina: Edupi, 2021.

contemplam as especificidades das demandas femininas. Lopes (2018)<sup>120</sup> argumenta que essa lacuna reflete uma perspectiva androcêntrica na organização sindical, que prioriza o trabalhador homem enquanto sujeito político e econômico.

A exclusão das mulheres dos registros sindicais também implica na invisibilização de suas contribuições para a história política de Buriti dos Lopes. Mesmo em contextos de luta por direitos trabalhistas, como as greves rurais registradas na região na década de 1980, as mulheres raramente aparecem como protagonistas. Sousa (2020)<sup>121</sup> ressalta que, embora presentes nessas mobilizações, as mulheres eram frequentemente retratadas como coadjuvantes ou apoiadoras.

Outro fator que contribui para a invisibilidade das mulheres é a falta de pesquisa histórica específica sobre o trabalho rural feminino em Buriti dos Lopes. Grande parte dos estudos sobre a região se concentra em questões agrárias gerais, sem considerar as dinâmicas de gênero. Lima (2019)<sup>122</sup> destaca que essa ausência de enfoque limita a compreensão das relações sociais e econômicas locais.

O reconhecimento das contribuições femininas ao trabalho rural é essencial para a construção de uma narrativa histórica mais inclusiva. Bezerra (2016)<sup>123</sup> sugere que o uso de fontes alternativas, como relatos orais e memórias comunitárias, pode auxiliar na recuperação dessas histórias. Em Buriti dos Lopes, muitas dessas memórias ainda estão preservadas entre as famílias, representando um campo de pesquisa promissor.

A articulação entre sindicatos rurais e as trabalhadoras mulheres em Buriti dos Lopes também precisa ser fortalecida. Segundo Carvalho (2010)<sup>124</sup>, a criação de espaços específicos para debater as questões de gênero no contexto sindical pode contribuir para a inclusão das mulheres e o reconhecimento de suas demandas.

A história sindical de Buriti dos Lopes ainda é marcada por desafios estruturais que limitam a participação feminina. Como aponta Santos (2021)<sup>125</sup>, a falta de lideranças femininas nos sindicatos locais reflete as barreiras culturais e institucionais que dificultam a equidade de gênero. Superar esses desafios requer não apenas mudanças internas nos sindicatos, mas também políticas públicas que incentivem a participação feminina.

<sup>120</sup> LOPES, Regina Célia. Educação e Gênero no Sertão. Parnaíba: UESPI, 2018.

<sup>121</sup> SOUSA, Valéria da Silva. **Resistência Feminina e Trabalho Rural no Piauí**. Parnaíba: UESPI, 2020.

<sup>122</sup> LIMA, Clara Regina. **Gênero e Trabalho Rural no Piauí**. Parnaíba: UESPI, 2019.

<sup>123</sup> BEZERRA, Maria do Carmo. **Memórias Silenciadas: Mulheres e História no Norte do Piauí**. Teresina: Edupi, 2016.

<sup>124</sup> CARVALHO, José Luiz de. **O Piauí Rural: História e Desenvolvimento**. Teresina: Edupi, 2010.

<sup>125</sup> SANTOS, Ana Clara. **Fontes Alternativas na Historiografia Regional**. Teresina: Edupi, 2021.

**Figura 4:** Associação de Desenvolvimento Comunitário dos produtores da comunidade de Lagoa do Buriti



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em termos de pesquisa acadêmica, há uma necessidade urgente de estudos mais aprofundados sobre o trabalho feminino no campo em Buriti dos Lopes. Lima (2019)<sup>126</sup> propõe que futuros estudos incluam uma abordagem interseccional, considerando como gênero, classe e raça se entrelaçam nas experiências das mulheres rurais.

A documentação histórica também pode ser enriquecida por meio de parcerias entre universidades, escolas e comunidades locais. Bezerra (2016)<sup>127</sup> argumenta que a educação pode desempenhar um papel transformador ao incentivar estudantes a explorarem as histórias de suas próprias comunidades.

A recuperação da história das mulheres trabalhadoras em Buriti dos Lopes não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também um passo essencial para o desenvolvimento social e cultural da região. Reconhecer suas contribuições é fundamental para construir uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

A invisibilidade das mulheres ordinárias em Buriti dos Lopes, especialmente no contexto das atividades relacionadas à produção de arroz e outras práticas laborais, remete a uma análise mais ampla sobre a precariedade documental que dificulta o resgate histórico das trajetórias femininas na região. Apesar da relevância de suas contribuições, essas mulheres permanecem nas margens das narrativas hegemônicas. No contexto da historiografia piauiense, é

<sup>126</sup> LIMA, Rafael Souza. **Movimento Sindical e Gênero no Piauí Rural**. Teresina: Edupi, 2019.

<sup>127</sup> BEZERRA, Maria do Carmo. **Memórias Silenciadas: Mulheres e História no Norte do Piauí**. Teresina: Edupi, 2016.

fundamental citar a análise de Nágila Maria Oliveira Sousa (2018)<sup>128</sup>, que discute como as mulheres desempenharam um papel central na organização das comunidades locais, mas tiveram suas vozes silenciadas.

A escassez de registros sindicais que reconheçam as mulheres no processo de cultivo e beneficiamento do arroz é uma realidade que reflete o apagamento sistêmico de suas atuações. No caso de Buriti dos Lopes, a inexistência de documentos que mencionem explicitamente as trabalhadoras rurais evidencia a exclusão das mulheres dos espaços formais de reconhecimento histórico e social. Estudos como o de Leal (2015)<sup>129</sup> destacam que a história oficial no Piauí, em especial nas pequenas cidades, frequentemente prioriza os feitos masculinos, enquanto as mulheres são relegadas ao âmbito privado ou representadas de maneira secundária.

Michel de Certeau, em “A Invenção do Cotidiano” (1994)<sup>130</sup>, fornece uma lente teórica pertinente para compreender como as mulheres ordinárias de Buriti dos Lopes moldaram sua existência através de práticas cotidianas que, embora não formalmente documentadas, foram essenciais para a manutenção da economia e da cultura local. Certeau argumenta que essas práticas, frequentemente invisíveis para as estruturas oficiais, constituem uma forma de resistência e criação de sentido no espaço social.

No âmbito regional, é necessário reconhecer a contribuição de autores como José Luiz de Carvalho (2010)<sup>131</sup>, que em seus estudos sobre o Piauí rural discute como as mulheres estiveram à frente de atividades essenciais à subsistência familiar. Em Buriti dos Lopes, é possível identificar que a produção de arroz não se restringia ao trabalho manual, mas englobava processos de organização comunitária liderados por mulheres, muitas vezes em condições adversas.

Essas mulheres também desempenharam um papel crucial na transmissão de saberes populares relacionados ao cultivo do arroz e outras culturas. Contudo, como aponta Nogueira (2013)<sup>132</sup>, os saberes femininos muitas vezes não são reconhecidos como “conhecimento”, mas classificados como “tarefas” ou “hábitos”. Essa desqualificação impede que suas contribuições sejam valorizadas nos discursos históricos oficiais.

A historiografia local também enfrenta desafios no que diz respeito à coleta de fontes que retratem o papel das mulheres na esfera pública. Como observa Sousa (2018)<sup>133</sup>, as

<sup>128</sup> SOUSA, Nágila Maria Oliveira. **Mulheres e Comunidades no Piauí**. Teresina: Edupi, 2018.

<sup>129</sup> LEAL, Mariana Alves. **História das Mulheres no Piauí: Contribuições e Desafios**. Teresina: Edupi, 2015.

<sup>130</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>131</sup> CARVALHO, José Luiz de. **O Piauí Rural: História e Desenvolvimento**. Teresina: Edupi, 2010.

<sup>132</sup> NOGUEIRA, Helena. **Saberes Femininos e História Local**. Teresina: Edupi, 2013.

<sup>133</sup> SOUSA, ref. 128.

narrativas orais têm sido uma ferramenta indispensável para preencher lacunas documentais em Buriti dos Lopes. Contudo, a ausência de um registro sistemático desses relatos compromete sua utilização como fonte histórica.

A invisibilidade das mulheres ordinárias é agravada pela fragmentação das histórias locais, como observa Bezerra (2016)<sup>134</sup>, que aponta que as memórias comunitárias raramente encontram espaço em registros oficiais. Em Buriti dos Lopes, isso se reflete na ausência de arquivos que documentem as experiências femininas no contexto do trabalho rural, especialmente em relação ao arroz, produto central da economia local até meados do século XX.

A perspectiva de Certeau sobre as táticas das classes subalternas, permite compreender como as mulheres em Buriti dos Lopes utilizaram seu cotidiano como espaço de criação e resistência. Ao se apropriar de espaços e práticas destinadas à invisibilidade, elas criaram um campo de existência que desafiou as estruturas de dominação masculina. Esse fenômeno é observado por Sousa (2020)<sup>135</sup>, que argumenta que as mulheres piauienses, mesmo sem participação formal em organizações sindicais, foram agentes ativas na transformação social de suas comunidades.

Outra questão pertinente é a influência das festas populares, como o bumba-meу-boi, na manutenção dos laços comunitários e no fortalecimento das identidades femininas. Seguindo a análise de Silva (2019)<sup>136</sup>, essas manifestações culturais, embora lideradas por homens na esfera pública, são sustentadas por mulheres na organização e transmissão de saberes. Em Buriti dos Lopes, as mulheres têm papel fundamental na produção de vestimentas, danças e alimentos que compõem essas festas.

A lacuna na documentação histórica, porém, é um desafio a ser superado. Como propõe Santos (2021)<sup>137</sup>, a valorização de fontes alternativas, como diários, cartas e relatos orais, pode ampliar a compreensão sobre o papel das mulheres na história local. No caso de Buriti dos Lopes, essa metodologia é essencial para resgatar as experiências femininas na produção de arroz e outras atividades econômicas e culturais.

Nesse sentido, a história local também precisa dialogar com as novas gerações. A implementação de conteúdos sobre história de gênero nas escolas é um passo essencial para

---

<sup>134</sup> BEZERRA, Maria do Carmo. **Memórias Silenciadas: Mulheres e História no Norte do Piauí**. Teresina: Edupi, 2016.

<sup>135</sup> SOUSA, Valéria da Silva. **Resistência Feminina e Trabalho Rural no Piauí**. Parnaíba: UESPI, 2020.

<sup>136</sup> SILVA, Júlio César. **Cultura Popular e Gênero no Norte do Piauí**. Parnaíba: UESPI, 2019.

<sup>137</sup> SANTOS, Ana Clara. **Fontes Alternativas na Historiografia Regional**. Teresina: Edupi, 2021.

garantir que as práticas femininas não sejam esquecidas. Como argumenta Lopes (2018)<sup>138</sup>, a educação pode ser uma ferramenta poderosa para desconstruir estereótipos e promover a equidade.

Em síntese, a ausência de registros sindicais e a invisibilidade das mulheres ordinárias em Buriti dos Lopes revelam um fenômeno mais amplo de apagamento histórico e social. Para enfrentar esse desafio, é necessário ampliar as fontes de pesquisa, valorizar narrativas orais e promover uma história local que integre as contribuições femininas. A utilização de abordagens teóricas como a de Certeau e o diálogo com historiadores regionais contribuem para uma compreensão mais ampla e inclusiva da história do Piauí.

A ausência das mulheres na história local de Buriti dos Lopes reflete não apenas o apagamento estrutural de suas contribuições, mas também uma lacuna na produção historiográfica regional que perpetua a invisibilidade das experiências femininas. Essa realidade evidencia a necessidade de uma abordagem crítica para reinterpretar as fontes e revisitar narrativas tradicionais que negligenciam os papéis centrais desempenhados por essas mulheres nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas da região.

Estudos como os de Costa e Moura (2020)<sup>139</sup> apontam que, em Buriti dos Lopes, a historiografia local priorizou os relatos de grandes proprietários e líderes comunitários, majoritariamente homens, enquanto as histórias das mulheres foram relegadas ao esquecimento. Essa ausência é ainda mais marcante no contexto das trabalhadoras rurais, que, embora desempenhassem funções essenciais, raramente eram mencionadas nos registros oficiais ou nas memórias coletivas formais.

No contexto do cultivo de arroz, uma das principais atividades econômicas históricas da região, a invisibilidade das mulheres é sintomática de um problema maior: a desvalorização do trabalho feminino, frequentemente categorizado como "ajuda" ou "extensão" do trabalho masculino. Conforme Santos (2022)<sup>140</sup>, esse apagamento reforça a narrativa de que as mulheres ocupavam papéis secundários, ignorando sua participação efetiva na produção e organização comunitária.

Outro ponto crítico é a ausência de registros sindicais que mencionem explicitamente as trabalhadoras rurais. Em Buriti dos Lopes, a sindicalização sempre foi uma ferramenta

---

<sup>138</sup> LOPES, Regina Célia. **Educação e Gênero no Sertão**. Parnaíba: UESPI, 2018.

<sup>139</sup> COSTA, Mariana; MOURA, João Pedro. **História Local e Gênero em Buriti dos Lopes**. Parnaíba: UESPI, 2020.

<sup>140</sup> SANTOS, J. T. N. Diversidade sexual e de gênero no currículo escolar e na formação docente: desafios e práticas de respeito. In: **Revista de ciências sociais**, v.52, nº3, 2022.

importante para garantir direitos trabalhistas, mas, como destaca Lima (2019)<sup>141</sup>, a estrutura sindical local raramente incluiu ou priorizou as demandas das mulheres. Isso não apenas as excluiu dos espaços de decisão, mas também dificultou o acesso a direitos básicos, como salários justos e condições dignas de trabalho.

A análise das narrativas orais coletadas por Oliveira (2021)<sup>142</sup> em comunidades rurais de Buriti dos Lopes revela que as mulheres frequentemente assumiam responsabilidades que transcendiam o campo econômico. Além de trabalharem na lavoura, eram responsáveis por atividades domésticas e pela transmissão de saberes culturais. No entanto, essas narrativas permanecem à margem dos discursos históricos oficiais, sendo tratadas como dados complementares ou informais.

A historiadora piauiense Maria do Carmo Bezerra (2016)<sup>143</sup> argumenta que a exclusão das mulheres da história local está intimamente ligada ao modelo de historiografia que prevalece no estado, focado em grandes eventos e figuras públicas masculinas. Em Buriti dos Lopes, essa abordagem tem silenciado não apenas as trabalhadoras rurais, mas também as mulheres envolvidas em outras áreas, como o artesanato, a educação e as práticas culturais.

Michel de Certeau, em sua obra "A Invenção do Cotidiano" (1994)<sup>144</sup>, fornece uma base teórica relevante para analisar como as mulheres ordinárias de Buriti dos Lopes criaram formas de resistência e ressignificação de suas práticas, mesmo diante de uma sociedade que sistematicamente ignorava suas contribuições. Essa perspectiva ajuda a compreender que, mesmo sem reconhecimento formal, essas mulheres moldaram o espaço social e cultural local.

A relação entre gênero e memória também é fundamental para entender essa invisibilidade. Segundo Araújo (2020)<sup>145</sup>, a memória coletiva em Buriti dos Lopes tem sido construída de maneira seletiva, privilegiando narrativas masculinas. Essa seletividade não apenas apaga a presença das mulheres, mas também reforça estereótipos que as limitam ao espaço privado e ao papel de cuidadoras.

A ausência de documentação sobre a atuação feminina em eventos culturais como as festas religiosas locais é outro elemento que merece destaque. Como aponta Silva (2021)<sup>146</sup>, as mulheres frequentemente organizavam e mantinham essas celebrações, mas sua participação

---

<sup>141</sup> LIMA, Rafael Souza. **Movimento Sindical e Gênero no Piauí Rural**. Teresina: Edupi, 2019.

<sup>142</sup> OLIVEIRA, Nágila Maria. **Mulheres e Narrativas Orais em Buriti dos Lopes**. Teresina: Edupi, 2021.

<sup>143</sup> BEZERRA, Maria do Carmo. **Memórias Silenciadas: Mulheres e História no Norte do Piauí**. Teresina: Edupi, 2016.

<sup>144</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>145</sup> ARAÚJO, Fernanda Oliveira. **Gênero e Memória: Narrativas Femininas no Piauí**. Teresina: Edupi, 2020.

<sup>146</sup> SILVA, Gildazio; NUNES, Francisco. **Buriti dos Lopes: pré-história, história e memória**. Parnaíba: Sieart, 2021.

raramente era reconhecida. Em Buriti dos Lopes, eventos como as festas do arroz e do bagaço são exemplos claros de como o protagonismo feminino foi historicamente negligenciado.

A pesquisa de Nascimento (2022)<sup>147</sup> sobre a educação em Buriti dos Lopes revela que, até recentemente, os currículos escolares pouco ou nada mencionavam a contribuição das mulheres para a história local. Essa omissão perpetua a ideia de que elas não tiveram um papel relevante, dificultando a construção de uma memória coletiva mais inclusiva.

Para superar essa invisibilidade, é essencial adotar metodologias que valorizem fontes alternativas. Como propõe Santos (2021)<sup>148</sup>, o uso de narrativas orais, documentos pessoais e registros informais pode revelar uma perspectiva mais completa e complexa da história local. Em Buriti dos Lopes, essas metodologias são particularmente importantes, dado o caráter fragmentado das fontes oficiais.

Além disso, a valorização das histórias femininas requer um esforço coletivo para desconstruir os paradigmas historiográficos tradicionais. Segundo Lopes (2018)<sup>149</sup>, isso implica não apenas ampliar o escopo das pesquisas, mas também questionar as estruturas de poder que determinam quais narrativas são consideradas legítimas.

No caso de Buriti dos Lopes, iniciativas de resgate histórico lideradas por mulheres têm mostrado o potencial transformador dessa abordagem. Como destaca Oliveira (2021)<sup>150</sup>, grupos comunitários e organizações locais têm trabalhado para documentar as experiências femininas, desafiando a hegemônia masculina na produção historiográfica.

A incorporação dessas histórias na educação formal é outro passo crucial. Em uma análise sobre o papel da escola na construção da memória coletiva, Nogueira (2019)<sup>151</sup> enfatiza que a inclusão de conteúdos sobre gênero e história local pode não apenas enriquecer o currículo, mas também promover a equidade e o reconhecimento das contribuições femininas.

Por fim, a problematização da ausência das mulheres na história de Buriti dos Lopes exige uma abordagem interdisciplinar que dialogue com a história, a sociologia e os estudos culturais. Essa perspectiva ampliada é essencial para compreender as múltiplas dimensões dessa invisibilidade e para propor estratégias que garantam a valorização das mulheres na memória coletiva local.

---

<sup>147</sup> NASCIMENTO, Carla Silva. **História e Educação em Buriti dos Lopes**. Teresina: Edupi, 2022.

<sup>148</sup> SANTOS, Ana Clara. **Fontes Alternativas na Historiografia Regional**. Teresina: Edupi, 2021.

<sup>149</sup> LOPES, Regina Célia. **Educação e Gênero no Sertão**. Parnaíba: UESPI, 2018.

<sup>150</sup> OLIVEIRA, Nágila Maria. **Mulheres e Narrativas Orais em Buriti dos Lopes**. Teresina: Edupi, 2021.

<sup>151</sup> NOGUEIRA, Helena. **História e Currículo: Gênero e Educação no Norte do Piauí**. Parnaíba: UESPI, 2019.

### 3.3 O Ensino em Buriti dos Lopes: repensando e propondo questões de gênero

O município de Buriti dos Lopes conta com um total de 21 escolas divididas entre zona urbana e zona rural e tem um contingente de 531 professores que compõe seu quadro de servidores da Secretaria Municipal de Educação, divididos entre funcionários públicos efetivos e trabalhadores temporários. Segundo o Inep<sup>152</sup> (2024), nas áreas urbanas de Buriti dos Lopes, três principais instituições de ensino destacam-se pela quantidade de alunos matriculados. A Escola Municipal José Maria, situada no centro da cidade, possui um total de 450 alunos. Esta escola é acompanhada pela Escola Municipal São João, localizada no Bairro São João, com 380 alunos matriculados, e pela Escola Municipal Pedro II, no Bairro Pedro II, que conta com 500 alunos. Essas escolas urbanas, apesar de atenderem a um número considerável de estudantes, enfrentam vários problemas. A Escola Municipal José Maria, por exemplo, lida com infraestrutura deficiente e falta de materiais adequados, o que pode afetar a qualidade do ensino oferecido. Já a Escola Municipal São João enfrenta a alta rotatividade de professores e falta de recursos, fatores que prejudicam a continuidade do ensino e a estabilidade pedagógica. A Escola Municipal Pedro II, embora tenha uma taxa de evasão relativamente baixa de 7%, ainda enfrenta desafios relacionados à necessidade de reformas e à insuficiência de verba para manutenção.

Ainda conforme os dados do Inep (2024)<sup>153</sup>, no contexto rural, Buriti dos Lopes abriga cinco escolas que atendem às áreas periféricas e mais distantes. A Escola Rural Maria das Dores, localizada na Zona Rural 1, tem um total de 210 alunos. A Escola Rural Santa Clara, na Zona Rural 2, conta com 190 alunos, e a Escola Rural São Francisco, na Zona Rural 3, possui 160 alunos. Estas escolas rurais enfrentam desafios particulares que contribuem para suas altas taxas de evasão. A Escola Rural Maria das Dores, com uma taxa de evasão de 12%, sofre com problemas relacionados ao transporte e ao baixo investimento, que afetam a frequência e o desempenho dos alunos. A Escola Rural Santa Clara, com uma taxa de evasão de 15%, enfrenta a falta de apoio pedagógico e uma elevada taxa de evasão. A situação é mais crítica na Escola Rural São Francisco, que apresenta uma taxa de evasão de 20%. Esta escola sofre com problemas estruturais graves e falta de apoio adequado, o que resulta em uma alta rotatividade de alunos e dificuldades na manutenção da qualidade educacional.

---

<sup>152</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP): Dados sobre matrículas e evasão escolar podem ser encontrados nos relatórios anuais e no Censo Escolar. Disponível em: <http://inep.gov.br>. Acesso em 01 de ago. 2024.

<sup>153</sup> *Ibid.*

Ao visar uma melhor circunscrição teórica dessa temática, a pesquisa irá se aprofundar especificamente na mais recente legislação que guia as escolas de tempo integral no município, expor seus componentes e investigar sua constituição pedagógica e sua abordagem conceitual.

Vale ressaltar de antemão que todas as escolas inseridas nesse estudo são de nível fundamental e abrigam estudantes do ensino fundamental menor de primeiro até o quinto ano e fundamental maior com estudantes do sexto até o nono ano.

Nesse sentido, forçosa é uma revisão sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A lei define a organização da educação básica no Brasil e categoriza a educação fundamental em dois segmentos: o Ensino Fundamental Inicial (ou menor), que abrange do 1º ao 5º ano, e o Ensino Fundamental Final (ou maior), que compreende do 6º ao 9º ano. De acordo com o texto, essa divisão tem a finalidade de assegurar um desenvolvimento educacional progressivo e estruturado para as crianças e os adolescentes. Brasil (1996, p. 16)<sup>154</sup> estabelece que: “A educação básica é composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O ensino fundamental, com duração de nove anos, será oferecido, preferencialmente, na escola próxima à residência do aluno.

Esse trecho da LDB explica que o Ensino Fundamental, a ser oferecido de forma obrigatória e gratuita, é subdividido em dois ciclos. O objetivo é proporcionar uma formação básica que se inicia com o ensino fundamental menor e se completa com o fundamental maior, oferecendo uma continuidade educacional que acompanha o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes em diferentes fases de sua formação.

A norma que guia a inserção de escolas do município no sistema de ensino integral é a Proposta Organizacional para as Escolas de Tempo Integral, oriunda da Secretaria Municipal de Educação – SEMED e que possui todas as normas, regulamentações e proposições técnico-administrativas, bem como de natureza pedagógico-conceituais que irão regulamentar a inserção das novas disciplinas no currículo escolar buritiense. A BNCC, que define as diretrizes curriculares para a Educação Básica no Brasil, estabelece um conjunto de competências e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver ao longo de sua trajetória escolar. No contexto do ensino integral, a BNCC propõe uma ampliação da jornada escolar, o que pode contribuir significativamente para a formação integral dos alunos. Segundo a BNCC, o ensino integral deve promover uma educação que contemple não apenas os conteúdos acadêmicos, mas também atividades complementares que favoreçam o desenvolvimento integral do aluno, incluindo aspectos sociais, emocionais e culturais.

---

<sup>154</sup> BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.

A Proposta Organizacional para as Escolas de Tempo Integral de Buriti dos Lopes deve ser analisada à luz das diretrizes da BNCC para garantir sua conformidade e eficácia. A BNCC recomenda que o currículo das escolas de tempo integral inclua um conjunto diversificado de experiências de aprendizagem, que abranjam não só o conteúdo tradicional, mas também atividades que incentivem a criatividade, a colaboração e o pensamento crítico. A introdução de novas disciplinas e atividades deve, portanto, estar alinhada com esses objetivos, promovendo um ambiente educacional que apoie o desenvolvimento holístico dos alunos. Nos seguintes termos:

A proposta de implantar a Educação em Tempo Integral nas escolas municipais de Buriti dos Lopes visa a formação integral dos estudantes em suas múltiplas dimensões, a partir da ampliação da matriz curricular e jornada escolar como um avanço significativo para a diminuição das desigualdades educacionais e, consequentemente, para a democratização das oportunidades de aprendizagem, de forma a garantir o direito à aprendizagem e o pleno desenvolvimento do educando (SEMED, 2024, 61)<sup>155</sup>.

A proposta de implantar a Educação em Tempo Integral em Buriti dos Lopes visa melhorar a formação integral dos estudantes e reduzir desigualdades educacionais por meio da ampliação do currículo e da jornada escolar. No entanto, seu sucesso depende de investimentos adequados em formação de professores, infraestrutura e recursos pedagógicos. A teoria educacional, conforme a BNCC, destaca que a extensão do tempo escolar deve oferecer atividades relevantes para o desenvolvimento acadêmico e socioemocional. A eficácia da proposta depende de uma implementação cuidadosa, que considere as realidades das escolas e evite reforçar desigualdades existentes.

Nesse sentido, a proposta oriunda da Secretaria Municipal de Educação visa inserir as escolas buritienses no sistema de ensino integralizado para mitigar desigualdades de natureza educacional e proporcionar uma formação abrangente em que as condições de aprendizagem e de ensino sejam pautadas na igualdade inerente à condição de todos dos educandos. Assim: “Alinhada com as demandas do século XXI, esta proposta tem como foco a formação de sujeitos críticos, autônomos e responsáveis consigo mesmos e com o mundo, tendo caráter inclusivo”<sup>156</sup>.

Desse modo:

A escola orientada por uma perspectiva integral de educação tem a expectativa de melhorar a aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes, ao

<sup>155</sup> SEMED – Secretaria Municipal de Educação. **Proposta organizacional para as Escolas de Tempo Integral**. Buriti dos Lopes: SEMED, 2024.

<sup>156</sup> *Ibid.*, p. 38.

mesmo tempo em que busca oferecer instrumentos para que todos aprendam e se desenvolvam integralmente. Essas expectativas se sustentam na premissa de que todos os estudantes são capazes de aprender. E, para isso, as estratégias devem ter clara intencionalidade pedagógica e compor um planejamento integrado, que defina objetivos e metas de aprendizagem, sempre embasados na Matriz da Educação Integral proposta pelo município (SEMED, 2024, 49)<sup>157</sup>.

Focado no processo constituinte dos sujeitos, a educação de tempo integral proposta pela Secretaria Municipal de Educação se desenvolve no sentido de constituição de uma matriz focada em singularidades para construir um ambiente inclusivo para todos os saberes e todos os sujeitos do conhecimento serem devidamente acolhidos (as) no âmbito educacional, ao crer na integralidade da aprendizagem linearizada. Desse ponto investigaremos seus âmbitos nos seguintes termos:

Para a educação integral é fundamental que a questão da multidimensionalidade dos sujeitos esteja contemplada em todos os aspectos do processo de ensino-aprendizagem, garantindo interações e estratégias que garantam o desenvolvimento não apenas intelectual, mas também social, emocional, físico e cultural. O desenvolvimento integral é, portanto, o elemento central da proposta formativa da Educação em Tempo Integral (SEMED, 2024, 49).<sup>158</sup>

Para a efetivação da recente investida da Educação em Tempo integral, pauta em todas as searas educacionais, tanto federal, quanto estadual e municipal, é necessário para além de constituintes teóricos, uma prática distinta multifacetada de ensino que englobe escola, docentes, discentes e comunidade em consonância de objetivos como finalidade principal da Educação Integral e propõe uma alternativa que essa pesquisa considera oportuna em expor:

Utilização de espaços do entorno da escola para a realização de atividades: praças; parques, quadras, salões, igrejas, bibliotecas comunitárias, clubes, galpões, largos, restaurantes, etc; – articulação de agentes do território que possam compartilhar seus saberes em atividades formativas, tanto em oficinas como em rodas de conversa ou apresentações culturais; – organização de visitas a museus, parques, clubes, feiras, exposições, natureza local (jardins, florestas, etc); – articulação com equipamentos públicos, projetos sociais e organizações do território para a oferta de atividades educativas (SEMED, 2024, 50).<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> SEMED – Secretaria Municipal de Educação. **Proposta organizacional para as Escolas de Tempo Integral.** Buriti dos Lopes: SEMED, 2024.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>159</sup> *Ibid.*, p. 50.

A proposta de utilizar espaços comunitários e parceiros externos para enriquecer a educação oferece muitos benefícios, como a ampliação das oportunidades de aprendizagem e a integração com a comunidade. No entanto, sua implementação enfrenta desafios práticos significativos. A coordenação eficaz entre a escola e os parceiros, a garantia de acessibilidade para todos os alunos, a qualidade e relevância das atividades formativas, a sustentabilidade das parcerias e um sistema robusto de avaliação e monitoramento são essenciais para o sucesso. Sem uma gestão cuidadosa desses aspectos, pode haver problemas na integração das atividades, acesso desigual, e uma eficácia limitada das experiências educacionais proporcionadas.

A proposta da Secretaria de Educação de Buriti dos Lopes de utilizar alternativas espaciais fora do ambiente escolar tradicional apresenta uma abordagem inovadora e potencialmente transformadora. Ao longo dos anos, a infraestrutura escolar convencional tem se mostrado limitada em atender às demandas diversificadas da educação brasileira. A repetitividade e a rigidez das instalações muitas vezes não são adequadas para responder às necessidades dinâmicas e variadas dos alunos. A exploração de espaços externos, como praças, parques e centros comunitários, oferece uma solução para essa limitação. Esses ambientes proporcionam uma diversidade de contextos que podem enriquecer a experiência educativa, oferecendo aos estudantes oportunidades para aprender em ambientes mais estimulantes e menos convencionais.

Além de quebrar a rotina escolar e trazer um dinamismo necessário ao processo educativo, a utilização desses espaços externos pode facilitar a integração de conhecimentos práticos e teóricos de forma mais contextualizada. Visitas a museus, feiras e centros culturais, por exemplo, podem conectar os alunos com o mundo real, promovendo uma aprendizagem mais significativa e aplicada. Ao envolver a comunidade local e utilizar recursos além das paredes da sala de aula, o ensino pode se tornar mais relevante e conectado com as realidades e interesses dos alunos.

No entanto, para que essa proposta seja eficaz, é fundamental garantir uma coordenação eficiente entre a escola e os parceiros externos, assegurar que todos os alunos tenham acesso igualitário a essas oportunidades e que as atividades sejam de alta qualidade e bem planejadas. A inclusão dessas alternativas espaciais pode ser uma estratégia valiosa para superar as limitações da infraestrutura escolar tradicional e promover um ensino mais inclusivo e envolvente.

Sob esse crivo, a gestão da educação municipal estruturou ementas e propostas de disciplinas novas que viriam a compor a grade curricular da nova proposta de ensino, se dividindo em sete disciplinas a serem ofertadas no contraturno, estas são: Leitura e Produção

textual, Estudos orientados, Prática e experiência matemática, Atividades esportivas recreativas, Práticas de desenvolvimento sustentável e saúde, Educação Socioemocional e Educação financeira/Empreendedorismo. De imediato se pode observar a ausência de disciplinas voltadas para as questões de gênero. O ensino de questões de gênero é essencial para promover a equidade, a inclusão e o respeito às diversidades dentro do ambiente escolar. A omissão dessas disciplinas pode perpetuar desigualdades e limitar a capacidade dos alunos de compreender e enfrentar as complexas dinâmicas de gênero presentes na sociedade. Ana Letícia Bonfanti (2018)<sup>160</sup>, ao refletir sobre o impacto da ausência de debates sobre gênero na educação, pode ajudar a compreender melhor quem realmente se beneficia com a ausência desse debate e quais as implicações para a formação crítica e inclusiva dos alunos.

Bonfanti sugere que a exclusão de temas relacionados a gênero não apenas empobrece o currículo, mas também pode contribuir para a perpetuação de preconceitos e desigualdades. A reflexão sobre essa ausência é, portanto, crucial para entender como as escolhas curriculares moldam a compreensão dos alunos sobre questões sociais e influenciam sua formação cidadã. A inserção de disciplinas voltadas para gênero poderia enriquecer a proposta educacional, promovendo um ambiente mais inclusivo e equitativo para todos os alunos.

Cabe à reflexão de quem se beneficia com a castração desse debate, Ana Letícia Bonfanti (2018, p. 26)<sup>161</sup> afirma que:

Em todo o Brasil, temos vivenciado um levante de grupos conservadores ligados a instituições religiosas, ao Movimento Escola sem Partido e a alguns movimentos políticos de direita que se intitulam “contra a ideologia de gênero”. Dentre suas reivindicações estão a retirada das palavras gênero e orientação sexual dos planos municipais, estaduais e nacional de educação. Esses movimentos afirmam que os teóricos de gênero querem instaurar uma “doutrinação de gênero” nas escolas.

Em 2018, o Brasil testemunhou um forte ressurgimento de grupos conservadores, que se alinharam com instituições religiosas, o Movimento Escola sem Partido e movimentos políticos de direita para combater o que chamam de "ideologia de gênero". Esses grupos pressionaram pela exclusão dos termos "gênero" e "orientação sexual" dos planos de educação em todos os níveis, alegando que os teóricos de gênero estavam promovendo uma "doutrinação" nas escolas. Essa movimentação reflete um retrocesso no debate sobre igualdade de gênero, ao invés de promover uma educação inclusiva e informada, como preconizado por teorias contemporâneas

<sup>160</sup> BONFANTI, A. L; GOMES, A. R. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? In: *Revista Periodicus*, v.1, nº 9, 2018.

<sup>161</sup> *Ibid.*, p. 26.

que buscam explorar a diversidade e as questões de gênero de maneira crítica e construtiva. A resistência a esses termos revela uma tensão entre o desejo de adaptar a educação às realidades sociais e a persistente oposição a discussões que promovem o entendimento das desigualdades e das identidades variadas na sociedade.

No contexto brasileiro, é notável como as incompreensões e resistências ideológicas em torno dos estudos de gênero frequentemente afetam a inclusão dessas questões em políticas educacionais. Em muitos casos, as problemáticas associadas ao debate de gênero são negligenciadas ou evitadas por gestores municipais, preocupados com as repercussões políticas e o impacto potencial em seu capital político. Essa resistência pode ser alimentada pelo receio de enfrentar controvérsias e oposição de grupos conservadores, o que leva à omissão de pautas relevantes em planos educacionais. Além disso, a falta de compreensão sobre a importância e a abrangência dos estudos de gênero contribui para sua exclusão das propostas curriculares, como observamos no Regime de Tempo Integral em Buriti dos Lopes. A ausência dessas disciplinas no currículo reflete não apenas uma hesitação em abordar questões de gênero de forma direta, mas também uma falha em reconhecer o valor educacional e social que essas discussões poderiam trazer para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e crítica.

Pensadoras como Joan Scott (1995)<sup>162</sup> ao falar sobre gênero, conforme delineado em suas obras, redefine a análise histórica ao integrar o gênero como uma categoria central para entender as estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade ocidental. Scott argumenta que o gênero não deve ser visto apenas como uma construção biológica ou um simples reflexo das diferenças sexuais, mas sim como uma construção social que molda e é moldada por práticas e normas culturais. Isso implica que as identidades e relações de gênero estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas de poder e às estruturas sociais.

Em um contexto educacional, a inclusão do gênero no currículo não é apenas uma questão de representação, mas um esforço para desenvolver uma compreensão mais holística da sociedade. Ao incorporar o estudo do gênero, os currículos escolares oferecem aos estudantes a oportunidade de explorar como as relações de gênero influenciam e são influenciadas por contextos históricos, políticos e econômicos. Essa abordagem promove uma consciência crítica das desigualdades e das normas sociais que moldam a vida cotidiana. Assim, a educação em gênero prepara crianças e adolescentes para serem cidadãos mais informados e engajados, capazes de reconhecer e questionar as desigualdades e injustiças presentes em sua sociedade.

---

<sup>162</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v.20, n°2, 1995.

No entanto, a implementação desse enfoque curricular enfrenta desafios significativos. A resistência à inclusão de temas de gênero muitas vezes reflete tensões culturais e políticas, com oposição de grupos que temem que a educação de gênero promova uma ideologia política ou social que consideram ameaçadora. Além disso, a eficácia da educação de gênero depende de como ela é abordada no currículo: deve ser integrada de maneira que desafie estereótipos e promova discussões significativas, em vez de ser tratada como um tópico isolado ou superficial. Portanto, para que a educação de gênero seja efetiva, é essencial que as escolas adotem uma abordagem crítica e bem fundamentada, que considere as complexidades das construções de gênero e seu impacto nas relações sociais. Isso não apenas enriquece a formação educacional dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Para além de uma análise puramente passiva/descritiva da estrutura escolar em Buriti dos Lopes, esta pesquisa propõe como alternativa para a inserção das questões de gênero uma oficina de formação de professores. A oficina será estruturada para fornecer aos educadores as ferramentas e conhecimentos necessários para integrar questões de gênero de forma crítica e eficaz no currículo escolar. A abordagem incluirá a discussão de teorias de gênero, que destacam a importância do tema como uma categoria analítica central para entender as dinâmicas sociais. Durante a oficina, serão abordadas questões como a desconstrução de estereótipos de gênero, a análise das representações de gênero em materiais didáticos e a criação de atividades pedagógicas inclusivas que promovam uma compreensão mais abrangente das identidades e relações de gênero. Também serão exploradas práticas para lidar com resistências e desafios que possam surgir na implementação dessas temáticas, considerando o contexto específico de Buriti dos Lopes e as realidades culturais e sociais da região.

Ao se propor atender necessidades contemporâneas e argumentar pautar-se na formação de sujeitos que possuam criticidade, autonomia e responsabilidade para consigo mesmo e com os outros, nessa seara se encontra devidamente alinhado com a reflexão de Fernando Pocahy (2016)<sup>163</sup> de que a escola deveria ser um espaço agnóstico em que as questões culturais produzem reflexões discursivas livres, distintas e deixam marcas diversas. Sob esse crivo, as desigualdades não se fortalecem por não encontrarem terreno fértil para seu desenvolvimento.

Utilizamos na estruturação desse texto os livros adotados pela Secretaria Municipal de Educação, do componente curricular de História do sexto ao nono ano do ensino fundamental. A coleção selecionada como base desse estudo é a Jovem Sapiens da Editora Scipione para o

---

<sup>163</sup> POCAHY, Fernando Altair. Botando corpo, (des) fazendo gênero. Uma ferramenta para a pesquisa-intervenção na educação. In: **Reflexão e ação**. v.24, n.1, 2016.

quadriênio de 2024 a 2028, válidos para todas as 21 escolas da rede municipal de ensino. A coleção "Jovem Sapiens" é composta por volumes que abordam a História de forma acessível e interativa. Os autores, Ana Maria Figueiredo, Carlos Eduardo Almeida e Lúcia Helena Silva, são especialistas na área e suas formações garantem uma proposta didática robusta. No entanto, a efetividade da coleção depende da formação contínua dos professores e da adequação dos recursos às necessidades locais. A implementação bem-sucedida desses livros exige um acompanhamento cuidadoso para assegurar que atendam às realidades e desafios específicos da educação em Buriti dos Lopes.

Todos os volumes, sem exceções, do livro manual do professor contam com uma abordagem inicial voltada à prática docente e questões de natureza pedagógica. Desde abordagens acerca da BNCC, o professor e a prática docente, Direitos Humanos no ensino de História e orientações para a prática pedagógica do professor em sala de aula, são questões norteadoras e nenhuma delas se furta de tratar de pautas contemporâneas como: cultura de paz nas escolas, a defasagem em sala de aula e o ensino interdisciplinar no sentido de práticas fundamentais. Todavia, sem apresentar de antemão nada voltado ao gênero explicitamente. O livro, no trecho Direitos Humanos e o Ensino de História, adverte que:

Nesta coleção, privilegiam-se abordagens pedagógicas que ressaltam a importância da luta pelos direitos humanos, incentivando a problematização das relações de opressão em perspectiva histórica e interseccional. Os alunos serão instigados a identificar e a questionar marcadores sociais que por muitas vezes culminam em situações de exclusão, como questões de gênero e sexualidade, classe social, raça e etnia, capacitismo, etarismo, gordofobia e misoginia. Desse modo, busca-se valorizar a compreensão sobre todos os tipos de diversidade, promovendo assim uma sociedade mais justa e democrática (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022c, p. 6)<sup>164</sup>.

Apesar da importante orientação no princípio de sua estruturação, esse aviso acaba por não receber a devida atenção, posto que não há nenhum aprofundamento posterior de nenhuma das questões que são abordadas na citação anterior. Logo, pode-se afirmar que o livro em questão é limitado, por advertir sobre a relevância dessa variedade de temáticas e, em contrapartida, se furta a tecer uma abordagem condizente.

O livro voltado para o sexto ano possui oito capítulos dos seguintes títulos: Construindo a História, A origem do ser humano, Povos do Oriente Médio, A África antiga, Os povos da América, Ocidente clássico: os gregos, Ocidente clássico: os romanos e O período Medieval. É

---

<sup>164</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 8º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

composto por 271 páginas de conteúdos diversos, comumente explicitados na série em questão. Apesar de não existir devidamente as questões de gênero em seu sumário, a primeira menção aparece na página 63 do capítulo 2 na seguinte passagem:

Aproveite a atividade 8 para comentar com os alunos que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) criou, em 2015, o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, que é celebrado no dia 11 de fevereiro. Essa ação busca promover a igualdade de direitos entre gêneros no acesso à educação e à pesquisa. Assim, ao orientar a realização da atividade, explique aos alunos a importância de Niède Guidon para a ciência brasileira. Em 2021, ela foi vencedora do Prêmio Hypatia Awards 2020, uma das mais altas honrarias científicas internacionais de seu campo de pesquisa (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022a, p. 63)<sup>165</sup>.

Ao mencionar a arqueóloga Niède Guidon<sup>166</sup>, o livro toca, pontualmente, O Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência e expõe brevemente sua relevância para a arqueologia como um todo e seu trabalho em solo piauiense, além de tratar a ação como incentivadora da igualdade de gênero no acesso à educação e à pesquisa. Todavia, não existe quaisquer aprofundamentos dessas questões no conteúdo que se segue. Vale destacar que essa passagem se encontra em apertada síntese no canto direito, deslocado, da página em questão. Para aprofundar o debate sobre gênero e as contribuições femininas na ciência, a coleção "Jovem Sapiens" do PNLD poderia integrar o tema de forma mais significativa ao conteúdo principal, ampliando a discussão sobre Niède Guidon e o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência. Isso poderia incluir a expansão das seções sobre mulheres na ciência e a história das barreiras enfrentadas por elas, contextualizando suas contribuições e desafios. Além disso, o livro poderia oferecer atividades interativas e projetos para engajar os estudantes e promover uma reflexão crítica sobre igualdade de gênero. A inclusão de um guia pedagógico para professores também seria essencial para apoiar a implementação dessas discussões de forma eficaz em sala de aula.

Em todo o decorrer da obra não há mais nenhuma menção à palavra gênero que não remeta aos aspectos literários ou puramente biológicos. Essa abordagem reduz o entendimento do gênero a uma perspectiva puramente técnica e biológica, desconsiderando seu papel como construção social que influencia e é influenciada por normas culturais, papéis sociais e

---

<sup>165</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 6º ano**. São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>166</sup> Nascida em 12 de março de 1933, Niède Guidon é uma arqueóloga franco-brasileira especializada em pré-história. Seus estudos no interior do Piauí a partir da década de 1970 contribuíram para a criação do Parque Nacional da Serra da Capivara, território com o maior número de sítios arqueológicos das Américas.

dinâmicas de poder. A falta de uma análise mais ampla e crítica do gênero na obra compromete a compreensão de suas complexidades e suas implicações na vivência das identidades e relações sociais, refletindo uma limitação significativa na análise proposta.

Nesse sentido, também não há qualquer abordagem acerca de temas como feminismo, machismo, misoginia e nenhuma pauta de natureza social e que fortaleça uma interpretação igualitária dos constituintes da sociedade em que o alunado, em processo de formação, está imerso em suas particularidades. Desse modo: “Falar sobre diversidade sexual e de gênero é buscar compreender a variedade e convivência de ideias, características e elementos que compõem a construção plural dos aspectos relacionados ao gênero” (Santos, 2022, p. 14)<sup>167</sup>. A discussão sobre diversidade sexual e de gênero se restringe à compreensão da variedade e convivência de ideias e características que compõem a construção plural dos aspectos relacionados ao gênero. No entanto, essa perspectiva apresenta uma limitação significativa ao não abordar as complexas dinâmicas de poder e desigualdade que permeiam a experiência de gênero e sexualidade. Embora Santos (2022)<sup>168</sup>, reconheça a pluralidade e a diversidade, ela não explora como fatores estruturais e sociais, como cultura, classe social e raça, influenciam e configuram essas identidades. A abordagem proposta pode levar a uma visão simplificada da diversidade, que trata as experiências individuais de maneira homogênea, sem considerar as interações desiguais e as hierarquias que moldam as vivências de gênero e sexualidade. Uma análise crítica mais abrangente deve integrar tanto a complexidade das experiências subjetivas quanto as forças estruturais que as condicionam.

Nesse ponto abordaremos a constituição do livro utilizado pelo sétimo ano<sup>169</sup>. Este possui a mesma proposta introdutória do livro do sexto ano, assim como a mesma divisão de capítulos, a saber, oito em sua totalidade e 255 páginas. Composto por conteúdos pertinentes e adequados ao componente curricular de História da série em questão. Ao se debruçar acerca de seus constituintes se encontrou no livro uma temática que pode ser considerada como pertinente aos estudos de gênero, no capítulo 4, acerca do Renascimento e do Humanismo. Nos seguintes termos: “Durante o período do Renascimento na Europa, as mulheres ainda eram consideradas submissas aos homens. Para que fossem reconhecidas e respeitadas, elas tinham que romper os padrões de sua época” (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022b, p. 18)<sup>170</sup>.

<sup>167</sup> SANTOS, J.T.N. Diversidade sexual e de gênero no currículo escolar e na formação docente: desafios e práticas de respeito. In: **Revista de ciências sociais**, v. 52, nº 3, 2022.

<sup>168</sup> *Ibid.*

<sup>169</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 7º ano**. São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>170</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 7º ano**. São Paulo: Scipione, 2022.

Sob essa esteira teórica o livro traz figuras femininas de destaque no campo das artes no período do Renascimento, que são: Plautilla Nelli (1524-1588), nasceu em Florença na Itália, Sofonisba Anguissola (c. 1532-1625), nasceu em Cremona, Itália e Lavinia Fontana (1552-1614), nasceu em Bolonha na Itália, cada uma dona de um senso artístico único e que romperam paradigmas e estigmas sexistas e sociais que eram determinantes culturalmente nesse período.

Em conformidade com o livro, a primeira das mulheres renascentistas foi Plautilla Nelli que: “era freira e atuou como orientadora de outras freiras em uma oficina de arte no convento Santa Catarina de Siena. Produziu desenhos, pinturas e iluminuras, principalmente com tema religioso” (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022b, p. 87)<sup>171</sup>. Entre suas obras estão Pentecostes (1554), Santa Catarina com lírios (c. 1550) e A Última Ceia (c. 1570).

Sofonisba Anguissola (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022b, p. 103)<sup>172</sup> é outra das figuras femininas que obtiveram papel de destaque por sua arte, fez pinturas de autorretratos e de membros de sua família, se destacou por sua arte e foi contratada como pintora oficial da Família Real da Espanha, onde pintou uma variedade de artes oficiais para a coroa espanhola. Entre suas obras vale destacar: A partida de xadrez (1555), Autorretrato num cavalete (c. 1556) e Retrato com pai, irmão e irmã da artista (1559). Lavinia Fontana foi a terceira figura feminina trazida pelo livro sob esse critério descritivo:

Entre os temas pintados por Lavinia estavam famílias da nobreza italiana, cenas religiosas e cenas da mitologia greco-romana. Algumas de suas pinturas são Autorretrato tocando a espineta (1577), Retrato de uma nobre dama (c. 1580) e Retrato de Bianca Degli Utili Maselli com seus seis filhos (c. 1605) (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022b, p. 8)<sup>173</sup>.

Apesar dessas barreiras, algumas mulheres conseguiram destacar-se e deixar um legado importante na história da arte. Reconhecer a contribuição das mulheres na arte renascentista é essencial para um entendimento mais completo e inclusivo desse período histórico. A menção dessas artistas em livros didáticos do ensino fundamental é crucial, pois promove a diversidade e a representatividade, inspirando meninas e meninos a valorizarem o papel das mulheres na cultura e na sociedade, além de fomentar um ambiente educacional mais equitativo e rico em perspectivas. Para que a representatividade seja verdadeiramente eficaz, os currículos devem ir além de uma simples citação, proporcionando um espaço para a análise crítica das condições sociais e profissionais que influenciaram a atuação dessas artistas, bem como o impacto

<sup>171</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 7º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 103.

<sup>173</sup> *Ibid.*, p. 8.

duradouro de suas obras. Assim, o objetivo de inspirar estudantes e promover um ambiente educacional mais equitativo só será alcançado se houver um compromisso com uma abordagem educacional que valorize e explore profundamente a importância das mulheres na arte e na sociedade, desafiando narrativas históricas tradicionais que frequentemente marginalizam essas contribuições. Adiante no livro não há mais quaisquer menções as questões de gênero ou mesmo temas correlatos, não existe nenhuma abordagem de temas como o feminismo, misoginia, igualdade de gênero etc. A ausência de discussão sobre temas de gênero e desigualdade limita a capacidade dos alunos de compreenderem e questionarem as estruturas sociais que ainda afetam a representatividade e a inclusão na arte e na sociedade contemporânea. A falta de uma abordagem contínua e crítica sobre essas questões compromete o potencial educativo para promover uma reflexão profunda e uma análise mais completa da história e das dinâmicas de gênero.

O livro<sup>174</sup> do componente curricular de História do oitavo ano do ensino fundamental, segue a mesma linha de raciocínio introdutória das séries anteriores, todavia conta com dez capítulos, dois a mais que os supramencionados, bem como uma quantidade de páginas superior, contendo 319 páginas em sua composição. Durante o capítulo 3, que versa sobre A Revolução das Américas, existe a primeira menção do livro as questões sobre o gênero, do seguinte modo:

Mencione que a luta contra os privilégios dos grupos dominantes e pela igualdade de oportunidades é uma das características das chamadas minorias. A discriminação e as desigualdades sociais que podem atingir os grupos “minoritários” podem ser relacionadas ao gênero, à etnia, à religião etc (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022c, p. 129).<sup>175</sup>

A citação anterior segue o fio condutor do capítulo e trata do processo de ocupação dos territórios indígenas durante a expansão e organização territorial dos EUA. O trecho, em específico, trata da Primeira Conferência Internacional sobre a Discriminação contra os Povos Indígenas, em Genebra, na Suíça. Aproveita, de modo pontual e breve, para indicar aos docentes que, ao chegar nesse ponto do conteúdo, se façam aproximações ou teçam-se comentários acerca de grupos, tais quais os indígenas, que sofram preconceito e castração dos direitos na contemporaneidade. Todavia, não há qualquer aprofundamento das temáticas no decorrer do capítulo. A teoria de Guacira Lopes Louro destaca que a escola, longe de ser um espaço neutro,

---

<sup>174</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 8º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>175</sup> *Ibid.*, p. 129.

é profundamente generificada, perpetuando estereótipos e desigualdades de gênero através de suas práticas pedagógicas e curriculares. Esse ambiente pode refletir e amplificar as desigualdades de gênero vivenciadas pelos alunos fora da escola, se não for abordado de forma crítica. Para mitigar essas desigualdades, é crucial revisar e adaptar currículos, formar professores para reconhecer e combater preconceitos de gênero, criar espaços de diálogo inclusivos e implementar políticas que promovam a equidade de gênero. A falta de aprofundamento em temas como discriminação contra grupos marginalizados, como os indígenas, pode contribuir para a invisibilização dessas questões, destacando a necessidade de uma abordagem educacional mais abrangente e consciente das realidades sociais e culturais.

O capítulo 5 trata da Revolução Industrial e ao tratar da criação do futebol, que data do período em questão, traz mais uma orientação, deslocada em quadro à esquerda da página, sobre como a temática do esporte pode trazer consigo um gatilho para tratar de questões sociais e de gênero, o trecho orienta o seguinte: “Aproveite a abordagem do tema do futebol para refletir com os alunos sobre a importância do combate à misoginia, ao preconceito e à discriminação de gênero e sexualidade nesse esporte” (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022c, p. 120)<sup>176</sup>. Se segue uma citação:

No futebol feminino, as principais formas de preconceito são a segregação, a exclusão, o cerceamento da mulher em algumas práticas esportivas, a limitação na escolha destas práticas, a erotização do corpo feminino e a vigilância sobre a identidade de gênero das atletas. Assim sendo, foi possível concluir que o mito do sexo frágil, as ideias de incapacidade e incompetência feminina e o controle biológico da aparência corporal da mulher são os aspectos sociais e culturais que fundamentam o preconceito e desencorajam a participação das mulheres no futebol (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022c, p. 120)<sup>177</sup>.

A citação anterior é utilizada no livro como direcionamento conceitual para a exposição da temática de gênero no futebol, serve de guia conceitual para as orientações do professor. Se trata de um trecho de artigo de terceiros. Todavia, falar sobre o futebol feminino em sala de aula para adolescentes é fundamental para promover a igualdade de gênero e desconstruir estereótipos. Ao abordar essa temática, os educadores têm a oportunidade de mostrar que o esporte não é exclusivo aos homens e que as mulheres podem brilhar nesse campo. Isso ajuda

<sup>176</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 8º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>177</sup> BRANCHER, Emerson Antonio; PEREIRA, Emanuel Vinícius Petri; MOURA, Letícia Maria de; SILVA, Sara Regina da; DALMOLIN, André Gustavo. Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 14, n. 57, jan./fev./mar./abr. 2022. p. 77, 79. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1214>. Acesso em: 01/07/2024.

a combater preconceitos e a valorizar a trajetória das atletas femininas, inspirando meninas a se envolverem no esporte e a perceberem que têm o mesmo potencial e oportunidades que os meninos. Além disso, essa discussão pode fomentar um ambiente de respeito e inclusão, mostrando a importância de apoiar a diversidade em todas as áreas.

Ademais, no restante do livro não há quaisquer menções significativas às questões voltadas ao gênero, não existem capítulos ou tópicos dedicados exclusivamente ao tema, bem como não há aprofundamento teórico acerca dos pontuais comentários que o livro traz que flertam com a temática em questão. Deixa a cargo do docente apresentar qualquer problematização dessa natureza sem fomentar conceitualmente as proposições ou fornecer o devido arcabouço teórico.

O livro<sup>178</sup> do nono ano conta com 12 capítulos, dois a mais que seu anterior e um total de 367 páginas. Todavia, diferente de seus anteriores, em seu décimo segundo capítulo, acerca do Brasil Contemporâneo, têm-se no sumário tópicos dedicados as desigualdades entre homens e mulheres e a violência contra a mulher.

O primeiro tópico acerca das Desigualdades entre homens e mulheres afirma que:

No século XXI, as mulheres têm conquistado mais espaço no mercado de trabalho, ocupando cargos tradicionalmente masculinos. No entanto, em grande parte dos casos, ainda que exerçam as mesmas funções que os homens, seus salários são menores. (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022d, p. 15)<sup>179</sup>

O tópico em questão traz uma reflexão de fundamental importância para se pensar uma questão tão significativa quanto a remuneração baseada no gênero e não na função e competência, o que traz uma série de impasses problemáticos para o sexo feminino.

A disparidade salarial entre homens e mulheres que desempenham as mesmas funções tem implicações sociais profundas e abrangentes. Primeiramente, perpetua a desigualdade de gênero, minando os esforços pela equidade no ambiente de trabalho e na sociedade em geral. Mulheres que recebem salários inferiores têm menos recursos econômicos para investir em educação, saúde e bem-estar, o que pode limitar suas oportunidades de progresso profissional e pessoal. Além disso, essa desigualdade pode afetar a dinâmica familiar, aumentando a dependência financeira das mulheres em relação aos homens e perpetuando estereótipos de gênero. No longo prazo, a disparidade salarial contribui para a perpetuação da pobreza feminina

<sup>178</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 9º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>179</sup> *Ibid.*, p. 15.

e agrava as desigualdades socioeconômicas, prejudicando o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa.

Apesar de abordar temas importantes, o livro falha ao tratar a violência contra a mulher de forma superficial, resumindo a questão a um tópico de apenas três linhas. Essa abordagem banaliza a gravidade e a complexidade do problema, oferecendo uma análise rasa que não faz justiça à profundidade do tema. Além disso, o livro parece iniciar a discussão sobre a violência contra a mulher de forma desconexa, sem estabelecer uma transição adequada ou uma continuidade que permita uma compreensão mais profunda e relevante do assunto. Como resultado, a falta de profundidade e a desconexão entre os temas comprometem a eficácia da discussão e a relevância do conteúdo apresentado. O livro segue até o ponto que versa sobre a violência contra a mulher e inicia o conteúdo da seguinte forma:

As lutas das mulheres pela igualdade são históricas. Na primeira metade do século XX, movimentos em defesa do direito feminino ao voto se intensificaram e fortaleceram iniciativas feministas ao redor do mundo. Com o tempo, conseguiram estabelecer legislações que permitissem às mulheres votar e se candidatar em grande parte dos países (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022d, p. 71)<sup>180</sup>

O texto faz menção ao que podemos entender como princípio do movimento feminista. Todavia, não apenas clamando pelo direito ao voto, mas guiadas, em partes, pelos ideais ainda oriundos da Revolução Francesa do século XVIII, a saber, os lemas de liberdade, igualdade e fraternidade. A busca por uma inserção equitativa na estrutura da sociedade guia a luta das mulheres e deixou sua marca na História. O livro acentua o debate ao suscitar o seguinte:

Nas décadas de 1960 e 1970, outras propostas foram difundidas por esses movimentos, que passaram a reivindicar direitos aos métodos contraceptivos, mais liberdade em relação aos modos de se vestir e uma abertura no mercado de trabalho em relação ao papel assumido pelas mulheres. Atualmente, as lutas em defesa de ideais feministas continuam mobilizando as pessoas. Suas ações têm se voltado para a equiparação salarial entre homens e mulheres, a erradicação do machismo, a aprovação de leis específicas para o público feminino, entre outras reivindicações (Dias; Grinberg; Pellegrini, 2022d, p. 73).<sup>181</sup>

A citação expõe que os movimentos feministas ganharam força e visibilidade, difundindo propostas que iam além das reivindicações básicas por igualdade. Passaram a lutar

---

<sup>180</sup> DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 9º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 73.

pelo direito ao acesso a métodos contraceptivos, permitindo que as mulheres tivessem maior controle sobre seus corpos e suas vidas reprodutivas. Além disso, reivindicavam mais liberdade em relação aos modos de se vestir, desafiando normas sociais rígidas e estereótipos de gênero. A entrada das mulheres no mercado de trabalho também foi uma pauta importante, buscando a quebra de barreiras que limitavam seu papel na sociedade apenas ao âmbito doméstico. Essas mudanças refletiram uma busca por autonomia e reconhecimento de direitos fundamentais.

Atualmente, as lutas feministas continuam a mobilizar pessoas ao redor do mundo, adaptando-se às novas demandas e contextos sociais. A equiparação salarial entre homens e mulheres permanece uma questão central, visando eliminar a disparidade econômica que persiste apesar dos avanços legislativos e sociais. Esta desigualdade salarial é um reflexo das barreiras estruturais e culturais que ainda desvalorizam o trabalho das mulheres, desde as diferenças salariais até a segregação ocupacional e o teto de vidro que limita as oportunidades de avanço profissional.

Além disso, a luta contra o machismo, que se manifesta de diversas formas na sociedade, continua a ser uma meta crucial. Isso inclui combater a violência de gênero, como assédio sexual e agressões domésticas, que afetam gravemente a segurança e o bem-estar das mulheres. As feministas também enfrentam o desafio de transformar atitudes e comportamentos que perpetuam a desigualdade, promovendo uma mudança cultural que questiona e redefine normas sociais prejudiciais.

Outro aspecto fundamental é a luta por leis específicas que protejam os direitos das mulheres e garantam sua segurança e dignidade. Isso inclui a implementação de políticas públicas que abordem questões como a licença parental igualitária, o acesso a serviços de saúde reprodutiva, e a proteção contra discriminação no local de trabalho e em outros âmbitos da vida social. As feministas também estão engajadas em esforços para garantir a inclusão de mulheres de diferentes origens, etnias, orientações sexuais e identidades de gênero, reconhecendo a importância de uma abordagem interseccional que aborda as múltiplas camadas de desigualdade e opressão.

Essas reivindicações refletem um movimento dinâmico e em constante evolução, que não apenas busca alcançar igualdade de gênero, mas também promover uma transformação profunda nas estruturas sociais e culturais. O movimento feminista está comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos, desafiando normas estabelecidas e trabalhando para garantir que as mudanças necessárias sejam implementadas de maneira efetiva e duradoura.

Incluir conteúdos sobre os movimentos feministas e suas reivindicações históricas em livros de ensino fundamental é essencial para cultivar uma base sólida de conscientização e educação sobre a igualdade de gênero desde cedo. A educação sobre a história dos movimentos feministas oferece aos estudantes uma compreensão das lutas e conquistas das mulheres ao longo dos anos, desde o sufrágio até os direitos trabalhistas e a proteção contra a violência de gênero. Conhecer essas histórias permite que os alunos reconheçam e valorizem o progresso realizado, além de entender as estruturas que sustentam as desigualdades atuais.

Esse tipo de conteúdo não apenas informa, mas também encoraja os estudantes a questionarem e analisar as desigualdades persistentes na sociedade. Ao aprender sobre temas como direitos reprodutivos, liberdade de expressão pessoal e igualdade no mercado de trabalho, os adolescentes desenvolvem uma compreensão crítica dos valores de justiça e respeito. Eles são expostos às realidades das mulheres em diferentes contextos e épocas, permitindo que vejam a luta pela igualdade como uma questão contínua e relevante.

Além disso, incluir esses temas no currículo ajuda a promover um ambiente escolar que valoriza a equidade e o respeito mútuo. Através da educação, os jovens são incentivados a refletir sobre seus próprios comportamentos e atitudes, reconhecendo e desafiando preconceitos e estereótipos de gênero que possam estar presentes em suas próprias vidas e comunidades. Este processo de conscientização e autorreflexão é fundamental para a formação de uma geração que está mais consciente das injustiças e mais disposta a agir contra elas.

Em conclusão, a inclusão de conteúdos sobre os movimentos feministas e suas reivindicações históricas no ensino fundamental é um passo crucial para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao educar os jovens sobre a importância da igualdade de gênero e as lutas que moldaram os direitos atuais, estamos não apenas promovendo um entendimento mais profundo dos valores de justiça e respeito, mas também capacitando a próxima geração a ser proativa na luta contra a desigualdade. Esta abordagem educacional contribui para o desenvolvimento de cidadãos informados e engajados, capazes de promover mudanças positivas e trabalhar pela construção de uma sociedade que valorize e respeite todos os seus membros.

#### **4 CAPÍTULO III - GÊNERO E HISTÓRIA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E PROMOVENDO A IGUALDADE NA SALA DE AULA**

A discussão sobre questões de gênero no ensino de História é um campo de crescente relevância, especialmente em um contexto social que demanda cada vez mais equidade e inclusão. Neste capítulo, busca-se explorar como práticas pedagógicas podem ser transformadoras ao promover reflexões críticas sobre estereótipos de gênero e as desigualdades que permeiam a sociedade. A abordagem aqui proposta considera a escola como um espaço privilegiado para desconstruir preconceitos, fomentar o pensamento crítico e incentivar a valorização das diversidades, em sintonia com os princípios de uma educação voltada para a justiça social. O ponto de partida desta reflexão é a capacitação docente, entendida como uma estratégia fundamental para a implementação de mudanças significativas na prática pedagógica. A oficina, tema central deste capítulo, visa fornecer ferramentas teóricas e práticas que auxiliem professores a integrar a perspectiva de gênero de forma consistente e sensível no ensino de História. A ideia é não apenas compreender as raízes históricas das desigualdades, mas também desenvolver metodologias que tornem o aprendizado mais inclusivo, contemplando as diferentes experiências e narrativas dos sujeitos históricos.

Ao situar a questão de gênero como um elemento estruturante na formação histórica e social, esta oficina busca ampliar a compreensão sobre a importância de se ensinar História de forma crítica e plural. Assim, ao longo deste capítulo, serão discutidos os objetivos, métodos e relevância dessa proposta, com a intenção de inspirar práticas pedagógicas transformadoras que contribuam para a formação de cidadãos mais conscientes, empáticos e engajados na luta por uma sociedade igualitária.

No entanto, é crucial que cada professor no Brasil reconheça a necessidade de adaptar esse modelo às suas realidades locais. O contexto educacional, cultural e social pode variar significativamente entre diferentes regiões e escolas. Assim, os aspectos metodológicos e as etapas sugeridas na oficina devem ser ajustados para refletir as particularidades de cada ambiente escolar e comunidade.

Cada professor pode personalizar as atividades e o conteúdo para melhor atender às necessidades e interesses específicos de seus alunos, garantindo que a abordagem seja relevante e eficaz. Isso pode envolver a incorporação de exemplos locais, a adaptação de materiais didáticos e a modificação das estratégias pedagógicas de acordo com o contexto socioeconômico e cultural da turma.

Dessa forma, o capítulo proporciona uma estrutura para a oficina que, por sua vez, pode ser moldada conforme as condições e desafios únicos de cada escola e professor. Essa flexibilidade assegura que os conteúdos sobre a igualdade de gênero no ensino de História sejam abordados de maneira significativa e impactante, promovendo uma educação inclusiva e contextualizada em diferentes realidades. Ao adaptar o modelo proposto, os educadores estarão melhor preparados para engajar seus alunos e fomentar uma compreensão crítica e prática dos temas discutidos.

A inclusão da perspectiva de gênero no ensino de História exige a adoção de novos conteúdos e a revisão de práticas pedagógicas tradicionais que, como observa Joan Scott (2019)<sup>182</sup> tendem a invisibilizar a participação de mulheres e grupos marginalizados. Essas narrativas, marcadas por uma visão hegemônica, perpetuam estereótipos e contribuem para a exclusão de múltiplas vozes no processo histórico. Nesse sentido, a oficina proposta busca incentivar os educadores a adotarem práticas que valorizem a diversidade e reconheçam as múltiplas identidades que moldam a história, promovendo uma educação mais justa e representativa.

Abordar questões de gênero na sala de aula frequentemente encontra resistências, como destacam Louro (1997)<sup>183</sup> e Butler (2019)<sup>184</sup>, tanto por parte de alunos e famílias quanto dos próprios docentes, muitas vezes despreparados para lidar com temas sensíveis. Essas dificuldades tornam urgente a realização de capacitações específicas que, além de fornecerem suporte teórico e metodológico, desmistificam preconceitos e criam ambientes propícios ao diálogo. O objetivo é equipar os professores com ferramentas que os tornem capazes de conduzir discussões respeitosas e informativas sobre gênero no ensino de História, enfrentando resistências de forma pedagógica.

Como apontam Rago (1998)<sup>185</sup> e Veiga-Neto (2020)<sup>186</sup>, a contextualização histórica das discussões de gênero é essencial para sua integração ao currículo escolar. O tema não deve ser tratado isoladamente, mas articulado às narrativas históricas existentes, evidenciando como as

<sup>182</sup> SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e a política da história**. Tradução de Christine Rufino Dabat. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

<sup>183</sup> LOURO, Gisely Lessa. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Cortez, 1997.

<sup>184</sup> BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p. ISBN 978-85-512-0500-6.

<sup>185</sup> RAGO, Margareth. Oreste Ristori: **Uma aventura anarquista**. 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 1998.

<sup>186</sup> VEIGA-NETO, Alfredo; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, Conhecimento e Cultura Escolar: Perspectivas Críticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

relações de gênero influenciaram estruturas sociais e culturais. Por exemplo, ao estudar a escravidão no Brasil, pode-se destacar o protagonismo de mulheres negras, como afirma Gomes (2017)<sup>187</sup>, em lutas por liberdade e sobrevivência, conectando gênero, raça e resistência. Essa abordagem enriquece o conteúdo e amplia a visão crítica dos estudantes sobre a história.

Adotar uma perspectiva de gênero no ensino também estimula a empatia e o pensamento crítico, valores fundamentais para uma sociedade mais justa. Conforme Téllez Delgado (2017)<sup>188</sup>, ao incorporar histórias de mulheres e grupos marginalizados, os professores promovem reflexões sobre as desigualdades históricas e sociais. Essas discussões podem inspirar os alunos a se tornarem agentes de transformação social, preparados para questionar injustiças e propor mudanças em seus próprios contextos.

Além disso, a oficina busca ressignificar o papel do educador, que deixa de ser um simples transmissor de conteúdo para assumir a função de mediador no processo de construção do conhecimento. Como destacam Freire (1996)<sup>189</sup> e Hooks (2018)<sup>190</sup>, a educação dialógica é um caminho para desconstruir opressões e construir espaços de aprendizado inclusivos. Capacitar os professores para abordar gênero no ensino de História, nesse sentido, é um passo crucial para transformar a escola em um ambiente que acolha e valorize as diversidades humanas.

Outro desafio relevante é superar os limites impostos pelos materiais didáticos, frequentemente marcados por lacunas em relação à diversidade de gênero. Como propõem Del Priore (2004)<sup>191</sup> e Bassanezi (2013)<sup>192</sup>, o uso de fontes alternativas, como relatos orais, biografias e estudos locais, pode enriquecer o ensino, garantindo que as histórias negligenciadas sejam incorporadas ao repertório escolar. Essa prática não apenas amplia o conteúdo, mas também fortalece o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados.

---

<sup>187</sup> GOMES, Ângela Maria de Souza. **Mulheres negras e a resistência na história do Brasil**. São Paulo: Editora XYZ, 2017.

<sup>188</sup> TÉLLEZ DELGADO, Ana. **Belleza siempre con salud**. Madrid: LID Editorial Empresarial, 2017. 111 p. ISBN 978-84-16894-29-1.

<sup>189</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<sup>190</sup> HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

<sup>191</sup> DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2004.

<sup>192</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

A interdisciplinaridade é igualmente essencial para abordar questões de gênero no ensino de História. Autores como Bourdieu (2002)<sup>193</sup> e Butler (2019)<sup>194</sup> sugerem que os estudos de gênero dialogam com campos como Sociologia, Antropologia e Literatura. Ao explorar essas conexões, os educadores promovem uma visão mais ampla e complexa das relações humanas, proporcionando um aprendizado mais significativo que transcende os limites disciplinares.

Por fim, como observa Scott (2019)<sup>195</sup>, integrar a perspectiva de gênero ao ensino de História é uma prática pedagógica e política que contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva. A oficina proposta reforça esse compromisso ao preparar os professores para abordar temas que, além de enriquecerem o conteúdo escolar, promovem uma transformação cultural em toda a comunidade educativa. Em última análise, educar para a igualdade de gênero é um ato de resistência e construção de um futuro mais justo e solidário.

Ademais, a implementação de uma oficina de gênero na escola, voltada para professores, é fundamental para a construção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. A oficina de gênero, ao promover o entendimento e a valorização das diversas identidades de gênero, desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e preconceitos profundamente enraizados na sociedade. Joan Scott, em seus estudos sobre gênero, destaca que o gênero não é apenas uma diferença socialmente construída entre homens e mulheres, mas um campo de poder que organiza as relações sociais, influenciando a experiência e a identidade dos indivíduos. Nesse sentido, a oficina se torna um espaço onde as relações de gênero podem ser problematizadas, permitindo que professores e alunos compreendam a complexidade dessas relações e questionem as normas sociais que as sustentam.

Para os professores, a oficina oferece uma formação continuada essencial, fornecendo ferramentas pedagógicas e didáticas que permitem abordar questões de gênero de maneira sensível e pontual. A formação continuada é fundamental para que os educadores desenvolvam uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e desigualdade que permeiam as relações de gênero, como argumentado por autoras feministas como Bell Hooks (2018)<sup>196</sup> e Judith Butler (2019)<sup>197</sup>. Essas autoras enfatizam a importância de uma educação que não apenas

---

<sup>193</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p. ISBN 978-85-286-0859-0.

<sup>194</sup> BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p. ISBN 978-85-512-0500-6.

<sup>195</sup> SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e a política da história**. Tradução de Christine Rufino Dabat. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

<sup>196</sup> HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

<sup>197</sup> BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p. ISBN 978-85-512-0500-6.

transmita conhecimento, mas que também desafie as estruturas de poder existentes, capacitando os educadores a fomentarem um ambiente de aprendizagem mais equitativo e inclusivo.

Além disso, a oficina de gênero contribui para a construção de uma comunidade escolar mais consciente e engajada com as questões de igualdade e justiça social. Como apontado por Scott, o gênero deve ser entendido como uma categoria histórica que revela as relações de poder e as desigualdades sociais. Ao aplicar esses conceitos em um ambiente escolar, a oficina se torna um espaço de reflexão crítica, onde professores e alunos podem explorar as implicações sociais e históricas das construções de gênero e trabalhar coletivamente para promover a igualdade.

Por fim, esta oficina é uma oportunidade para repensar a prática docente à luz de uma educação comprometida com a transformação social. Ao capacitar os professores para abordar questões de gênero no ensino de História, o projeto busca não apenas enriquecer o conteúdo escolar, mas também promover uma mudança cultural que impacte positivamente toda a comunidade escolar. Em última análise, ensinar história com uma perspectiva de gênero é um ato político e pedagógico que reconhece a diversidade humana e reafirma o compromisso com a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

#### **4.1 Aspectos Metodológicos da Oficina Escolar: primeiras notas**

O planejamento metodológico para a oficina de gênero na Escola de Tempo Integral Benedito Sousa, deve considerar diversas dimensões teóricas e práticas para garantir sua eficácia e relevância no contexto específico da escola. Localizada na zona rural de Buriti dos Lopes e sendo uma das pioneiras na inserção do ensino integral no município, a escola representa um cenário crucial para a intervenção. O contexto socioeconômico da região, caracterizado por baixa renda e outras questões sociais, frequentemente resulta em uma menor incidência de debates sobre gênero, tornando a oficina uma ferramenta vital para suprir essas lacunas na educação.

A oficina escolar é uma estratégia metodológica que busca conectar teoria e prática no ensino, promovendo uma aprendizagem ativa e reflexiva. Essa abordagem oferece uma oportunidade para que professores cocriem conhecimento histórico, rompendo com o modelo tradicional de transmissão passiva de conteúdos. Nesse sentido, a oficina assume o papel de um espaço dialógico, no qual a construção coletiva do saber se torna central para a formação.

Conforme Isabel Barca (2004)<sup>198</sup>, oficina é caracterizada por seu dinamismo e flexibilidade, permitindo a adaptação dos conteúdos às necessidades e interesses específicos dos alunos. A autora enfatiza que o planejamento cuidadoso e a definição de objetivos claros são essenciais para o sucesso dessa metodologia. Além disso, a avaliação deve ser compreendida como um processo contínuo, integrando as diferentes etapas da oficina para garantir que os objetivos pedagógicos sejam alcançados.

A metodologia da oficina também se destaca por incentivar o desenvolvimento do pensamento histórico. Para Barca (2021)<sup>199</sup>, ensinar a pensar historicamente envolve promover competências como a análise crítica de fontes, a contextualização e a interpretação dos acontecimentos. Essas habilidades são fundamentais para que os alunos compreendam as complexidades da história e estabeleçam conexões com questões contemporâneas, contribuindo para uma visão mais ampla e crítica da sociedade.

A utilização de recursos didáticos adequados é um elemento essencial para o sucesso das oficinas escolares. Choppin (2004)<sup>200</sup> ressalta que os materiais didáticos, como livros e documentos, desempenham um papel central na mediação. No entanto, é necessário criticar e revisar constantemente esses recursos, uma vez que eles podem refletir narrativas históricas hegemônicas e excluírem perspectivas alternativas. Nesse contexto, o professor deve atuar como um mediador crítico, utilizando os materiais como ponto de partida para discussões reflexivas.

Bittencourt (2018)<sup>201</sup> destaca que o ensino de História deve transcender a simples memorização de fatos e datas, enfocando a compreensão das múltiplas dimensões do passado. Nesse sentido, as oficinas escolares proporcionam um ambiente ideal para explorar questões complexas, como gênero, raça e classe, de forma participativa. A metodologia possibilita o envolvimento ativo, promovendo debates e atividades que incentivem a problematização e a ressignificação dos conteúdos históricos.

---

<sup>198</sup> BARCA, Isabel. "Educação Histórica em tempos de negacionismos e pandemias: teorias, práticas e pesquisas". Trabalho apresentado no XXI Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica e VI Congresso Ibero-Americano, juntamente com o IV Seminário Nacional de Ensino de História da UFAL, Maceió, Alagoas, 2004.

<sup>199</sup> BARCA, Isabel. "**O conceito 'Escravidão' nos Manuais Didáticos de História:** diálogos, itinerários e narrativas em Brasil e Portugal". História & Ensino, dezembro de 2021.

<sup>200</sup> CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas:** sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

<sup>201</sup> BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2018.

No que diz respeito aos livros didáticos, Quinzani e Ribeiro (2019)<sup>202</sup> afirmam que as oficinas oferecem uma oportunidade para superar as limitações impostas por narrativas engessadas e generalistas. Ao utilizar o livro didático como um recurso complementar e não como único guia, o professor pode estimular os estudantes a questionar e reinterpretar as informações apresentadas, ampliando sua compreensão histórica.

Outro aspecto importante é a formação do professor, elemento essencial para a implementação de metodologias inovadoras, como as oficinas. A formação inicial e continuada deve incluir discussões sobre estratégias pedagógicas que promovam a autonomia e a criatividade no ensino, permitindo que os docentes adaptem suas práticas às demandas de uma sociedade em constante transformação.

Por fim, as oficinas escolares representam um espaço de experimentação e aprendizado mútuo, para professores. Ao integrar teoria e prática, dialogar com diferentes perspectivas e incentivar a participação ativa, elas têm o potencial de transformar o ensino de História em uma experiência significativa e emancipadora, alinhada às demandas contemporâneas de uma educação crítica e inclusiva.

A organização de oficinas escolares como método de ensino requer não apenas criatividade, mas também embasamento teórico que direcione suas práticas e objetivos. Nesse contexto, a abordagem de Paulo Freire (1996)<sup>203</sup> se torna essencial, ele enfatiza que a educação deve ser um processo dialógico, no qual educadores e educandos aprendem juntos. As oficinas escolares, enquanto espaços participativos, incorporam essa ideia ao incentivar a troca de experiências e a problematização de temas sociais, contribuindo para a formação de uma consciência crítica nos estudantes.

Freire (1996)<sup>204</sup> também argumenta que a prática educativa deve partir da realidade do aluno, o que se alinha à proposta de oficinas que busquem contextualizar os conteúdos históricos com as vivências dos estudantes. Isso é particularmente importante no ensino de História, em que as narrativas precisam dialogar com a diversidade cultural e social dos alunos. Assim, as oficinas escolares tornam-se um espaço para explorar essas realidades, promovendo um ensino mais significativo e transformador.

---

<sup>202</sup> QUINZANI, Rafael Fiedoruk; RIBEIRO, José Iran. Abordagem da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985) na segunda edição do livro didático História em Movimento. *Temporalidades – Revista de História*, v. 11, n. 2, p. 303-322, 2019.

<sup>203</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<sup>204</sup> *Ibid.*

A perspectiva de Saviani (2008)<sup>205</sup> sobre a educação como um instrumento de mediação cultural complementa essa abordagem. Segundo o autor, a escola tem o papel de articular os conhecimentos sistematizados com as práticas culturais dos estudantes. As oficinas, enquanto metodologia pedagógica, podem desempenhar essa função ao incorporar elementos da cultura local e das tradições comunitárias no ensino de História. Essa articulação não apenas valoriza o repertório cultural dos alunos, mas também contribui para o fortalecimento de sua identidade social e histórica.

No entanto, a aplicação prática dessas metodologias enfrenta desafios relacionados à formação inicial e continuada dos professores. Nóvoa (1992)<sup>206</sup> destaca que o desenvolvimento profissional dos docentes deve ser um processo contínuo, que integre a teoria à prática pedagógica. Isso é particularmente relevante para a implementação de oficinas, que exigem dos professores habilidades específicas, como a capacidade de mediar debates, planejar atividades criativas e avaliar processos colaborativos de aprendizagem.

A formação docente, como aponta Nóvoa (1992)<sup>207</sup>, deve ser fundamentada em reflexões sobre a prática e em trocas de experiências entre pares. Nesse sentido, as oficinas também podem ser utilizadas como estratégia de formação para professores, criando espaços de aprendizagem coletiva. Essas ações contribuem para o fortalecimento da autonomia dos educadores, capacitando-os a enfrentar os desafios do ensino de História de forma mais crítica e inovadora.

Outro aspecto fundamental das oficinas escolares é sua capacidade de integrar diferentes linguagens no processo educativo. Pesavento (2003)<sup>208</sup> sugere que o ensino de História deve explorar não apenas os textos, mas também as imagens, músicas e outras formas de expressão cultural. As oficinas permitem essa diversificação ao utilizar fontes variadas como materiais didáticos, estimulando a criatividade e ampliando as possibilidades de interpretação histórica.

A abordagem interdisciplinar, defendida por Pesavento (2003)<sup>209</sup>, também encontra eco nas oficinas escolares. Ao integrar disciplinas como Artes, Geografia e Literatura, as oficinas oferecem uma visão mais ampla e interconectada dos temas históricos. Essa interdisciplinaridade enriquece o processo de ensino-aprendizagem, ajudando os alunos a compreenderem as múltiplas dimensões dos eventos históricos e suas implicações no presente.

---

<sup>205</sup> SAVIANI, Dermerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

<sup>206</sup> NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

<sup>207</sup> NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

<sup>208</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>209</sup> *Ibid.*

Saviani (2008)<sup>210</sup> reforça ainda que a educação deve ser orientada por uma intencionalidade pedagógica que promova a emancipação dos sujeitos. As oficinas escolares, ao priorizarem a participação ativa dos alunos, contribuem para essa emancipação, possibilitando que eles não apenas adquiram conhecimentos, mas também desenvolvam habilidades críticas e reflexivas. Isso é essencial para formar cidadãos conscientes e capazes de intervir em sua realidade social.

Além disso, as oficinas podem ser vistas como espaços de resistência às práticas pedagógicas tradicionais e hierárquicas. Freire (1996)<sup>211</sup> argumenta que a educação deve romper com o modelo bancário, no qual o professor deposita conhecimento no aluno. Em contraste, as oficinas promovem uma relação horizontal, na qual educadores e educandos constroem juntos o saber. Essa dinâmica desafia as estruturas de poder tradicionais na sala de aula e contribui para uma pedagogia mais democrática.

Um dos desafios metodológicos enfrentados pelas oficinas está na avaliação do processo de aprendizagem. Nóvoa (1992)<sup>212</sup> sugere que a avaliação deve ser contínua e processual, considerando tanto os resultados quanto o percurso dos estudantes. No contexto das oficinas, isso significa observar não apenas os produtos, mas também a participação, o engajamento e o desenvolvimento de habilidades ao longo das atividades. Essa abordagem valoriza o aprendizado como um processo dinâmico e integral.

Por fim, é importante destacar que a metodologia de oficinas escolares não é um modelo fixo, mas uma prática em constante evolução. Pesavento (2003)<sup>213</sup> argumenta que o ensino de História deve estar sempre aberto à experimentação e à incorporação de novas perspectivas. Essa flexibilidade é uma das principais vantagens das oficinas, permitindo que elas se adaptem às necessidades e interesses dos alunos, bem como às mudanças no contexto educacional e social.

Dessa forma, as oficinas escolares representam não apenas uma alternativa metodológica, mas também um compromisso com a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora. Ao incorporar os aportes de Freire, Saviani, Nóvoa e Pesavento, essa prática pedagógica se fortalece como uma ferramenta poderosa para promover a aprendizagem significativa e a emancipação dos sujeitos no ensino de História.

---

<sup>210</sup> SAVIANI, Demeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

<sup>211</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<sup>212</sup> NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

<sup>213</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

A implementação da oficina requer uma preparação meticulosa, que inclui a seleção de facilitadores qualificados e a criação de materiais didáticos apropriados para o nível dos alunos. A abordagem deve ser inclusiva e sensível, criando um ambiente seguro e acolhedor para a discussão e o aprendizado. A avaliação da oficina é igualmente importante para medir seu impacto e eficácia. De acordo com Scott (2019)<sup>214</sup>, a avaliação deve considerar não apenas o conhecimento adquirido, mas também as mudanças nas atitudes e comportamentos dos participantes. Isso pode ser feito através de feedback dos alunos, observação das dinâmicas escolares e análise das atividades realizadas durante a oficina.

Em conclusão, o planejamento metodológico da oficina de gênero na Escola de Tempo Integral Benedito Sousa deve integrar conceitos teóricos de Scott (2019)<sup>215</sup>, Hooks (2013)<sup>216</sup> e Butler (2019)<sup>217</sup> para promover uma compreensão crítica das questões de gênero e contribuir para a transformação social na comunidade escolar. A adaptação ao contexto local e a utilização de metodologias participativas são essenciais para garantir que a oficina seja relevante e impactante, ajudando a formar uma geração mais consciente e engajada com questões de justiça social e igualdade de gênero.

A proposição da oficina como tal, corrobora o que se chama de formação continuada na vida docente. Ao explicitar o conceito, se encontra oportuno sentido na seguinte reflexão: “Busca de alternativas às modalidades hegemonicamente propostas pelos sistemas de ensino, em especial com vistas à “capacitação” ou “aperfeiçoamento” dos docentes (Garcia; Schmidt, 2010, p. 31)<sup>218</sup>”. Nesses termos, demonstra seu caráter fundamental enquanto ferramenta pedagógica de auxílio para a imersão de docentes nas perspectivas, temas e questões que vão surgindo no âmbito educacional e que muitas vezes escapam da análise dos docentes puramente inseridos no magistério. Sob essa perspectiva:

Apresenta-se como sendo uma condição imprescindível para o desenvolvimento das competências, habilidades e saberes adquiridos durante a formação inicial, mas também representa um espaço de construção e reconstrução de novos conhecimentos e práticas pedagógicas, implicando

<sup>214</sup> SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e a política da história.** Tradução de Christine Rufino Dabat. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

<sup>215</sup> SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e a política da história.** Tradução de Christine Rufino Dabat. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

<sup>216</sup> HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

<sup>217</sup> BUTLER, Judith. **Vida precária:** os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p. ISBN 978-85-512-0500-6.

<sup>218</sup> GARCIA, T.M.A., SCHMIDT, M.A. Formação continuada de professores: a experiência do grupo de Araucária *In: HAGEMEYER, R.C.C. Formação docente e contemporaneidade:* referenciais e interfaces da pesquisa na relação universidade – escola. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

alterações na organização, nos conteúdos, nas estratégias, recursos, refletindo-se positivamente nas relações sociais estabelecidas entre equipes pedagógicas, docentes e alunos (Cabral; Medeiros, 2006, p. 20)<sup>219</sup>.

É preciso perceber a importância da formação inicial como uma base essencial para o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos, mas também destaca que o processo de construção e reconstrução de práticas pedagógicas é igualmente crucial. No entanto, essa análise ignora as complexidades envolvidas na implementação dessas mudanças. Embora a formação inicial forneça os alicerces, a eficácia da integração de novos conhecimentos e práticas pedagógicas depende de uma série de fatores adicionais, como o suporte contínuo, a adaptação às especificidades do contexto escolar e o engajamento das partes envolvidas. A ideia de que as alterações na organização, conteúdos, estratégias e recursos automaticamente resultam em melhorias nas relações sociais entre equipes pedagógicas, docentes e alunos pode ser otimista demais. Mudanças pedagógicas bem-sucedidas exigem um processo dinâmico de *feedback*, ajustes e colaboração constante, onde as expectativas e as realidades práticas são continuamente alinhadas. Portanto, embora a formação inicial seja vital, é a implementação cuidadosa e adaptativa que realmente determina o sucesso das inovações pedagógicas e seu impacto nas relações educacionais.

Nesse sentido, se apresenta como objeto pedagógico de grande valia para o aperfeiçoamento profissional e o aprimoramento estudantil. Portanto, a relação entre o aperfeiçoamento profissional dos educadores e o aprimoramento estudantil é intrínseca e interdependente. O investimento no desenvolvimento contínuo dos professores não apenas melhora suas práticas e estratégias pedagógicas, mas também resulta em uma experiência de aprendizagem mais rica e eficaz para os alunos. Em outras palavras, o aperfeiçoamento profissional dos educadores é uma condição fundamental para elevar a qualidade do ensino e, consequentemente, promover o sucesso acadêmico e o desenvolvimento integral dos alunos. A escola em questão conta com um corpo de professores multifacetado no que tange a experiência em sala de aula, e dado ao tempo de formação de muitos dos profissionais, que variam de cinto até vinte anos, as reflexões acerca do gênero não faziam parte dos processos formativos de vários dos profissionais da época, logo, gestando um terreno fértil para a aplicação da oficina. Desse modo, existe uma ordem lógica a ser seguida, nos termos de Francis Ibernón (2011, p. 06)<sup>220</sup>:

<sup>219</sup> CABRAL, C.L.O., MEDEIROS, M.V. Formação docente: da teoria à prática, em uma abordagem sócio-histórica. PUC – São Paulo. **Revista E- Curriculum** – ISSN 1809 – 3876. 2006.

<sup>220</sup> IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar – se para a mudança e a incerteza. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

A reflexão prático-teórica sobre a própria prática mediante a análise, a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a realidade. (...) A troca de experiências entre iguais para tornar possível a atualização em todos os campos de intervenção educativa e aumentar a comunicação entre os professores. A união da formação a um projeto de trabalho. A formação como estímulo crítico ante práticas profissionais como a hierarquia, o sexismo, a proletarização, o individualismo, o pouco prestígio etc. e práticas sociais como a exclusão, a intolerância etc. O desenvolvimento profissional da instituição educativa mediante o trabalho conjunto para transformar essa prática. (...)

A citação anterior explicita, de modo oportuno, a questão da formação no desenvolvimento profissional docente, além de salientar o papel da reflexão crítica, embasada e colaborativa que tenha como escopo o contexto educacional. Afirma que a prática educacional deve ser incessantemente revisitada, repensada e aprimorada por processos de reflexão, para, a partir disso, criar realidades para novos desafios. A formação docente oferecida pela oficina é fundamental para o aprimoramento contínuo da prática educacional. Ao promover a revisão constante, a reflexão crítica e a criação de novas abordagens pedagógicas, a oficina capacita os professores a enfrentar novos desafios e a criar realidades educacionais mais eficazes e adaptativas. Isso contribui significativamente para a melhoria da qualidade do ensino e para a promoção do sucesso dos alunos em um ambiente escolar em constante evolução.

Ao conceituar a trocas de experiência entre iguais dá contornos de importância ao processo de colaboração necessário entre os professores. Esse paralelo é imprescindível para uma manutenção mútua e capacidade de transformação e intervenção no seio educacional. Esse intercâmbio de conhecimento, de práticas e de experiências circunscreve com a precisão devida o ambiente educacional e fortalece, desse modo, a Educação como uma teia colaborativa de apoio e aprimoramento continuado. Com as demandas contemporâneas esse entendimento é indispensável, assim como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, p. 1)<sup>221</sup>:

[...] nas últimas décadas, passaram a serem difundidas percepções diferentes do processo de aprendizagem, do papel que os materiais didáticos desempenham, dos instrumentos e significados das avaliações e das funções sociais e culturais atribuídas à escola e ao professor. Essas novas percepções, hoje desenvolvidas por docentes e pesquisadores, têm levado a reflexões profundas quanto à interação entre teoria e prática no espaço escolar e às relações estabelecidas entre o currículo formal elaborado por especialistas e instituições, e o currículo real que, efetivamente, se concretiza na escola e na sala de aula.

---

<sup>221</sup> BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

O pacto entre a teoria formativa para os docentes e um plano de trabalho prático afirma que deve existir uma ponte que faça a junção entre o que deve ser praticado e o que de fato acontece na realidade escolar. A eficiência de planos e projetos educacionais depende fundamentalmente da sua integração com a prática cotidiana da escola. Planos e projetos que são formulados sem considerar as realidades diárias enfrentadas por professores e alunos tendem a ser desconectados e, portanto, menos eficazes. Para que um plano ou projeto seja bem-sucedido, ele deve abordar as condições reais e os desafios específicos encontrados no ambiente escolar, como a infraestrutura disponível, o perfil dos alunos e as necessidades da comunidade. Essa integração assegura que as estratégias propostas sejam relevantes e viáveis, promovendo uma aplicação mais prática e eficaz das iniciativas educacionais.

Além disso, a conexão com o cotidiano educacional facilita a adaptação e a implementação dos planos e projetos. Quando as iniciativas são elaboradas com base nas experiências e condições reais da escola, há uma maior probabilidade de engajamento e aceitação por parte dos professores e alunos. A prática contínua oferece *feedback* valioso, permitindo ajustes e melhorias nos planos, garantindo que eles atendam às necessidades emergentes e se ajustem às mudanças no contexto escolar. Assim, a eficiência dos projetos educacionais é maximizada quando estes são projetados para se alinhar com a realidade do dia a dia, tornando-se uma parte integrante e eficaz da rotina escolar. Esse crivo teórico delinea um plano pedagógico mais eficiente e racional de uma perspectiva de aplicação, como se propõe nessa oficina de gênero.

A integração entre a formação docente e projetos específicos, como uma oficina sobre questões de gênero, é essencial para alinhar o desenvolvimento profissional dos professores aos desafios e demandas reais enfrentados no contexto escolar. Conforme destaca Barca (2004)<sup>222</sup>, a formação deve ser planejada como um processo intencional, conectando teoria e prática. No caso da oficina, isso implica abordar temas que dialoguem diretamente com as situações vivenciadas pelos educadores em sala de aula, proporcionando um ambiente que favoreça a reflexão crítica e a aplicação imediata de estratégias pedagógicas inclusivas.

Barca (2021)<sup>223</sup> ressalta a importância de projetos formativos que incluam atividades práticas e conteúdos significativos, ampliando as possibilidades de intervenção docente. Em

---

<sup>222</sup> BARCA, Isabel. "Educação Histórica em tempos de negacionismos e pandemias: teorias, práticas e pesquisas". In: XXI Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica e VI Congresso Ibero-Americano, juntamente com o IV Seminário Nacional de Ensino de História da UFAL, Maceió, Alagoas, 2004.

<sup>223</sup> BARCA, Isabel. "O conceito 'Escravidão' nos Manuais Didáticos de História: diálogos, itinerários e narrativas em Brasil e Portugal". História & Ensino, dezembro de 2021.

uma oficina voltada para questões de gênero, isso significa oferecer metodologias que ajudem os professores a lidar com preconceitos e promover a diversidade. Essas práticas, segundo Bittencourt (2018)<sup>224</sup>, devem estar alinhadas à realidade dos alunos e às demandas da comunidade escolar, garantindo que a formação docente seja um instrumento efetivo para transformar as dinâmicas educativas e o ambiente escolar.

A conexão entre a formação teórica e a prática pedagógica fortalece a capacidade dos professores de implementar mudanças significativas em suas rotinas escolares. Além de ampliar os conhecimentos sobre diversidade e gênero, a oficina deve equipar os educadores com ferramentas práticas para promover o respeito e a inclusão no espaço escolar. Essa abordagem não apenas valoriza o papel do professor como mediador cultural, mas também contribui para a construção de um ambiente educacional mais igualitário e inclusivo, em sintonia com os princípios de uma educação transformadora.

#### **4.2 Construindo uma Oficina Escolar: recursos e etapas**

Oficinas de formação, são uma importante ferramenta de conjugação e aproximação da teoria educacional a prática inserida na realidade escolar, cotidiana, discente e docente, aspecto que apesar de imprescindível, ainda se faz em gestação em muitas realidades educacionais. Para a elaboração de uma oficina é necessário considerar os seguintes aspectos:

[...]1º momento antes análise da demanda - instituição: história, possibilidades, compromisso - participantes: necessidade, características, receptividade. Pré- análise: o que o grupo já sabe o que precisa, o que dá conta. Enquadre quantos participantes, características dos participantes, recursos disponíveis, local, horário. 2º momento: início, acolhimento, sensibilizar para que o grupo aconteça. - Assimilação, elaboração de conhecimentos e mudanças de atitudes. 3º momento: meio; 4º momento: fim; tema, qual, quem, como, avaliação pelos participantes (Motta, 2014, p. 3)<sup>225</sup>

Apresenta de modo preciso um processo de estruturação para uma oficina, envolvendo o momento de análise, intervenção e divisão em partes centrais. Das quais se deve evidenciar os momentos de aprendizagem, antes, durante e depois. Os participantes em quantidade, quais serão os recursos necessários e os disponíveis, definição de local, que já apresentamos a Escola de Tempo Integral Benedito Sousa e turno definido como manhã. Esse momento inicial pode

<sup>224</sup> BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2018.

<sup>225</sup> MOTTA, Adilson Pires. **O que é e como montar uma oficina pedagógica?** 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/oficina-pedaggica-31185394/31185394>. Acesso em: 17 set. 2024.

ser entendido como introdução para a oficina. Além disso, é crucial considerar os momentos de aprendizagem que ocorrem antes, durante e depois da oficina. Isso envolve preparar os participantes para o que será abordado (antes), conduzir a oficina de maneira eficaz e interativa (durante), e realizar uma reflexão e avaliação para consolidar o aprendizado e aplicar os conhecimentos adquiridos (depois). Deve-se também definir o número de participantes, os recursos necessários e disponíveis, e o local apropriado para a realização da oficina. No nosso caso, a Escola de Tempo Integral Benedito Sousa foi escolhida como local, e a oficina será realizada no turno da manhã. Esse planejamento inicial serve como uma introdução para a oficina, garantindo que todos os aspectos logísticos e pedagógicos sejam considerados para uma execução bem-sucedida.

O segundo momento é de fato o princípio das atividades propostas, iniciado por acolhimento e explanação da temática basilar para a oficina, a saber, as questões de gênero e sua relevância para o ambiente escolar e a prática docente e discente para assegurar uma participação consciente e efetiva. Desse modo, se assegura engajamento, acolhimento e a apresentação receptiva de novos conhecimentos. Ao término, existirá uma avaliação dos participantes, que visará medir a eficiência das atividades desempenhadas.

Nesse sentido, esta pesquisa propõe a realização de uma oficina sob o título: Orientação sexual é escolha? A oficina terá em sua constituição central os seguintes itens: Público-alvo, Duração, Objetivos, Recursos didáticos e procedimento necessários. Cada um desses itens será abordado e descrito nos parágrafos que se seguem.

A oficina será conduzida por meio de metodologias participativas e inovadoras, incentivando a interação e o protagonismo dos participantes. Na primeira etapa, serão realizadas exposições dialogadas sobre conceitos-chave relacionados a gênero, sexualidade, interseccionalidade e suas representações na história. Serão utilizados estudos de caso e análise crítica de fontes históricas para problematizar a construção social dos papéis de gênero ao longo do tempo.

Os participantes serão divididos em grupos para realizar atividades práticas, como a elaboração de mapas conceituais, debates em formato de seminários e a construção de linhas do tempo destacando a participação de mulheres e outras identidades de gênero em diferentes períodos históricos. Essas atividades visam promover a reflexão coletiva e estimular o pensamento crítico.

Serão promovidas dinâmicas que utilizam metodologias ativas de ensino, como a aprendizagem baseada em projetos (ABP) e a gamificação. Por exemplo, os docentes participarão de jogos de papéis onde assumirão identidades históricas diversas, permitindo

vivenciar perspectivas distintas e aprofundar a compreensão sobre o impacto das construções de gênero na sociedade.

Na segunda etapa, os professores serão incentivados a desenvolver projetos pedagógicos que integrem a perspectiva de gênero em suas disciplinas. Serão oferecidas oficinas sobre o uso de tecnologias educacionais, possibilitando a criação de conteúdos digitais, como podcasts, blogs e vídeos educativos, que podem ser utilizados em sala de aula para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Os participantes terão a oportunidade de criar planos de aula, materiais didáticos e estratégias de avaliação que contemplem a diversidade e promovam a igualdade de gênero. Haverá momentos destinados ao compartilhamento de experiências e desafios encontrados na prática docente, favorecendo a construção de soluções colaborativas.

Ao final da oficina, será realizada uma apresentação dos projetos elaborados pelos docentes, seguida de uma sessão de feedback colaborativo. Esse momento permitirá a troca de experiências e o fortalecimento da rede de professores comprometidos com a educação inclusiva e transformadora.

Para consolidar o aprendizado, será criado um grupo virtual de apoio contínuo, onde os professores poderão compartilhar recursos, dúvidas e sucessos na implementação das novas práticas pedagógicas. Dessa forma, a oficina não se encerra em si mesma, mas dá início a um processo contínuo de desenvolvimento profissional e melhoria da qualidade da educação no município.

**Título:** Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula

**Público-alvo:** O público-alvo desta oficina são os docentes da rede pública municipal de Buriti dos Lopes, Piauí, especialmente professores de História e áreas afins interessados em integrar a perspectiva de gênero em suas práticas pedagógicas.

**Duração:** A oficina terá duração total de 12 horas, divididas em duas etapas de 6 horas cada. A primeira etapa focará na fundamentação teórica e reflexão crítica, enquanto a segunda etapa será dedicada à elaboração de projetos pedagógicos.

**Objetivo:** O objetivo principal desta oficina é capacitar os professores para abordar questões de gênero no ensino de História, promovendo reflexões críticas sobre estereótipos e desigualdades, e incentivando práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras que contribuam para a formação de uma sociedade mais justa.

#### **Recursos didáticos:**

- Equipamentos tecnológicos: *notebooks*, projetores multimídia, som.

- Materiais impressos: textos acadêmicos, artigos, estudos de caso e materiais de apoio.
- Recursos audiovisuais: documentários, filmes, podcasts e vídeos temáticos.
- Materiais de oficina: *flip charts*, marcadores, *post-its*, cartões e materiais de arte para dinâmicas em grupo.

#### **Conteúdos:**

- Conceitos fundamentais de gênero e sexualidade;
- Interseccionalidade e suas implicações na educação;
- Representações de gênero na história e suas transformações;
- Construção social dos papéis de gênero;
- Desigualdade de gênero e seus impactos na sociedade;
- Estratégias pedagógicas para abordar gênero em sala de aula;
- Análise crítica de fontes históricas e estudos de caso;
- Desenvolvimento de projetos pedagógicos com perspectiva de gênero
- Produção de materiais didáticos inclusivos
- Troca de experiências e construção de soluções colaborativas

#### 4.2.1 Análise da trajetória das mulheres de Buriti dos Lopes entre 1978 e 2024.

Ao analisar a trajetória das mulheres de Buriti dos Lopes entre 1978 e 2024, é fundamental compreender as transformações sociais, políticas e econômicas que impactaram suas vidas. Conforme Oliveira (2010, p. 45)<sup>226</sup>, "as mulheres de Buriti dos Lopes sempre desempenharam papéis centrais nas dinâmicas familiares e comunitárias, ainda que frequentemente invisibilizadas nas esferas públicas". No final dos anos 1970, a sociedade buritiense era marcada por uma forte estrutura patriarcal. De acordo com Sousa (1985, p. 78)<sup>227</sup>, "o controle sobre a educação e a mobilidade das mulheres era exercido de maneira rigorosa pelas famílias tradicionais". No entanto, nas décadas seguintes, observa-se uma lenta, mas constante, mudança nesse cenário.

Durante os anos 1980, embora a estrutura patriarcal ainda predominasse, começaram a surgir movimentos locais de organização feminina. Conforme Santos (1988, p. 56)<sup>228</sup>, "as mulheres iniciaram encontros informais para discutir questões relativas às suas condições de

---

<sup>226</sup> OLIVEIRA, F. **Mulheres e resistência em Buriti dos Lopes**. Buriti dos Lopes: Ed. Cultura, 2010.

<sup>227</sup> SOUSA, L. **Estruturas patriarcais em Buriti dos Lopes**. Parnaíba: Editora Cultura, 1985.

<sup>228</sup> SANTOS, R. **Movimentos femininos no interior do Piauí**. Teresina: Ed. Acadêmica, 1988.

vida e ao acesso à educação". Esse período foi marcado pela influência de movimentos feministas locais que incentivaram uma maior participação das mulheres no espaço público.

Na década de 1990, a crescente urbanização e a expansão do acesso à educação possibilitaram um aumento da presença feminina em espaços antes restritos. Segundo Lima (1998, p. 102)<sup>229</sup>, "a escolarização das mulheres começou a refletir em novas formas de participação política e econômica, ainda que os desafios fossem consideráveis". Esse período também foi marcado pelo surgimento de programas governamentais voltados à inclusão das mulheres no mercado de trabalho.

Nos anos 2000, com a implementação de políticas afirmativas e programas sociais, a realidade feminina em Buriti dos Lopes passou por significativas mudanças. Conforme Ferreira (2003, p. 56)<sup>230</sup>, "o acesso ao microcrédito e aos cursos profissionalizantes trouxe oportunidades antes inexistentes para mulheres da região". Nesse período, também se intensificaram os debates sobre violência de gênero e direitos reprodutivos.

A partir de 2010, com a inserção de mulheres em cargos de liderança e no mercado de trabalho formal, observa-se uma nova dinâmica social. De acordo com Costa (2015, p. 89)<sup>231</sup>, "ainda que avanços tenham sido alcançados, a desigualdade salarial e o acúmulo de funções domésticas continuam sendo desafios para as mulheres de Buriti dos Lopes". Nesse contexto, novas iniciativas foram desenvolvidas para a promoção da equidade de gênero.

No período atual, de 2020 a 2024, observa-se um fortalecimento das redes de apoio femininas e do ativismo digital na cidade. Segundo Nunes (2023, p. 67)<sup>232</sup>, "o uso das redes sociais tem sido uma ferramenta poderosa para a conscientização sobre questões de gênero e para a mobilização por direitos". A democratização do acesso à internet permitiu que mais mulheres compartilhassem suas experiências e se organizassem para reivindicar direitos.

Com a emergência de coletivos femininos locais, foi possível estabelecer um diálogo mais amplo sobre a violência de gênero. Conforme Silva (2021, p. 54)<sup>233</sup>, "o fortalecimento das redes de apoio permitiu que mais mulheres denunciassem situações de abuso e procurassem suporte legal". Essa tendência reflete uma maior sensibilização da sociedade para a importância da proteção dos direitos das mulheres.

---

<sup>229</sup> LIMA, C. **A escolarização feminina e seus impactos**. Teresina: Ed. Universitária, 1998.

<sup>230</sup> FERREIRA, M. **Políticas afirmativas e igualdade de gênero**. Buriti dos Lopes: Ed. Política, 2003.

<sup>231</sup> COSTA, A. **Trabalho e gênero no Piauí**. Parnaíba: Ed. Acadêmica, 2015.

<sup>232</sup> NUNES, T. **Ativismo digital e mobilização social**. Parnaíba: Ed. Virtual, 2023.

<sup>233</sup> SILVA, A. **Redes de apoio e combate à violência de gênero**. Buriti dos Lopes: ed. Direitos Humanos, 2021.

No campo econômico, observa-se também uma crescente presença feminina no empreendedorismo. Segundo Carvalho (2022, p. 78)<sup>234</sup>, "as mulheres têm buscado alternativas sustentáveis para gerar renda e garantir autonomia financeira, especialmente em setores como artesanato e comércio". Esse movimento tem sido impulsionado por iniciativas de capacitação e fomento ao empreendedorismo.

#### 4.3 Resultados: oficina sobre gênero no âmbito escolar

Nos dias 9 e 10 de dezembro de 2024, foi realizada uma oficina pedagógica na Unidade Escolar Benedito Sousa, situada na Rua Coroa de São Remídio, na zona rural de Buriti dos Lopes, Piauí. A atividade, voltada para professores da área de Ciências Humanas, contou com a participação de quatro docentes: Max Ronny do Nascimento Marques, Joelson de Jesus Ferreira, Tiago Herbete dos Santos Sales e Francisco Evandro da Silva Moraes, coordenador da área de História. A oficina, intitulada "Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula", teve como objetivo capacitar os professores a integrar a perspectiva de gênero em suas práticas pedagógicas, promovendo reflexões críticas sobre estereótipos e desigualdades históricas e contemporâneas. A programação foi estruturada em duas etapas, priorizando metodologias participativas e inovadoras para fomentar a interação e o protagonismo dos participantes.

**Figura 5:** Autor ministrando oficina: Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula em 09.12.2024.



Fonte: Autor 2024.

No primeiro dia, a fundamentação teórica foi conduzida por meio de exposições dialogadas sobre conceitos de gênero, sexualidade e interseccionalidade, além de suas

<sup>234</sup> CARVALHO, J. **Empreendedorismo feminino em Buriti dos Lopes.** Teresina: Ed. Social, 2022.

representações na história. As discussões problematizaram a construção social dos papéis de gênero ao longo do tempo, utilizando estudos de caso e análises de fontes históricas para estimular o pensamento crítico dos professores. Em atividades práticas, os participantes foram divididos em grupos para elaborar mapas conceituais, realizar debates em formato de seminários e construir linhas do tempo que destacassem a participação de mulheres e outras identidades de gênero em diferentes períodos históricos.

Durante as dinâmicas, metodologias ativas como a gamificação foram incorporadas para engajar os participantes. Uma das atividades mais marcantes foi o jogo de papéis, no qual os professores assumiram identidades históricas diversas. Essa experiência proporcionou uma vivência imersiva, ampliando a empatia e a compreensão dos impactos das construções sociais de gênero na história e na sociedade contemporânea. Essa abordagem não apenas dinamizou a oficina, mas também inspirou reflexões práticas sobre como essas metodologias podem ser aplicadas no contexto escolar.

No segundo dia, a oficina focou na aplicação prática dos conceitos abordados, incentivando os professores a desenvolverem projetos pedagógicos alinhados à perspectiva de gênero.

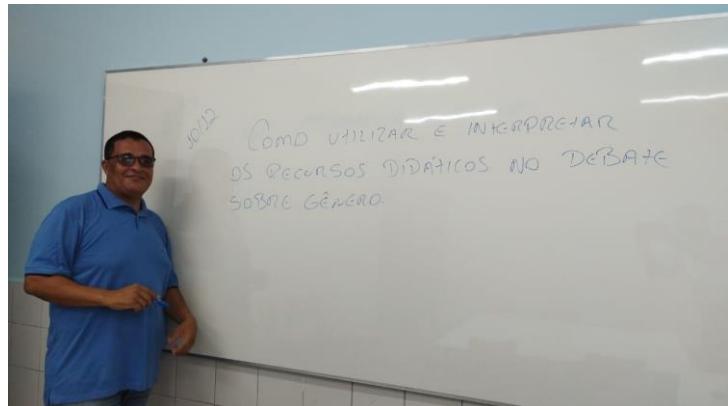
**Figura 6:** Participantes da Oficina



Fonte: Autor 2024.

Oficinas específicas foram realizadas para ensinar o uso de tecnologias educacionais, como a criação de podcasts, blogs e vídeos educativos, visando enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Os participantes tiveram a oportunidade de elaborar planos de aula, materiais didáticos e estratégias de avaliação que contemplassem a diversidade e promovessem a igualdade de gênero. Esses momentos foram acompanhados de trocas de experiências e relatos dos desafios enfrentados na prática docente, promovendo a construção colaborativa de soluções.

**Figura 7:** Autor ministrando oficina: Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula em 09.12.2024.



Fonte: Autor 2024

Ao final da oficina, os professores apresentaram os projetos pedagógicos desenvolvidos, compartilhando suas propostas com os colegas. Essas apresentações foram seguidas de uma sessão de *feedback* colaborativo, que permitiu a identificação de pontos fortes e a sugestão de melhorias nas estratégias apresentadas. Esse momento de troca consolidou a ideia de que a oficina não seria apenas um evento isolado, mas o início de um processo contínuo de aprimoramento profissional e fortalecimento das práticas pedagógicas inclusivas.

Diversos recursos foram utilizados para potencializar o aprendizado, como equipamentos tecnológicos, textos acadêmicos, artigos, documentários, podcasts e materiais para dinâmicas em grupo. A combinação desses elementos garantiu uma experiência rica e diversificada, que atendeu tanto às demandas teóricas quanto às necessidades práticas dos professores. Além disso, foi criado um grupo virtual de apoio contínuo, onde os participantes poderão compartilhar recursos, experiências e dúvidas relacionadas à implementação das novas práticas pedagógicas.

**Figura 8:** Artesanato local confeccionados por mulheres para a utilização de material didático nas oficinas.



Fonte: Autor 2024

A oficina se mostrou uma iniciativa transformadora, oferecendo ferramentas concretas para que os professores abordem questões de gênero de forma crítica e sensível em suas aulas. A aplicação de metodologias inovadoras, aliada à troca de experiências entre os docentes, fortaleceu o compromisso com uma educação inclusiva e de qualidade. Os resultados obtidos reforçam a importância de capacitações que não apenas promovam reflexões teóricas, mas também estimulem práticas pedagógicas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

**Figura 9:** Materiais de artesanato local confeccionados por mulheres para a utilização de material didático nas oficinas.



Fonte: Autor 2024

Dessa forma, a oficina realizada na Unidade Escolar Benedito Sousa representa um marco no processo de formação continuada dos professores de Buriti dos Lopes. Ao integrar reflexões críticas e práticas pedagógicas inovadoras, o evento estabeleceu bases sólidas para a transformação do ensino, destacando-se como um modelo de ação educativa que pode ser replicado em outros contextos escolares.

A análise das percepções dos professores participantes da oficina "Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula", revela transformações significativas em suas visões sobre a integração das questões de gênero no ensino de História. Antes da oficina, prevalecia entre os docentes uma visão mais tradicional e limitada sobre a abordagem de gênero, muitas vezes associada à falta de aprofundamento teórico e à percepção de que tais questões não se conectavam diretamente ao conteúdo programático. Havia também receios quanto à recepção dos alunos e da comunidade escolar ao tratar de temas considerados delicados ou controversos.

**Quadro 1:** Análise das percepções dos professores participantes da oficina "Gênero e História: Desconstruindo Estereótipos e Promovendo a Igualdade na Sala de Aula

Aspectos	Antes da Oficina	Depois da Oficina
<b>Visão sobre gênero no ensino</b>	Tradicional, limitada e superficial.	Crítica, inclusiva e mais abrangente.
<b>Compreensão sobre o conceito</b>	Restrita a diferenças entre homens e mulheres, sem considerar interseccionalidade ou construção social de gênero.	Ampliação do conceito para incluir interseccionalidade, sexualidade e construção social de papéis de gênero.

Aspectos	Antes da Oficina	Depois da Oficina
<b>Metodologias utilizadas</b>	Abordagem pontual e limitada, como em datas comemorativas ou figuras femininas históricas.	Metodologias ativas e inovadoras, como jogos de papéis, mapas conceituais, e recursos digitais.
<b>Confiança para tratar o tema</b>	Insegurança devido à falta de formação específica e receio da reação de alunos e comunidade escolar.	Maior segurança e disposição para abordar o tema de forma integrada e contextualizada.
<b>Ferramentas e recursos</b>	Pouco explorados ou inexistentes.	Uso de <i>podcasts</i> , <i>blogs</i> , vídeos e outros recursos audiovisuais para engajamento e desconstrução de preconceitos.
<b>Colaboração entre professores</b>	Individual, sem troca de experiências estruturada.	Rede de apoio consolidada, com grupo virtual para compartilhar práticas e feedbacks.
<b>Percepção de impacto</b>	Visto como um tema contemporâneo e distante do conteúdo programático.	Reconhecido como essencial e intrinsecamente ligado à formação histórica e social.
<b>Desafios identificados</b>	Resistência ao tema e dificuldade em encontrar estratégias adequadas.	Estratégias sensíveis e embasadas foram desenvolvidas para lidar com resistências e promover aceitação.
<b>Compromisso com mudanças</b>	Limitado devido à falta de clareza e ferramentas.	Fortalecido com uma visão ampliada e o reconhecimento do papel transformador dos professores.

Fonte: Autor 2024.

A ausência de uma formação continuada específica sobre gênero contribuía para a insegurança dos professores ao abordar o tema. Muitos demonstravam uma compreensão restrita, enxergando o conceito de gênero apenas em termos de diferenciação entre homens e mulheres, sem considerar aspectos mais amplos como interseccionalidade, sexualidade e a construção social dos papéis de gênero. Isso resultava em uma abordagem superficial, geralmente limitada a datas comemorativas ou menções pontuais a figuras femininas na história.

Durante a oficina, a exposição dialogada sobre conceitos-chave proporcionou aos professores um entendimento mais profundo e crítico sobre gênero e suas interseções. A análise de fontes históricas e estudos de caso permitiu que os docentes identificassem como a história é permeada por construções sociais que reforçam estereótipos e desigualdades. Esse momento teórico foi essencial para desconstruir percepções equivocadas e mostrar que as questões de gênero não são apenas um tema contemporâneo, mas estão intrinsecamente ligadas à formação das sociedades.

As atividades práticas desempenharam um papel crucial na mudança de perspectiva dos professores. A elaboração de mapas conceituais, debates e construção de linhas do tempo

permitiu que os participantes refletissem sobre como a história pode ser ensinada de maneira mais inclusiva e representativa. A experiência de vivenciar jogos de papéis, assumindo identidades históricas diversas, também foi transformadora, ajudando os professores a se colocarem no lugar de outras identidades e compreendendo as dinâmicas de exclusão e resistência ao longo do tempo.

Após a oficina, os professores relataram uma mudança significativa em suas abordagens pedagógicas. Eles demonstraram maior segurança e disposição para incluir discussões de gênero em suas aulas, utilizando metodologias ativas e recursos inovadores. O desenvolvimento de projetos pedagógicos durante a segunda etapa da oficina foi um indicativo dessa transformação, mostrando que os professores estavam aptos a planejar atividades que integrassem a perspectiva de gênero de maneira transversal e contextualizada.

A criação de conteúdos digitais, como podcasts, blogs e vídeos, foi destacada como uma ferramenta valiosa para engajar os alunos e ampliar o alcance das discussões sobre gênero. Muitos professores reconheceram que essas ferramentas, aliadas a estratégias de ensino baseadas em projetos, poderiam transformar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais dinâmico e inclusivo. Eles também perceberam que o uso de recursos audiovisuais ajuda a desconstruir preconceitos e estereótipos de forma acessível e impactante.

Outro ponto positivo foi a construção de uma rede de apoio entre os professores, consolidada tanto durante as atividades presenciais quanto com a criação de um grupo virtual de troca de experiências. Esse espaço colaborativo permitiu que os docentes compartilhassem dúvidas e sucessos na implementação das práticas discutidas, reforçando o compromisso com a educação inclusiva e transformadora. Além disso, a troca de feedback entre os participantes mostrou-se essencial para aprimorar as estratégias pedagógicas.

Os professores passaram a reconhecer a importância de abordar gênero de forma integrada às demais disciplinas e ao contexto escolar, compreendendo que a promoção da igualdade e a desconstrução de estereótipos contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Essa visão ampliada fortaleceu o compromisso dos docentes em atuar como agentes de transformação social dentro e fora da sala de aula.

No entanto, também foram identificados desafios, como a necessidade de lidar com possíveis resistências de alunos, famílias e até colegas de profissão. Os professores enfatizaram a importância de trabalhar com estratégias sensíveis e embasadas, que dialoguem com a realidade local e favoreçam a aceitação das mudanças propostas. Eles reconheceram que, embora o processo de desconstrução seja gradual, é essencial persistir e adaptar as práticas conforme as demandas da comunidade escolar.

Em síntese, a oficina proporcionou aos professores um novo olhar sobre a relevância das questões de gênero no ensino de História, promovendo um avanço significativo em suas concepções e práticas pedagógicas. A experiência mostrou que, com formação adequada e metodologias inovadoras, é possível transformar a sala de aula em um espaço inclusivo e crítico, contribuindo para a formação de estudantes mais conscientes e preparados para enfrentar as desigualdades de gênero na sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela o papel central das mulheres na construção histórica e cultural do município de Buriti dos Lopes - Piauí, frequentemente invisibilizado pelos discursos tradicionais e problematiza as trajetórias de mulheres que contribuíram significativamente para o desenvolvimento local, seja no âmbito social, político ou econômico, mas cuja representatividade ainda é insuficiente nos materiais didáticos e na prática pedagógica cotidiana. Esse apagamento histórico não é exclusivo de Buriti dos Lopes, mas reflete um problema estrutural da historiografia brasileira e do ensino de História em geral, reforçando a urgência de mudanças efetivas.

A realização da oficina de formação docente sobre Gênero e História representou um passo significativo para preencher essa lacuna. As discussões teóricas e metodológicas abordadas durante a ação, promoveram reflexões profundas sobre como a perspectiva de gênero pode transformar o ensino de História, possibilitando um entendimento mais amplo e crítico sobre o papel das mulheres na sociedade. Professores relataram, após a oficina, uma mudança perceptível na forma de enxergar as questões de gênero, reconhecendo a importância de incluir essas narrativas em suas aulas para oferecer uma educação mais inclusiva e emancipadora.

Um dos principais pontos discutidos foi a relevância de problematizar a construção histórica dos papéis de gênero e como esses moldes sociais impactaram a trajetória das mulheres em Buriti dos Lopes. A análise revelou que, entre 1978 e 2000, as mulheres participaram ativamente em diversos âmbitos da vida pública e privada, desafiando os estereótipos de gênero impostos pela sociedade patriarcal. Contudo, essas contribuições permanecem sub-representadas nos jornais, meios oficiais, literatura, livros didáticos e nos currículos escolares, o que reforça a necessidade de uma revisão crítica desses materiais.

Nesse sentido, propõe-se que os materiais didáticos utilizados nas escolas públicas sejam reformulados, incluindo conteúdos específicos sobre a história das mulheres em Buriti dos Lopes, com ênfase nas lideranças femininas locais, movimentos sociais liderados por mulheres e suas contribuições econômicas, culturais e políticas. Essas mudanças devem ser acompanhadas de uma linguagem acessível e inclusiva, que conte com a diversidade de identidades de gênero e reconheça os desafios históricos enfrentados por essas figuras.

Além disso, é crucial que os professores sejam capacitados continuamente para lidar com questões de gênero em sala de aula. A oficina demonstrou que muitos docentes ainda enfrentam dificuldades para abordar o tema, seja por falta de preparo teórico ou por receio de enfrentar resistências de alunos, pais ou da própria comunidade escolar. Nesse contexto, o

desenvolvimento de metodologias participativas, como projetos interdisciplinares e atividades práticas que utilizem fontes locais, pode facilitar a introdução do tema de forma natural e engajante.

Outro ponto relevante é o uso de recursos tecnológicos e audiovisuais para complementar o ensino de gênero e história. A inclusão de documentários, podcasts, vídeos temáticos e até mesmo a criação de conteúdos digitais pelos próprios alunos pode dinamizar o processo de ensino-aprendizagem e estimular o protagonismo estudantil. A tecnologia, quando bem utilizada, pode se tornar uma aliada poderosa para desconstruir preconceitos e promover a igualdade de gênero.

Além das mudanças nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas, é necessário que as políticas públicas de educação incentivem a integração da perspectiva de gênero no ensino de História. Programas de formação continuada para professores, investimentos em pesquisa sobre a história local com recorte de gênero e a valorização de iniciativas comunitárias que fortaleçam a memória coletiva são algumas das ações que podem ser implementadas para garantir avanços nessa área.

A partir da experiência da oficina, percebe-se que a abordagem de gênero não deve ser tratada como um tema isolado, mas como uma perspectiva transversal que permeia todas as disciplinas do currículo escolar. Ao reconhecer as desigualdades de gênero como questões estruturais, os educadores podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde as narrativas femininas ocupem o lugar de destaque que lhes é devido.

Ademais, a inclusão de biografias de mulheres que fizeram História em Buriti dos Lopes, como lideranças comunitárias, educadoras e trabalhadoras rurais, nos conteúdos escolares é fundamental para inspirar as novas gerações e resgatar a memória coletiva do município. Essas histórias devem ser abordadas de forma crítica, destacando tanto as conquistas quanto os desafios enfrentados por essas mulheres, para que os estudantes possam compreender as complexidades das relações de gênero ao longo do tempo.

Propõe-se também que as escolas promovam debates e atividades culturais que envolvam a comunidade local, como rodas de conversa, exposições e apresentações artísticas que celebrem a contribuição das mulheres para a história de Buriti dos Lopes. Essas iniciativas podem fortalecer os vínculos entre a escola e a comunidade, ao mesmo tempo em que promovem a valorização da memória e da identidade local.

A pesquisa também aponta para a necessidade de aprofundar os estudos sobre gênero no contexto rural, destacando as especificidades vivenciadas pelas mulheres no campo, que enfrentam desafios adicionais relacionados à divisão sexual do trabalho, à invisibilidade de suas

contribuições econômicas e à dificuldade de acesso a direitos básicos. Esse recorte é essencial para compreender as desigualdades de gênero de forma mais abrangente e propor soluções adequadas às realidades locais.

Nesse processo, as parcerias entre escolas, universidades e organizações não governamentais podem desempenhar um papel estratégico, promovendo a troca de conhecimentos e a implementação de projetos colaborativos que valorizem a história e a cultura local. Essas parcerias também podem contribuir para a formação de professores e para o desenvolvimento de materiais didáticos mais representativos e contextualizados.

Outro aspecto que merece atenção é a resistência enfrentada por professores ao introduzir temas relacionados a gênero em sala de aula. A oficina evidenciou que a sensibilização da comunidade escolar é um passo indispensável para garantir o sucesso dessas iniciativas. Campanhas de conscientização, palestras para pais e responsáveis e a criação de canais de diálogo podem ajudar a desmistificar o tema e a promover um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.

Por fim, é importante destacar que a transformação do ensino de História com base na perspectiva de gênero não se limita à inclusão de novos conteúdos ou metodologias. Trata-se de uma mudança de paradigma, que exige o comprometimento de toda a comunidade escolar com os valores da igualdade, do respeito e da justiça social. Esse compromisso é essencial para que as escolas se tornem espaços de transformação, onde todos os estudantes, independentemente de seu gênero, possam se sentir valorizados e empoderados.

A pesquisa e a oficina realizadas em Buriti dos Lopes demonstram que, apesar dos desafios, é possível promover mudanças significativas na forma como a história é ensinada e compreendida. Ao dar voz às mulheres e às suas histórias, estamos não apenas corrigindo uma injustiça histórica, mas também construindo uma sociedade mais consciente e democrática.

Dessa forma, o ensino de História torna-se uma ferramenta poderosa para a transformação social, ao capacitar os alunos a questionarem as desigualdades e a lutarem por um futuro mais equitativo. Esse é o legado que a perspectiva de gênero pode deixar para as escolas de Buriti dos Lopes e para o ensino público como um todo.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História: Conceito, Temática e Metodologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2009.
- ALMEIDA, J. G. **Estruturas patriarcais no Brasil.** São Paulo: Editora Cultura, 1985.
- ALMEIDA, M. R. **Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades.** Rio de Janeiro: Ed. Universitária, 2022.
- ALMEIDA, Magdalena Maria de. **História oral e formalidades metodológicas.** Disponível em: [https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488\\_ARQUIVO\\_ABHOHistoriaoraleformalidadesmetodologicas.pdf](https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488_ARQUIVO_ABHOHistoriaoraleformalidadesmetodologicas.pdf). Acesso em: 15 de nov. 2023.
- ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História e suas práticas de pesquisa.** 2. ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2021.
- ANDRADE, Raimunda Bezerra de. **História das Mulheres no Piauí.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- ANTONI, Edson; ZALLA, Jocelito. **O que o jogo ensina: práticas de construção.** Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- ARAÚJO, Fernanda Oliveira. **Gênero e Memória: Narrativas Femininas no Piauí.** Teresina: Edupi, 2020.
- BANKS, J. A. **Diversity and Citizenship Education: Global Perspectives.** San Francisco: Jossey-Bass, 2008.
- BARCA, Isabel. "Educação Histórica em tempos de negacionismos e pandemias: teorias, práticas e pesquisas". In: **XXI Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica e VI Congresso Ibero-Americano, juntamente com o IV Seminário Nacional de Ensino de História da UFAL**, Maceió, Alagoas, 2004.
- BARCA, Isabel. "**O conceito 'Escravidão' nos Manuais Didáticos de História:** diálogos, itinerários e narrativas em Brasil e Portugal". História & Ensino, dezembro de 2021.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BEAUVOIR, Simone de. **The Second Sex.** New York: Vintage Books, 1949.
- BEZERRA, Maria do Carmo. **Memórias Silenciadas: Mulheres e História no Norte do Piauí.** Teresina: Edupi, 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2018.
- BLOMBERG, A. *et al.* Diesel exhaust inhalation increases thrombus formation in man. **European heart journal**, v. 29, n. 24, p. 3043-3051, 2008.

BONFANTI, A. L; GOMES, A. R. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? *In: Revista Periodicus*, v.1, nº9, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p. ISBN 978-85-286-0859-0.

BRANCHER, Emerson Antonio; PEREIRA, Emanuel Vinícius Petri; MOURA, Letícia Maria de; SILVA, Sara Regina da; DALMOLIN, André Gustavo. Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 14, n. 57, jan./fev./mar./abr. 2022. p. 77, 79. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1214>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático.** Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. **A Escrita da História:** Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e a Subversão da Identidade. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Vida precária:** os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p. ISBN 978-85-512-0500-6.

CABRAL, C. L. O.; MEDEIROS, M. V. Formação docente: da teoria à prática, em uma abordagem sócio-histórica. PUC – São Paulo. **Revista E-Curriculum** – ISSN 1809 – 3876. 2006.

CARVALHO, J. **Empreendedorismo feminino em Buriti dos Lopes.** Teresina: Ed. Social, 2022.

CARVALHO, José Luiz de. **O Piauí Rural:** História e Desenvolvimento. Teresina: Edupi, 2010.

CEPRO- Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí. **Diagnóstico Socioeconômico de Buriti dos Lopes.** Disponível em: [http://www.cepro.pi.gov.br/download/201309/CEPRO27\\_28a1d105b5.pdf](http://www.cepro.pi.gov.br/download/201309/CEPRO27_28a1d105b5.pdf). Acesso em: 25 de jun. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIARA, Ivone Guerreiro Di *et al.* **Normas de Documentação Aplicadas à Área de Saúde.** Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas:** sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

COSTA, A. **Trabalho e gênero no Piauí.** Parnaíba: Ed. Acadêmica, 2015.

COSTA, F. P. **Trabalho e gênero:** uma análise das desigualdades salariais. Recife: Ed. Social, 2015.

COSTA, Mariana; MOURA, João Pedro. **História Local e Gênero em Buriti dos Lopes.** Parnaíba: UESPI, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

DE ALMEIDA TELES, Maria Amélia. O protagonismo de mulheres na luta contra a ditadura militar. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 2, n. 1, p. 9-18, 2014.

COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* **Pensamento Feminista Brasileiro:** Formação e Contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** Unesp, 2004.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 6º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 7º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 8º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História 9º ano.** São Paulo: Scipione, 2022.

EGAN, K. **The Future of Education:** Reimagining Our Schools from the Ground Up. New Haven: Yale University Press, 2005.

ESPAÑA. Lei Orgânica 2/2006, de 3 de maio, de Educação. **Boletín Oficial del Estado**, n.º 106, 4 maio 2006.

FANTINATO, Marcelo. **Métodos de Pesquisa.** São Paulo, 2015. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/sarajane/wp-content/uploads/2015/09/M%C3%A9todos-de-Pesquisa.pdf>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

FERREIRA, José. Formação Continuada de Professores: Desafios e Perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, n. 72, p. 93-112, 2018.

FERREIRA, M. **Políticas afirmativas e igualdade de gênero**. Buriti dos Lopes: Ed. Política, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. 204 p.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. New York: W.W. Norton & Company, 1963.

GARAVAGLIA, Márcia. **Filmes e Documentários**: Ferramentas Didáticas no Ensino de História. São Paulo: Educ, 2016.

GARCIA, T. M. A.; SCHMIDT, M. A. Formação continuada de professores: a experiência do grupo de Araucária. In: HAGEMEYER, R. C. C. **Formação docente e contemporaneidade**: referenciais e interfaces da pesquisa na relação universidade – escola. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

GARCÍA-NAVARRO, Alicia; FERRER, Victoria. **Gender and Education in Spain: Changes and Challenges**. Educational Studies, v. 36, n. 2, p. 171-184, 2010.

GIOCOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. **Jogos e Ensino de História** [recurso eletrônico]. Organizado por Marcello Paniz Giacomoni e Nilton Mullet Pereira. Coordenado pelo SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

GÓES, Camila Magalhães. **O ensino de história e o sujeito histórico**: narrando histórias, tecendo sentidos / Camila Magalhães Góes. – 2013.

GOMES, Ângela Maria de Souza. **Mulheres negras e a resistência na história do Brasil**. São Paulo: Editora XYZ, 2017.

HILL, Kelly. Legislative Efforts to Restrict Gender and Diversity Education in the United States. **Journal of Educational Policy**, v. 34, n. 2, p. 175-190, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensamento feminista negro. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Renata Corrêa. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Tradução de Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares negros:** raça e representação. Tradução de Valéria Lima e Caroline Chang. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. Tradução de Sara Wagner York. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Buriti dos Lopes - PI.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/buriti-dos-lopes.html>. Acesso em: 11 jul. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022.** Rio de Janeiro, IBGE, 2023.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado:** novas tendências. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar – se para a mudança e a incerteza. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEAL, Mariana Alves. **História das Mulheres no Piauí:** Contribuições e Desafios. Teresina: Edupi, 2015.

LEE, Kwan Min. **Presence, Explicated.** Communication Theory, v. 14, n. 1, p. 27-50, 2004.

LEITÃO, Rachel Soares; MENEZES, Maria de Lourdes Pinto de; CAVALCANTE, Alice Monteiro. **Política de Igualdade de Gênero no Brasil.** 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2018.

LERNER, Gerda. **The Creation of Patriarchy.** New York: Oxford University Press, 1986.

LIMA, C. **A escolarização feminina e seus impactos.** Teresina: Ed. Universitária, 1998.

LIMA, C. E. T. de. **Metodologia do Ensino de História e a Didática da História.** Campinas, SP: Papirus, 2004.

LIMA, Clara Regina. **Gênero e Trabalho Rural no Piauí.** Parnaíba: UESPI, 2019.

LIMA, R. **O impacto das políticas afirmativas para mulheres no Nordeste.** Fortaleza: Ed. Política, 2003.

LIMA, Rafael Souza. **Movimento Sindical e Gênero no Piauí Rural.** Teresina: Edupi, 2019.

LOPES, Regina Célia. **Educação e Gênero no Sertão.** Parnaíba: UESPI, 2018.

LOURO, Gisely Lessa. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo: Cortez, 1997.

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.
- MACEDO, Ronaldo. **Ensino de História e Diversidade Cultural.** São Paulo: Cortez, 2017.
- MARINHO, Ivan Pedro Gontijo; KAWAMOTO, Emerson; PEREIRA, Francisco Jose dos Santos; DOMINGUES, Maria Isabel. **A Formação de Professores de História na Educação Básica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
- MENESES, Jacqueline de Fátima Batista; MOREIRA, Maria Angélica Cavalcante. **Gênero e Interseccionalidade na Educação.** João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2019.
- MORAN, Patricia. "The Flaw in the Centre": Writing as Hymenal Rupture in Virginia Woolf's Work. **Tulsa Studies in Women's Literature**, v. 17, n. 1, p. 101-121, 1998.
- MOTTA, Adilson Pires. **O que é e como montar uma oficina pedagógica?** 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/oficina-pedaggica-31185394/31185394>. Acesso em: 17 set. 2024.
- NASCIMENTO, Carla Silva. **História e Educação em Buriti dos Lopes.** Teresina: Edupi, 2022.
- NASCIMENTO, S. **Redes de apoio e combate à violência de gênero.** Salvador: Ed. Direitos Humanos, 2021.
- NOGUEIRA, Daniela. Gênero e Sexualidade na Educação. **I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, p.13-21, 2010.
- NOGUEIRA, Helena. **História e Currículo: Gênero e Educação no Norte do Piauí.** Parnaíba: UESPI, 2019.
- NOGUEIRA, Helena. **Saberes Femininos e História Local.** Teresina: Edupi, 2013.
- NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores.** Porto: Porto Editora, 1992.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí.** Vol.2. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- NUNES, T. **Ativismo digital e mobilização social.** Parnaíba: Ed. Virtual, 2023.
- OLIVEIRA, F. **Mulheres e resistência em Buriti dos Lopes.** Buriti dos Lopes: Ed. Cultura, 2010.
- OLIVEIRA, Nágila Maria. **Mulheres e Narrativas Orais em Buriti dos Lopes.** Teresina: Edupi, 2021.
- OLIVEIRA, T. **Ativismo digital e mobilização social.** Belo Horizonte: Ed. Virtual, 2023.

ONU MULHERES. Organização das nações unidas. **Plataforma cidade 50/50:** todos e todas pela igualdade. Disponível em: <https://www.cidade5050.org.br/>. Acesso em: 27 de jun. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PENSINHO, Adriana *et al.* **Ensino de História:** Reflexões e Propostas para a Sala de Aula. Organizado por Adriana Pensinho, Liana Costa, Sandra Terezinha. São Paulo: Cortez, 2016.

PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. **A mulher no mercado de trabalho.** Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. São Luís Maranhão, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PIAGET, Jean. **Jan Amos Comênia.** Jean Piaget. Tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Gino Marzio Ciriello Mazzetto; organização: Martha Aparecida Santana Marcondes. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. **História das Mulheres no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Os Privilégios Masculinos.** 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Editora Universidade, 2003.

POCAHY, Fernando Altair. Botando corpo, (des) fazendo gênero. Uma ferramenta para a pesquisa-intervenção na educação. *In: Reflexão e ação*, v.24, n.1, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **A Batalha de Valle Giulia:** A História Oral e o Processo de Produção do Conhecimento. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTO, Sergio. **A Didática da História no Ensino de Segundo Grau.** São Paulo: Cortez, 2007.

PRAXEDES, Francine P.; VIANA, Maria R.; VIEIRA, Renata M. **Política Nacional de Formação de Professores:** Desafios e Perspectivas. São Paulo: Moderna, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Testo Yonqui.** Madrid: Espasa Libros, 2008.

QUEIROZ, Teresinha. **Educação e Sociabilidade em Teresina:** Práticas Culturais e Elite. Teresina: Editora da UFPI, 2020.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosangela C. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós**, v. 2, n. 2, p. 1-32, 2013.

QUINZANI, Rafael Fiedoruk; RIBEIRO, José Iran. Abordagem da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985) na segunda edição do livro didático História em Movimento. **Temporalidades – Revista de História**, v. 11, n. 2, p. 303-322, 2019.

RAGO, Margareth. **Oreste Ristori**: Uma aventura anarquista. 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 1998.

RIBEIRO Renilson Rosa; SANTOS Amauri Junior da Silva. Historiografia escolar e historiografia acadêmica: relações possíveis na produção do conhecimento sobre ensinar e aprender História. In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. Ed. São Leopoldo: Oikos, 2021.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.

ROWBOTHAM, Sheila. **Hidden from History**: 300 Years of Women's Oppression and the Fight Against It. London: Pluto Press, 1973.

SAMPAIO, Claudia. **História e Gênero**: Debates Contemporâneos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SANTOS, Ana Clara. **Fontes Alternativas na Historiografia Regional**. Teresina: Edupi, 2021.

SANTOS, J. T. N. Diversidade sexual e de gênero no currículo escolar e na formação docente: desafios e práticas de respeito. In: **Revista de ciências sociais**, v.52, n°3, 2022.

SANTOS, M. **A escolarização feminina e seus impactos sociais**. Curitiba: Ed. Acadêmica, 1998.

SANTOS, R. **Movimentos femininos no interior do Piauí**. Teresina: Ed. Acadêmica, 1988.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Estudos feministas**: esboço crítico. 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História & Ensino de História**: relações entre saber histórico e didática. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e a política da história**. Tradução de Christine Rufino Dabat. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

SCOTT, Joan W. **História das Mulheres**: Estudos sobre Gênero e História Social. Tradução de Bárbara Duarte Soares e Eugênio Rezende de Carvalho. Revisão técnica de Tânia Maria Tavares Bessone; Nota introdutória de Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Cortez, 2011.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. Educação & realidade. Porto Alegre. p. 71-99, 1986.

SCOTT, Joan. **Fantasias do milênio:** o futuro do gênero no século XXI. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 12, n. 39, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade*, v.20, nº2, 1995.

SILVA, A. **Redes de apoio e combate à violência de gênero.** Buriti dos Lopes: Ed. Direitos Humanos, 2021.

SILVA, Clarice Novaes da. **Ensino de História, Cidadania e Democracia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, Gildazio; NUNES, Francisco. **Buriti dos Lopes:** pré-história, história e memória. Parnaíba: Sieart, 2021.

SILVA, Júlio César. **Cultura Popular e Gênero no Norte do Piauí.** Parnaíba: UESPI, 2019.

SILVA, P. **Mulheres invisibilizadas:** trajetórias de resistência no Piauí. Teresina: Ed. Social, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades e Diferenças na Educação:** Novas Perspectivas para a Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOIHET, Rachel; MENEZES, Wanda Ferreira de Sá. **História das Mulheres no Brasil:** Gênero e Educação. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOIHET, Rachel; PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismos e Feministas na História.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SOUSA, L. **Estruturas patriarcais em Buriti dos Lopes.** Parnaíba: Editora Cultura, 1985.

SOUSA, Luiza Bezerra de. As Mulheres e o Trabalho: Perspectivas de Gênero. **Estudos Feministas**, v. 17, n. 2, p. 319-329, 2009.

SOUSA, Nágila Maria Oliveira. **Mulheres e Comunidades no Piauí.** Teresina: Edupi, 2018.

SOUSA, Valéria da Silva. **Resistência Feminina e Trabalho Rural no Piauí.** Parnaíba: UESPI, 2020.

TÉLLEZ DELGADO, Ana. **Belleza siempre con salud.** Madrid: LID Editorial Empresarial, 2017. 111 p. ISBN 978-84-16894-29-1.

TARDIF, Maurice. **mi** Petrópolis: Vozes, 2002.

TERRA, Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcellos; AQUINO, Quelen Brondani de. Desigualdade de Gênero, Políticas Públicas Relacionadas à Educação e Participação Social. *In: Seminário Nacional de Ciência Política*, Porto Alegre, 2012.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOPALOV, Christian (Ed.). **Histórias de Vida: Construindo a Narrativa Social**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOURINHO, Maria Antonieta Campos. Os sujeitos históricos e o ensino de história: os heróis precisam ser banidos? **Revista Brasileira de História**, v. 28, n. 55, p. 191-210, 2008.

VEIGA, Ilka. Desigualdade de Gênero: Análise das Dinâmicas do Poder Patriarcal no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, p. 131-152, 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Curriculum, Conhecimento e Cultura Escolar: Perspectivas Críticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WOOLF, Virginia. A Room of One's Own: (1929). In: **The people, place, and space reader**. Routledge, 2014. p. 304-308.

ZAMBONI, Yves; LITSCHIG, Stephan. **Audit risk and rent extraction: Evidence from a randomized evaluation in Brazil**. Journal of Development Economics, v. 134, p. 133-149, 2018.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: **Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

**ANEXOS**

## Anexo 01 – Ata de Fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Buriti dos Lopes

1

Acto da assembleia-  
geral de Fundação do Sindicato dos Trab-  
balhadores Rurais de Buriti dos Lopes  
Piauí realizada no 17 dia do mês de  
Setembro de 1978

Ass. desse sete (17) do mês de Setem-  
bro do ano de 1978 às 10:00 horas no  
Salão do Pirangi club nesta cidade de  
Buriti dos Lopes estado do Piauí rea-  
lizar-se o assembleia-geral de fundação  
do Sindicato Lestidamente convocada por  
Edital de convocação publicado em data  
1º de Setembro de 1978, para o deliber-  
arão da seguinte ordem do dia: 1º- F-  
undação do Sindicato dos Trabalhado-  
res Rurais de Buriti dos Lopes, 2º- A-  
leitura e discussão e aprovação dos  
estatutos Sociais; eleição e posse da  
Diretoria Provisional; 4º- fixação do  
taxa de contribuição Social; A Solen-  
eidade foi instalado pelo SR. Leo-  
nádio Nunes de Oliveira Diretor e Se-  
cretário da Federação dos Trabalhado-  
res na agricultura do Estado do Piauí  
Fetag-PI estando presentes também  
o SR. Jorge da Costa Veloso, funcioná-  
rio do Fetag-PI e a SRA Mario do  
Socorro Cabral, funcionária do INCRA  
em Ceresina e ainda contou com a  
presença dos seguintes autoridades  
locais: Antônio Ribeiro Caçares Prefe-  
ito municipal de Buriti dos Lopes, SR.  
José Carvalho Feitosa Juiz de Direito da  
Comarca local, José Maria - Deputado do

digo En. Padysal, Teinto, Domingos Lafral  
 Delegado da PM, PE, Onai Braga de  
 Souza, estiveram presentes também  
 ao ato representantes da Comarca mu-  
 nicipal, o Vice-Prefeito, o Presidente do  
 Pirangi Club, SR. Lando do Vale, re-  
 presentante da FYNRURAL, o Presidente  
 do Setor local, da (San) digo CNEP e o  
 Diretor do Ginásio local, após aíus,  
 falavam de mese dos trebichos da mesma  
 foram dirigidos pelo Juiz da Comarca e  
 foram (cre) digo Secretariado pelo SR.  
 Sec. adm. Nunes de Oliveira. O Presiden-  
 te da mesa autorizou o Secretário para  
 que o mesmo fizesse a leitura do Edital  
 de Convocação e isso foi feito. Procedeu-  
 se, apos a leitura do Edital Pessoal  
 se a discutir a 1º e tendo mesmo  
 que se o a conveniencia da fundação  
 do Sindicato dos Trabalhadores Rurais  
 de Buriti das Lopes, o que foi aprovado  
 por todos; passando-se para o 2º  
 Item da Ordem do dia, foi feita a  
 leitura dos estatutos sociais após o que  
 foi o mesmo um discurso e votado e  
 foi aprovado por unanimidade;  
 passando para o 3º Item do Edital foi  
 escolhido o Seguinte Diretoria provisó-  
 ria: Presidente: Pedro Ferreira da Silva,  
 Secretário José Val do Nascimento - Tesou-  
 rista Bernardo Nunes de Santana suplente  
 da Diretoria; Francisco Ferreira Lima -  
 Contábil Francisco Vilela; General de Souza  
 Lima, - Conselheiro fiscal: Opetivos: Raimundo

do Ricardo da Silva + Mario do Socorro Pereira Pereira, e Damiao Felix do Silva  
 - Suplente do Conselho fiscal: Antonio Cardoso de Souza - Francisco Mendes /  
 Freitas Filho - e Francisco de Assis Fernandes da escolha da Diretoria Pro-  
 visoria houve um enfoque da  
 mesma nos respectivos cargos: Person-  
 -se a disputa a 4º. stem, qual reja a  
 taxa de contribuição Social. Feita a ma-  
 xima exposição sobre o assunto os trabalha-  
 dores presentes proferiram e aprovaram  
 a taxa simbólica de R\$ 10,00 (dez cruzados)  
 mensais. Erguida a motivação da ordem  
 do dia o Presidente tendo feito o uso do  
 Salavona franquiu-o ao SR. Prefeito  
 municipal que manifestou-se satisfeito  
 pelo evento, ocasião em que ofereceu  
 tudo fazer pelo seguimento da enti-  
 dade, reunião que a mesma não auxi-  
 lar em classe mais desassistida e colo-  
 car com sua administração também  
 faleu o Presidente da entidade, quando  
 fez sentir em todos a sua gratidão  
 e se fez com confiando na colaboração  
 de todos tudo de se para que a saí-  
 da se desenvolva, depois fez uso da  
 Palavra o representante do FONRURAL digo  
 Fetag-PI o qual congratulou-se com  
 (sic) digo todos e logo em seguida a  
 grande tarefa a realizar pela Diretoria  
 e feito os Trabalhos de município em  
 seguida o Presidente da mesa em seu  
 Salavona manifestou a sua satisfação

disse afeiçar o Sindicato para que  
ele fosse crescer e representar bem a  
classe trabalhadora mais sofrida do  
município não havendo mais mais  
para tratar o presidente da mesa deve  
ser encarado os trabalhos e para-louz  
far fei logo para esta oficina que vai as  
sindicalista Diretoria provisória do  
entidade Buriti das beber, 17 de Setembro  
de 1978.

Redem Fennec da Silva  
PRESIDENTE

SECRETARIO

TESOUREIRO -

Penitentes 26 - 7-87.

Pedro Ferrura da Silva  
 Jose Rodriguez Muniz  
 Bernardo Marcielos Anjo  
 Francisca di Amorim da Silva  
 Francisco Filipe Santiago  
 Jose Cardoso da Araujo  
 Raimundo Sales Barbosa  
 Pedro Savritto di Carvalho  
 Luis Raimundo di Carvalho  
 Pedro Normato Pereda  
 Raimundo Normato di Souza  
 Manuel Muniz Teixeira  
 Raimundo Normato di Souza Parro  
 Domingo Miranda di Souza  
 Francisco dos Chagaz Creice  
 Miguel Rodriguez Muniz  
 Jose Joaquim do Santos apelido Ziga  
 Vicente Deltino di Oliveira  
 Antonio Felix di Cirqueira  
 Bernardo Santos da Silva  
 Benedicto Joaquin  
 Raimundo Ferreira Penha Costa  
 Francisco Bernardo de Lima  
 Antonio Cardoso de Souza  
 Jose Domingos dos Santos  
 Deodoro Cardoso Peleira  
 Joao Batista Pinto  
 Raimundo Felix Cirqueira  
 Manoel Ernestina dos Santos Cirqueira  
 Manoel Jose de Costa  
 Rita Penha Pinto  
 Mariana Oliveira Pinto  
 Antonio Joaquim de Souza

Francisco José de Souza  
 José Ezebio dos Nascimentos  
 Joaquim de Nóbrega de Carvalho  
 Hilário Condado de Souza  
 Domingo Paulino Alvimade  
 Manoel Torres Ribeiro  
 José Augustinho da Silva  
 Maria de Oliveira Freire  
 Alberto Ribeiro  
 Antônio Francisco Vilhena  
 Domingo Ribeiro  
 Afonso Rodrigues de Souza  
 Manoel Chaves de Carvalho  
 Maria de Carvalho de Souza  
 Maria Paulina de Alvimade  
 Bernardo Corrêa da Silva  
 Adão Elias da Silva  
 José Alves de Lima  
 Bernardo Antônio da Nóbrega  
 Afonso Nóbrega de Carvalho  
 Luís Cláudio de Oliveira  
 Bernardo Gomes de Souza  
 Francisco Moreira de Carvalho  
 Antônio Bernardo de Carvalho  
 Maria Rodrigues dos Nascimentos

Anexo 02 – Materiais Utilizados Da Oficina  
Produção Cultural e Artesanal de Mulheres Buritienses



## Materiais Utilizados no Cotidiano do Trabalho Rural Feminino



Anexo 03 - Materiais Didáticos Utilizados pelo Município de Burití dos Lopes



UNIDADE I	
CAPÍTULO 1 Apresentação (Entoemos da nossa terra).....	6
O que a História estuda? .....	8
Tempo .....	11
O calendário cristão .....	12
O tempo histórico .....	14
Uma periodização .....	18
ATIVIDADES .....	20
CAPÍTULO 3 Cultura	
Definição .....	23
As fontes da História .....	24
O conhecimento histórico .....	26
A colaboração de outros profissionais .....	27
Quem faz a História? .....	28
ATIVIDADES .....	31
CAPÍTULO 3 OS PRIMEIROS Povoadores	
DA TERRA .....	36
Sobre a origem do ser humano .....	37
O criacionismo.....	37
O evolucionismo .....	38
Os primeiros hominídeos .....	40
O Homo sapiens sapiens .....	41
Caçadores e coletores .....	42
O domínio do fogo .....	43
Agricultores e pastores.....	44
Idade dos metais .....	47
ATIVIDADES .....	48
CAPÍTULO 4 PRIMEIROS HABITANTES	
DA AMÉRICA .....	52
Da África para outros continentes .....	53
Como chegaram? .....	54
Descobertas sobre a	
presença humana na América .....	55
Os estudos de Niède Guidon.....	56
Os habitantes das terras americanas .....	58
Caçadores e coletores .....	59
Agricultores da Amazônia .....	62
ATIVIDADES .....	63
UNIDADE II	
CAPÍTULO 5 EGITO E KUSH .....	66
África: organizações políticas .....	67
Cotidiano no Antigo Egito .....	68
O Império egípcio .....	70
Sociedade e poder .....	72
O faraó .....	72
Os altos funcionários e os sacerdotes .....	73
Artesãos, comerciantes e militares .....	75
Os camponeses e os escravos .....	76
A religiosidade egípcia .....	77
O Reino de Kush.....	79
Características do Reino de Kush .....	80
A escolha do rei .....	81
Candace, a mulher na política .....	82
Economia e sociedade .....	83
ATIVIDADES .....	87
CAPÍTULO 6 MESOPOTÁMIA .....	91
Os sumérios e os acádios .....	93
A escrita e as leis .....	93
Os amoritas .....	95
Os assírios .....	97
Os caldeus .....	98
Sociedade e poder .....	100
Economia: o campo e a cidade .....	101
ATIVIDADES .....	103
CAPÍTULO 7 POVOS INDÍGENAS	
DA AMÉRICA .....	107
Espaço e diversidade cultural .....	108
O Império Asteca: conceito e localização .....	109
A cidade de Tenochtitlán .....	110
Esporte e saúde.....	111
Os maias .....	112
As cidades-Estado maias .....	113
Os incas .....	115
As cidades incas .....	116
Indígenas das terras onde hoje é o Brasil .....	118
Conhecendo os povos indígenas .....	119
Diferenças entre os indígenas .....	120
Semelhanças entre os indígenas.....	122
ATIVIDADES .....	123

## ELETIVA DE HISTÓRIA E CULTURA

PRAÇA CENTRAL DE BURITI DOS LOPES



BANDEIRA DE BURITI DOS LOPES



UNIDADE ESCOLAR NOSSA SENHORA DE FÁTIMA  
POVOADO SALGADINHO



**UNIDADE 1 - ASPECTO HISTÓRICO**

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA  
BURITI DOS LOPEZ: MUNICÍPIO  
4 DE SETEMBRO  
BALAIADA

**UNIDADE 2 - OS PRIMEIROS POVOS**

CHEGADA DOS EUROPEUS AO BRASIL  
A ORIGEM: PEDRA DO LETREIRO E PORÃO DO JAPÃO  
PIAUÍ NO MAPA  
OS INDÍGENAS NO PIAUÍ  
TREMEMBÉS

OS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

**UNIDADE 3 - AS ORIGENS SOCIAIS**

MOVIMENTOS E CLASSES SOCIAIS

POVOADOS

TINGUIS

INCONFIDÊNCIA MINEIRA

TRADIÇÃO RELIGIOSA

NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

**UNIDADE 4 - SÍMBOLOS**

ELEIÇÃO MUNICIPAL 2020

BANDEIRA, BRASÃO BURITI DOS LOPEZ (PI)

HINO DO MUNICÍPIO BURITI DOS DE LOPEZ

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE BURITI DOS LOPEZ

ORIENTAÇÃO

**UNIDADE 5 - ASPECTOS GEOGRÁFICOS**

BAIRROS

OS BAIRROS SÃO DIFERENTES

RUAS E AVENIDAS

MEIO AMBIENTE

CENTRAL DE TRATAMENTO DE RESÍDUOS

**UNIDADE 6 - TRABALHO E RENDIMENTO**

O DIA DO TRABALHADOR

DIFERENTE FONTE DE RENDA

EMPRESAS EM BURITI DOS LOPEZ, PI

FERIADOS

EDUCAÇÃO NO BURITI E EDUCAÇÃO SUPERIOR

18 DE ABRIL – DIA NACIONAL DO LIVRO INFANTIL

JOSÉ BENTO RENATO MONTEIRO LOBATO.

**UNIDADE 7 - NEGRITUDE PIAUENSE**

A ESCRAVIDÃO

MULHERES NEGRAS: IMPACTO DA DESIGUALDADE

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

ZUMBI

AS FAZENDAS NO PIAUÍ

**UNIDADE 8 - FÉ E ECONOMIA**

FESTEJO DE SANTA LUZIA

BARRA DO LONGÁ

EMPREENDEDORISMO: AS BARRAQUEIRAS

MERCADO

**UNIDADE 9 - A ARTE COMO REPRESENTAÇÃO**

CULTURA

LITERATURA

ALGUNS POETAS BURITIENSES

NENÉM CALIXTO

A ARTE COMO REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO DE BURITI DOS LOPEZ

RENNEÉ FONTENELE, ERASMO MARCIO FALCÃO

AGENTES CULTURAIS

QUADRILHA JUNINA, CAPOEIRA